



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



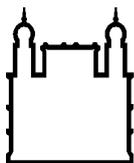
*PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOÉTICA, ÉTICA
APLICADA E SAÚDE COLETIVA - PPGBIOS
UFRJ, FIOCRUZ, UERJ E UFF*

Corpo, trauma e rebeldia: narrativas de mulheres com transtornos alimentares e obesidade em blogs feministas

Karla Menezes Cravo Alves

Rio de Janeiro

2019



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Karla Menezes Cravo Alves

Corpo, trauma e rebeldia: narrativas de mulheres com transtornos alimentares e obesidade em blogs feministas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva - PPGBIOS, em associação das IES UFRJ, Fiocruz, UERJ e UFF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lucia de Moura Pontes

Coorientador: Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento

Rio de Janeiro

2019

Catálogo na fonte

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Biblioteca de Saúde Pública

C898c Alves, Karla Menezes Cravo.
Corpo, trauma e rebeldia: narrativas de mulheres com transtornos alimentares e obesidade em blogs feministas Alves / Karla Menezes Cravo Alves. -- 2019.
105 f. : ilus. color.

Orientador: Ana Lucia de Moura Pontes e Igor Pinto Sacramento.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2019.

1. Feminismo. 2. Imagem Corporal. 3. Obesidade. 4. Narrativa Pessoal. 5. Internet. 6. Estresse Psicológico. I. Título.

CDD – 23.ed. – 306.4613

Corpo, trauma e rebeldia: narrativas de mulheres com transtornos alimentares e obesidade em blogs feministas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva - PPGBIOS, em associação das IES UFRJ, Fiocruz, UERJ e UFF, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva.

Aprovada em: 20 de dezembro de 2019

Banca Examinadora

Dr.^a Luciana Stoimenoff Brito
Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero

Dr.^a Marisa Palácios da Cunha e Melo de Almeida Rego
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dr.^a Ana Lucia de Moura Pontes
Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública

Rio de Janeiro

2019

Para todas as mulheres que estiveram ao meu lado durante este percurso e outras tantas.

*“Mode on high tech
Modelo ocidental
Magra, clara e alta
Miss beleza universal
É ditadura!
Quanta opressão
Não basta ser mulher
Tem que tá dentro do padrão”
(Miss Beleza Universal, Doralyce, 2017)*

RESUMO

O feminismo retornou ao debate público e as atuais gerações do movimento de mulheres encontraram no ambiente virtual não somente uma plataforma de aproximação e mobilização, como um espaço de produção de subjetividade e testemunho de suas experiências mais íntimas em relação a seus próprios corpos. Orientada pela tríade corpo-trauma-rebeldia, esta pesquisa almeja compreender como narrativas de emancipação e autoestima vêm sendo incorporadas à luta política pelos novos feminismos. Para isso, investiga 11 relatos escritos por mulheres e publicados nos blogs Lado M e Blogueiras Feministas ao longo da segunda década do século 21. Baseando-se na teoria social do discurso Fairclough (2001) e na metodologia de interpretação dos sentidos proposta por Gomes et al. (2012), criaram-se categorias analíticas que apontam para sentidos de empoderamento, autoaceitação, sororidade, coletividade e união a partir da reapropriação de experiências traumáticas e do processo de dessilenciamento de corpos outrora instituídos anormais.

Palavras-chave: Feminismo; Corpo; Testemunho; Internet; Trauma.

ABSTRACT

Feminism has returned to the public debate and the current generations of the women's movement have found in the virtual environment not only a platform for mobilization, but also a space for the production of subjectivity and testimony of their most intimate experiences in relation to their own bodies. Oriented by the body-trauma-rebellious triad, this research aims to understand how narratives of emancipation and self-esteem have been incorporated into the political struggle in the new feminisms. To this end, it investigates 11 reports written by women and published on the Lado M and Blogueiras Feministas blogs throughout the second decade of the 21st century. Based on the discourse theory (Fairclough, 2001) and on the "interpretation of senses" method proposed by Gomes et al.(2012), analytical categories have been pointed out in order to grasp meanings of empowerment, self-acceptance, sorority, collectivity and union upon the recollection of traumatic experiences and the process of unsilencing of bodies previously perceived as abnormal.

Key words: Feminism, Body, Testimony, Internet, Trauma.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: identificação do material empírico.....49

Tabela 2: identificação de dinâmicas narrativas.....50

SUMÁRIO

PRÓLOGO	7
INTRODUÇÃO	10
1) FEMINISMOS: HISTÓRIA E ESPAÇOS DE LUTA	15
1.1) “MULHERES, VOCÊS SÃO TODAS UMAS HEREGES!”: DA CAÇA ÀS BRUXAS À LUTA PELO SUFRÁGIO UNIVERSAL	16
1.2) “O QUE É, AFINAL, UMA MULHER”: DA POLITIZAÇÃO DO PRIVADO EM MEIO À LUTA ARMADA AOS ESTUDOS INTERSECCIONAIS	21
1.3) “DEPOIS DE JUNHO VEM A PRIMAVERA”: REPOTENCIALIZAÇÃO DO CORPO NA QUARTA ONDA FEMINISTA	25
1.4) A INTERNET COMO <i>LOCUS</i> DE POLITIZAÇÃO NO FEMINISMO.....	27
1.4.1) CAMPANHAS	27
1.4.2) COLETIVOS EM REDE E PRODUÇÃO DE SABERES LOCALIZADOS	29
2) ENTRE O TRAUMA E O EMPODERAMENTO: CORPO FEMININO E ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS	32
2.1) A REINVENÇÃO DA MULHER NA MODERNIDADE	32
2.2) NOVAS MORALIDADES DO CORPO FEMININO NO MUNDO OCIDENTAL CONTEMPORÂNEO.....	35
2.3) O TRAUMA E A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO DA VÍTIMA.....	40
2.4) DA CONFISSÃO AO TESTEMUNHO: “O DESLOCAMENTO DO ANORMAL”	42
2.5) O ESPAÇO BIOGRÁFICO E ESCRITA PERFORMÁTICA	44
3) PERCURSO METODOLÓGICO	46
4) RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
4.1) CORPO: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E VESTÍGIOS DA ANORMALIDADE.....	51
4.2) TRAUMA: A MEMÓRIA E A POLITIZAÇÃO DO DISCURSO DA VÍTIMA.....	55
4.3) REBELDIA: FEMINISMOS, SORORIDADE E EMPODERAMENTO.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXO i – MATERIAL EMPÍRICO	67
ANEXO ii – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE	95

PRÓLOGO

Eu não lembro, ao certo, quando me reconheci feminista. Ter crescido em volta de mulheres independentes me fez logo cedo questionar os papéis definidos nas divisões de sexo-gênero, ainda que de maneira instintiva. Se o livro de Estudos Sociais dizia caber ao pai o trabalho para a estabilidade financeira do lar, eu retrucava que “lá em casa, quem paga as contas e ainda cozinha todo dia é minha mãe”.

Fui uma mulher preparada por outras mulheres para vida pública, mesmo que nenhuma de minhas antecessoras tenha se dado conta disso de maneira consciente. O feminismo enquanto teoria e movimento social lhes parecia distante, é verdade, mas elas o personificavam todos os dias, desde o momento em que saíram do interior para a cidade em busca de melhores oportunidades ou quando assumiram os papéis de provedoras principais de seus lares, muitas vezes abrindo mão de sonhos profissionais para garantir maior conforto e estabilidade a seus descendentes.

As inquietações que norteiam a elaboração deste trabalho tiveram como ponto de partida a interação com o distinto universo feminino que me criou. Ainda criança, algo passou a me intrigar a respeito daquelas mulheres fortes, polivalentes, funcionárias-modelo e mães dedicadas: todas eram extremamente rígidas – consigo e entre si – sobre como deveriam apresentar-se ao mundo. O binômio descuido + culpa era recorrente nos tradicionais almoços de domingo, em que todas costumavam, basicamente, lamentar a voracidade dos próprios apetites. Havia uma espécie de odisseia da dieta, onde aipos (ou quaisquer alimentos-aliados da vez) transformavam-se heróis e as sobremesas, em antagonistas. “Haja sopa para compensar tanto doce”, uma dizia. “Uma fatia desta torta são muitas voltas ao redor da praça”, a segunda completava, às gargalhadas. O afeto me faz lembrar destas conversas com humor, mas, à época, minha maior indagação era por que aquelas mulheres que nada tinham a dever ao mundo não podiam obter todo o prazer possível e inimaginável daquelas refeições que elas mesmas haviam preparado para todos nós. “Mulher não pode dormir no ponto...”, todas sempre repetiam.

Viver a adolescência na virada do século XX para o XXI me fez entender um pouco o sono que elas tanto temiam. Embora a internet já estivesse bastante desenvolvida no Brasil, ainda era a televisão e, principalmente, as revistas

especializadas que conferiam àquela geração de meninas-mulheres verdadeiras cartilhas de valores e comportamentos. Atentas, as jovens folheavam e comentavam sobre as reportagens que mais pareciam cartilhas prescritivas gendrificadas. Toda uma nova semântica surgiu diante dos meus olhos e eu passei a compreender, gráfica e textualmente, os pesos morais de termos como “gordura”, “barriga”, “celulite”, “flacidez”, “acne”, entre tantos outros que, até então, não faziam parte do imaginário de uma criança de 12 anos.

Na engrenagem da feminilidade que me apossava em casa e na escola, plenamente amparada nos dispositivos midiáticos da época, não havia muito espaço para a espontaneidade. Eu e as mulheres ao meu redor éramos tomadas de uma fome simbólica, voraz e insaciável, que nos afastava cada vez mais de explorarmos as potencialidades de nossos corpos. O feminismo, exilado nos mais recônditos círculos acadêmicos desde a redemocratização, nos trazia as imagens das sufragistas do século XIX e das mulheres que lutaram durante o período ditatorial brasileiro, mas a discussão sobre assimetrias e papéis de gênero na sociedade de consumo simplesmente não nos habitava.

Embora tenha conhecido a literatura feminista ainda na faculdade de Comunicação, foi atuando como jornalista em Saúde Pública que comecei a contextualizar toda a teoria aprendida. Primeiro na perspectiva local, durante minha jornada na ONG Viva Rio, quando, entre uma pauta e outra, acompanhei debates em coletivos de mulheres em diversos locais da cidade. Depois, pelo viés da governança e da integração regional, quando assumi o cargo de jornalista no Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde (ISAGS), vinculado à União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), que me apresentou o trabalho das comissões de Saúde da Mulher em diversos organismos multilaterais.

A vivência profissional no ISAGS me possibilitou enxergar a saúde como um direito universal, não somente individual, mas essencialmente coletivo. Instigada por tantas reflexões, retornei à Academia a partir do curso de especialização em Comunicação e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, onde refleti sobre as relações entre comunicação, saúde e gênero. Era o início de 2016 e produção de conteúdo feminista proliferava-se em todo o mundo, tendo a internet como sua principal plataforma de disseminação. Ao longo de dois anos, monitorei blogs e sites de cunho feminista desenvolvidos nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, na

intenção de compreender as novas disputas de sentido sobre saúde que ali se impunham. Se por um lado o material apresenta abordagens contemporâneas para temas já conhecidos de outras fases do movimento de mulheres – a exemplo de aborto, concepção, parto e maternidade -, também traz questionamentos e perturbações pertinentes às novas autoras e seus tempos. Dentre estes tópicos, destaca-se a jornada das mulheres em direção à autoaceitação corporal, reflexo de uma sociedade de consumo que, ao mercantilizar a anatomia humana a partir da propagação massiva de ideais de perfeição física, por vezes apropria-se e tensiona os limites dos conceitos de bem-estar e de estilo de vida apregoados pela Saúde Coletiva na últimas três décadas.

A dissertação a seguir é sobre estas mulheres. Sobre sua coragem de cartografar seus próprios corpos e fazer as perguntas que eu e as que vieram antes de mim acabamos por engolir. É, também, uma tentativa de produção de memória de uma ascendente onda feminista, cujo futuro ainda não se pode antecipar, mas que já apresenta novos rumos ao debate social (apesar de todo retrocesso político).

INTRODUÇÃO

A trajetória das mulheres no mundo é corporificada. Cada parte é um vestígio orgânico de uma história marcada pela opressão, mas também pela resistência e pelo desafio às normas impostas nos mais diversos períodos sociais. Dentre as tantas representações sociais materializadas em suas próprias carnes, fome, apetite e gordura são arquétipos recorrentes em processos de deslocamento de subjetividade que lhes atravessaram ao longo do tempo.

Cybelle Weinberg (2010) afirma que, entre os séculos VIII e X, religiosas se entregavam a ascetismos de todas as ordens para atingirem a pureza do coração ante Deus, em um ritual de penitência semelhante ao que seria chamado de anorexia nervosa muitos anos mais tarde. Mas, ao examinarmos as narrativas ascéticas das tais “santas jejuadoras”, é possível perceber que inclinação cristã era apenas um dos elos de poder que as atravessavam. A portuguesa Vilgfortis, por exemplo, iniciou um jejum rigoroso após descobrir que seu pai, um tirano pagão, havia decidido casá-la com o rei da Sicília. Segundo Weinberg (2010, p.226) e Lacey (1982), relatos dão conta de que ela pedia a Deus que apagasse a sua beleza. Suas preces foram atendidas e, assustado com sua a figura esquelética de Vilgfortis, o rei desistiu do matrimônio. A lusitana terminou crucificada a pedido do próprio genitor.

Caso similar foi o de Santa Rosa de Lima (1586-1617) que, ainda adolescente, passou a jejuar mais de uma vez por semana. Cortou os cabelos e se autoflagelava com trabalhos tortuosos. Durante mais de uma década, foi de encontro ao ideal de seus pais, que queriam dispô-la a matrimônio, até obter o consentimento para permanecer na vida sacra (Weinberg, 2010, p. 228). Por mais dolorosas que fossem todas as práticas ascéticas às quais essas mulheres se submetiam, havia uma recompensa em terra que vinha antes da paz celestial: “as santas que jejuavam eram capazes de sobrepor-se à autoridade religiosa masculina por meio das suas práticas austeras: podiam criticar as poderosas autoridades religiosas seculares e assumir a prática do ensino, aconselhamento ou mesmo reformar, em seu benefício, as regras da Igreja” (p.233).

O outro lado da trincheira também contava com seus próprios paradigmas a resolver. Em “A Metamorfose do Gordo”, Georges Vigarello afirma que as crises de abastecimento da Era Medieval tornaram a fartura, materializada nas formas físicas protuberantes, alvo de prestígio social. Tratava-se de uma sociedade disposta a transgredir, o que aproximava a gordura dos ímpetos do mundo sensível. O quadro, entretanto, se alterou para as mulheres durante o Renascimento. Ao fim do século XVI, a rainha Margarida de Navarra já adotava estratégias para contenção de suas próprias formas.

Having “become horribly fat”, she turns to steel to retain her flesh: “she had white steel placed on both sides of her body”. (Vigarello, 2013, p.76)

Na contemporaneidade, o corpo passou carregar todos os registros antropológicos e a circunscrever de maneira ainda mais latente as angústias dos seres humanos, esta pressão recaiu ainda mais intensa sobre as mulheres. Tal qual no passado, elas ainda têm suas subjetividades afrontadas em nome da apregoada “natureza feminina”, que hoje se ancora no mito do corpo delicado: magro, belo e contemplável. A partir desta cultura disciplinar – na qual a gordura ganha status semelhante às impurezas profanas da Era Medieval e a magreza, por conseguinte, é elevada à condição de virtude (FREIRE, 2011) -, ressignificaram-se as práticas de autocontrole e de supressão de apetite. Novas objeções relacionadas ao sobrepeso levam os seguidores das normas e bons gestores de si a um patamar semelhante aos escolhidos divinos.

De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria¹, cerca de 70 milhões de pessoas sofrem de transtornos alimentares (TA) no mundo. A incidência destas doenças praticamente dobrou nas últimas duas décadas, atingindo principalmente meninas na faixa etária entre 10 e 19 anos (DUNKER; PHILIPPI apud RAMOS; NETO; BAGRICHEVSKY, 2011). No Brasil, um estudo publicado pela Secretaria de Saúde de São Paulo em 2014 apontou que 77% das jovens paulistas têm propensão a desenvolver algum tipo de TA². A

¹ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/75111-hospitais-oferecem-tratamento-para-transtornos-alimentares>. Acesso em dez 2017,

² Disponível em <https://veja.abril.com.br/saude/sp-77-das-jovens-tem-propensao-a-disturbios-alimentares/>. Acesso em dez 2017.

pesquisa foi além e afirmou que anorexia e a bulimia foram responsáveis por uma internação a cada dois dias nos hospitais ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) no estado. Paralelamente, um estudo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)³ apontou que mais da metade dos brasileiros apresenta sobrepeso e que a obesidade já atinge 20% dos adultos do país. Na América Latina, o quadro é ainda mais alarmante: 58% da população (360 milhões de habitantes) têm sobrepeso e 23% (140 milhões) encontram-se obesos. Contextos aparentemente antagônicos, mas que guardam diretrizes comuns, de acordo com Lofrano-Prado et al (2011). Na concepção dos autores (p.581), o comportamento alimentar dos indivíduos com anorexia, por exemplo, é o oposto dos sujeitos com obesidade; contudo, nas duas doenças, o corpo é percebido como distorcido, não só na sua forma como também na sua função. Tanto os pacientes anoréxicos quanto os obesos têm dificuldades em avaliar a quantidade de comida que ingerem.

Durante a segunda onda feminista, ainda na década de 60, levantou-se a bandeira da autocracia e do direito das mulheres em disporem de seus corpos como bem entendessem. Surgiram diversas publicações – entre jornais, revistas e livretos – feitas por mulheres e para mulheres no mundo todo, algumas com foco exclusivo em saúde e combativas ao discurso clínico, a exemplo do Boston Women's Health Collective Book. Embora vanguardistas ao concederem às mulheres o espaço de protagonistas das narrativas a respeito de seus próprios corpos, boa parte dos escritos limitava-se a questões reprodutivas, como aborto, contracepção, gravidez e puerpério, além da relação médico-paciente. Na virada para a década de 1980, entretanto, a percepção corporal e o feminismo começaram a se aproximar. Teóricas como Susie Orbach, Kim Chernin e Naomi Wolff passaram a traçar paralelos entre a crescente fixação da sociedade ocidental no corpo e o esforço ilimitado das mulheres em se tornar fisicamente atraentes (EDWARDS, 2006).

Após anos de exílio acadêmico e refúgio nos resistentes coletivos de mulheres, o feminismo voltou aos holofotes do debate público. O estopim desta que já é chamada Quarta Onda Feminista ocorreu em 2011, quando, diante dos inúmeros casos de abuso sexual registrados na Universidade de Toronto,

³ Disponível em <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/466066/>. Acesso em out 2018.

um policial veio a público declarar que mulheres “não deveriam se vestir como vadias” para não sofrerem violência. Em um dos mais criativos episódios de ressignificação do absurdo, foi criada a Marcha das Vadias (Slutwalk), que levou de mais três miljovens às ruas da cidade. Não demorou muito até a ideia cruzar as fronteiras do hemisfério norte e chegar a São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Recife, entre outros locais. A descrição do evento sintetizava o porvir: “as mulheres do mundo estão se unindo”.

Chama a atenção, tanto na Marcha das Vadias quanto nas campanhas que viriam a seguir (algumas delas serão abordadas em capítulos posteriores deste trabalho), a relevância do espaço virtual como propulsor de discursos contra-hegemônicos, que chegam à sociedade sem a interceptação das instituições tradicionalmente detentoras do poder da comunicação. A internet confere visibilidade ao contraditório, potencializando a capacidade de os atores sociais “desafiarem os valores estabelecidos para reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses” (CASTELLS, 2013, p.13).

Para além de palavras de ordem, a rede trouxe à tona dimensões mais intimistas da desigualdade de gênero. A atmosfera de luta macropolítica impulsionou o surgimento de inúmeras plataformas de conteúdo feminista na internet, que, por sua vez, abriram espaço para que as mulheres expusessem as mais diversas perspectivas sobre corpo e autoaceitação, com intuito de buscar novos contextos de emancipação coletiva. O testemunho feminino, a marcação do sofrimento e a exteriorização da dor na internet tornaram-se símbolos dos feminismos atuais.

O trinômio corpo-trauma-rebeldia orienta o presente trabalho, cujo objetivo principal é analisar relatos de jovens com trajetória de obesidade e/ou transtornos alimentares. O intuito é compreender, a partir destas narrativas, a relevância da autoestima como espaço de luta dentre as novas gerações do movimento de mulheres.

No primeiro capítulo, propõe-se breve revisão dos feminismos: desde a rebeldia das bruxas até o empoderamento das jovens conectadas. Para embasar esta seção, optou-se por recorrer às obras de Michelle Perrot, Simone de Beauvoir, Cynthia Sarti, Regina Celi Pinto, Heloisa Buarque de Hollanda, Tania Navarro Swain, entre outras teóricas feministas.

Conceitos de corpo e trauma se entrelaçam no segundo capítulo de

maneira a inferir sentidos atribuídos às mulheres e seus contornos ao longo do tempo. Georges Vigarello, Naomi Wolf, Didier Fassin e Richard Rechtman, Marcio Seligmann-Silva e os estudos de Michel Foucault sobre anormalidade norteiam este eixo de análise.

A terceira e a quarta parte deste trabalho estão relacionadas à compilação e à análise do material empírico. A partir de uma inspiração livre na metodologia de interpretação de sentidos (GOMES et al, 2005), o intuito é compreender como estes processos de subjetivação podem construir espaços de enunciação e emancipação para as mulheres.

1) FEMINISMOS: HISTÓRIA E ESPAÇOS DE LUTA

O ano era 2001 e a historiadora, ativista e então professora da Universidade de Brasília Tania Navarro Swain mostrava preocupação com o que via ser chamado de “fim do feminismo”. Segundo a autora, o movimento de mulheres encontrava-se diante de um grande paradoxo: enquanto a produção acadêmica permanecia a pleno vapor, as atividades e práticas sociais feministas viam-se ofuscadas pela ideia de que a igualdade já havia sido conquistada, logo a missão estava mais do que cumprida.

O infinito e insidioso ruído do discurso social explicitado, demonstrado, sugere a desnecessária continuidade de um movimento tornado obsoleto diante das “evidentes” conquistas das mulheres: no plano político, já podem votar e ser votadas, qual a queixa? São minoria nos altos postos legislativos e judiciários? Questão de tempo. No campo profissional as portas se abrem, para algumas eleitas. Questão de competência. Salários desiguais para tarefas idênticas? Os ajustes se fazem aos poucos... (SWAIN, 2001, p.12)

Não muito tempo antes, em 1996, a revista *Veja* dedicou edição especial à luta das mulheres, cujo título sugestivo indagava “O Que Sobrou do Feminismo”. Resgatada pelas sociólogas Carla Gomes e Bila Sorj (2014, p.433), a reportagem enaltecia a importância do movimento feminista na sociedade ocidental, entretanto argumentava que, “não tendo sido capaz de desfazer as grandes desigualdades de gênero, especialmente as que perpassam a divisão sexual do trabalho”, ele teria perdido a capacidade de mobilização política. Desta maneira, estaria em um processo de obsolescência, sendo seus últimos alicerces o individualismo exacerbado e a superexposição da figura feminina, que levava as mulheres a adotar comportamentos de “predadoras sexuais”.

Trazer estes fragmentos discursivos logo no início de um capítulo que pretende apresentar um panorama sobre a luta das mulheres em suas diversas fases não é uma escolha aleatória. Há que se pontuar, antes de qualquer historicização, a reviravolta de sentidos que envolveu o feminismo em pouco mais de uma década: passando de um movimento em “crise”, supostamente relegado ao ostracismo pelas mulheres do novo milênio, ao posto de palavra do ano segundo o

dicionário norte-americano Merriam-Webster em 2017⁴. Uma guinada que surpreendeu as próprias teóricas de gerações anteriores e que nos leva a rever a luta feminista não apenas a partir de seus ápices históricos, as chamadas “ondas”, mas pela “ótica das continuidades e persistências” (GOMES; SORJ, 2014, p.435), bem como das divergências internas e dos silenciamentos que sempre permearam o movimento e, cada vez mais, vêm encontrando seu lugar no debate público.

1.1) “MULHERES, VOCÊS SÃO TODAS UMAS HEREGES!”⁵: DA CAÇA ÀS BRUXAS À LUTA PELO SUFRÁGIO UNIVERSAL

Se a história das mulheres é corporificada, como este trabalho pontua logo em seu início, ela também é marcada pela rebeldia ou, tal qual argumenta Michelle Perrot (2009, p.74), pela tentação de rebelar-se contra os poderes aos quais seus corpos e suas trajetórias sempre foram subjugados. Já no século XII da Idade Média é possível encontrar registros de mulheres que se organizavam com o intuito de questionar as doutrinas da Igreja Católica e, mais tarde, os preceitos da medicina ocidental. Logo denominadas “bruxas”, estas mulheres, boa parte delas “enfermeiras ou trabalhadoras do ramo têxtil (2009, p..75)”, criavam seus próprios sistemas terapêuticos e não tinham receio de manifestar sua própria sexualidade em meio à tanta repressão. Tornaram-se um dos principais alvos das autoridades eclesiásticas durante a Inquisição: Perrot (2009) estima que, do total de hereges assassinados no período em países como Alemanha, França e Espanha, 90% eram mulheres. As feiticeiras representaram um dos pontos de comum acordo entre católicos e protestantes durante a Reforma. Por serem consideradas criaturas perigosas, nocivas, que carregavam “o diabo no corpo”⁶, os dois grupos religiosos acreditavam que elas deveriam ser extirpadas do convívio social. Entre os séculos XIV e XVI, muitas arderam na fogueira até a morte, outras chegaram a seus cabelos arrancados, a exemplo da francesa Joana D’Arc (1412-1431).

⁴Disponível em <https://edition.cnn.com/2017/12/12/world/feminism-merriam-webster-year-trnd/index.html>. Acesso em mar 2019.

⁵ Frase atribuída a militante feminista George Sand (1804-1876), numa ironia com companheiras militantes, e resgatada por Michelle Perrot (2009, p.74). No original: "Mujeres, ustedes son todas herejes".

⁶ Referência a *Le corps du diable. Philosophes et sorcières à la Renaissance*, de Esther Cohen, por Perrot (2009, p.75).

Embora as bruxas tenham problematizado a hierarquia dos sexos ainda na Baixa Idade Média, o feminismo, enquanto movimento social e político que busca a igualdade entre homens e mulheres, remonta à Revolução Francesa (1789-1799), diretamente inspirado pela ascensão do Iluminismo. O perfil das manifestantes já não é tão herético, mas suas trajetórias guardam semelhanças com as feiticeiras de períodos históricos anteriores. Em 1791, segundo relatam Monteiro e Grubba (2017), a dramaturga e ativista Marie Gouze (sob o pseudônimo de Olympe de Gouges) escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Dezesete artigos compunham a obra, que tinha como principal reivindicação o direito ao voto, mas também versava sobre igualdade, liberdade, justiça e a prerrogativa a livre comunicação e exposição de pensamentos. O manifesto foi enviado à Assembleia Nacional da França para aprovação, aos moldes do que havia ocorrido com a Declaração Dos Direitos do Homem e do Cidadão em 1789, direcionada unicamente às pessoas do sexo masculino, proprietários e alfabetizados (MONTEIRO; GRUBBA, 2017, p.261).

À mesma época da efervescência política francesa, outra referência desta primeira fase feminista surge na Inglaterra. A filósofa Mary Wollstonecraft escreve *Reivindicação dos Direitos da Mulher* em 1792, também inebriada pelo ideário liberal. Dissertando sobre a importância da inclusão de mulheres na esfera legislativa, o livro questionava o fato de as decisões políticas serem restritas aos indivíduos do sexo masculino, além de já identificar nos homens da época a intenção de converter mulheres em objetos decorativos, de atração momentânea (ESTACHESKI; MEDEIROS, 2017).

Maria Zina Abreu (2002) ressalta que, embora igualmente emblemáticas, as duas obras foram recebidas de maneiras totalmente antagônicas quando vieram a público em seus respectivos países. Wollstonecraft não só obteve repercussão positiva na Inglaterra como foi publicada nos Estados Unidos, tornando-se uma das principais inspirações para as manifestações pró-voto feminino que ocorreriam anos mais tarde nos dois países. O livro traduzia o “pensamento político-religioso puritano” (p.445) dominante na Grã-Bretanha após a Reforma Protestante do século XVI, trazendo em si doutrinas como a da “igualdade entre todos os crentes” e a da “primazia da desobediência civil”, ao passo que agregava preceitos democráticos dos pensadores liberais oitocentistas, a exemplo de John Locke ou de Jean Jacques Rousseau. “Wollstonecraft acreditava que eram as distinções estabelecidas na

sociedade que constituíam a fonte dos males e dos vícios e transformavam o mundo em um cenário dantesco” (p.449), em um movimento pendular igreja-militância que já caracterizava as reivindicações de “proto-feministas” como Mary Astell (1666-1731).

Foi a percepção da sua ‘igualdade cristã’ que levou as mulheres a se conscientizarem da sua desigualdade civil: se como cristãs tinham ‘almas iguais’, como cidadãs deveriam ser, tal como os homens, também detentoras de direitos naturais e inalienáveis. Foi esse despertar de consciência cívica que dotou as mulheres dessa geração revolucionária do estímulo e coragem suficientes para intervirem no domínio público, desafiarem as autoridades civis e eclesiásticas, desobedecerem ao pai, irmão ou marido, escreverem, publicarem e expressarem publicamente e de viva voz as suas crenças e opiniões, de teor político, civil e teológico. (ABREU, 2002, p. 446)

A França, por sua vez, guilhotinou Olympe de Gouges dois anos após o lançamento de Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. Segundo Michelle Perrot (2009), o período pós-revolução foi extremamente contraditório para o país, que, diferentemente de seu vizinho europeu, era dominado pelo catolicismo. Se por um lado, explica ela, as autoridades masculinas monárquicas e eclesiásticas – em outras palavras, o Rei e os padres – foram destituídas ou tiveram sua influência social reduzida, ascendeu uma nova figura-chave do poder patricarcal: o pai de família. Desta maneira, as mulheres permaneceram na condição de “não indivíduos”, de “cidadãs passivas”, junto aos menores de idade, aos loucos e aos pobres.

(...) la revolución les otorga derechos civiles, pero ningún derecho político. Derechos civiles: igualdad sucesoria, igualdad em el acto civil de matrimonio que supone su libre consentimiento y que puede ser disuelto em el divorcio; derecho a administrar sus bienes según el contrato nupcial. Estos derechos significaron em ruptura em la mayoría de las costumbres, em particular em las costumbres, em particular em las costumbres normandas, que no reconocían a las mujeres ningún derecho. (...) Sin embargo, la Restauración suprimió el derecho al divorcio, y el Código Civil de 1804, “monumento de iniquidad”, según George Sand, restableció el marido-padre em la plenitud de su poder patriarcal. (...) Em todo caso, la Revolución Francesa excluye a las mujeres del ejercicio de la política, empezando por su derecho a voto. (PERROT, 2009, p. 123)

A luta das mulheres pelo direito ao voto intensificou-se ao longo do século XIX. As *suffragettes* inglesas promoveram grandes manifestações em Londres, fizeram greves de fome e chegaram a ser levadas ao cárcere inúmeras vezes

(PINTO, 2010). Importante salientar que o grupo, inicialmente constituído por mulheres intelectuais, também passou a ter a participação de trabalhadoras, principalmente em cidades como Manchester e Leeds, localizadas no Norte do país (ABREU, 2002). O objetivo central das manifestantes foi alcançado quase 100 anos depois, em 1918, com a outorga da *Representation of the People Act*, que garantiu não apenas o direito ao voto como à cidadania plena para as mulheres do país. Os Estados Unidos, influenciados pelos protestos das sufragistas britânicas e nas lutas pró-abolição da escravatura, aprovaram o voto feminino dois anos depois, em 1920. Já a França só concedeu tal direito às mulheres em 1944, razão pela qual Perrot (2009) considera os movimentos feministas de 1848⁷ “a experiência mais brilhante, porém mais decepcionante” (p.124). A filósofa pontua que

A pesar de las “mujeres de 1848” – Eugénie Niboyet, Désirée Gay, Jeanne Deroin -, de sus periódicos -*La Voix des femmes, L’Opinion des femmes, etc.*- y de sus clubes, caricaturizados por Daumier y Gavarni, el “sufragio universal” sólo atañe a los hombres, únicos representantes de la familia, que sigue siendo la unidad de base, incluso em el orden político. (PERROT, 2009, p.124)

No Brasil, a luta pelo voto feminino é intensificada a partir da década de 1910, embora a educadora Nisia Floresta já falasse em direitos civis em meados do século XIX, quando publicou uma tradução livre do manifesto de Mary Wollstonecraft. Na esteira liberal dos movimentos feministas europeus e norte-americanos, a bióloga Bertha Lutz (1894-1976) retorna de seus estudos em Paris e funda, em 1920, a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM), que quatro mais tarde passa a ser chamada de Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Como presidente da entidade, Lutz não só participou ativamente das discussões sobre o sufrágio na esfera legislativa, como visibilizava as demandas do grupo na imprensa nacional. Também firmou parcerias com instâncias feministas internacionais, a exemplo da Associação Pan-Americana de Mulheres, liderada pela jornalista e ativista norte-americana Carrie Catt (1859-1947), de quem Bertha se tornou bastante próxima.

A historiadora Monica Karawejczyk destaca que, embora as associadas do LEIM fossem inicialmente parte da elite econômica ou intelectual do país, com o tempo outras mulheres integraram o movimento, como datilógrafas, advogadas,

⁷ Autora faz referência a fevereiro de 1848, quando uma série de revoluções liberais eclodiu na Europa Central e Ocidental. Período também é chamado de Primavera dos Povos.

médicas, empregadas do comércio, confeitadeiras e até donas de casa (2018, p. 3). Admite, porém, que a posição social da maioria das integrantes facilitava a pressão junto aos políticos da época para a aprovação de pautas femininas, “afinal, ao pertencer ao mesmo círculo, elas conseguiam expor diretamente a sua causa para os homens de poder (*ibidem*)”.

A verdade é que Bertha Lutz orientava suas companheiras de luta a seguirem o “bom feminismo” (KARAWEJCZYK, 2018), tal qual havia aprendido com as associações internacionais norte-americanas. Não lhe era interessante ser vista como radical ou anarquista, em oposição às integrantes da “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”, que, em manifesto de 1917, já denunciavam as más condições a que eram submetidas as mulheres operárias, “doloridas e amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2003; PINTO, 2010). Havia, na FBPF, uma tendência à legitimação do papel da mãe como sendo “o ideal feminista” e a legitimação do espaço doméstico como natural da mulher, ambos explicitados no hino da entidade:

Desde a origem das coisas no mundo. Sempre foi meu mais alto labor. Sendo Mãe dar um gesto fecundo. As crianças e as Mães todo amor. Todas juntas na conquista. Deste novo e sagrado mister. Que é a essência do ideal feminista. Tudo à mulher, pela mulher! (Hino Feminista da FBPF *apud* KARAWEJCZYK, 2018)

A Federação, entretanto, enfrentou problemas com a Igreja Católica, que chegou a considerá-la uma entidade ligada ao protestantismo. Nas cartas trocadas entre Lutz e Catt, também resgatadas por Mônica Karawejczyk (2018, p.14), a norte-americana aconselha o não conflito, afirmando que “o Brasil é um país católico e continuará assim” e que “mais cedo ou mais tarde a Igreja vai apoiar o sufrágio para a mulher”. Em 1927, Bertha e a FBPF levaram ao Senado um abaixo-assinado pedindo a aprovação do projeto de lei que concedia o sufrágio às mulheres. O direito foi conquistado cinco anos depois, em 1932, quando da promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro (PINTO, 2010).

Jane Soares de Almeida (2000, p.5) pontua que, apesar do sufrágio ser a pauta mais apregoada quando se aborda as lutas feministas do início do século passado, o acesso à educação e à instrução foi muito mais relevante no sentido da emancipação da mulher. As manifestantes viam no letramento o caminho mais direto

para a libertação de todas as opressões a que estavam sujeitas, bem como uma possibilidade de organização para lutar por seus direitos sociais e políticos.

Totalmente permeados pela ideologia masculina, com currículos e regimentos sendo elaborados pelos homens de poder da época, as escolas e os liceus de mulheres tornaram-se um “prolongamento” daquilo que era ensinado no seio familiar burguês, como pintura, bordado, culinária e música, de maneira a entendê-las para a vida em família (ALMEIDA, 2000, p.7). Entretanto, também foram a oportunidade para que algumas mulheres passassem a criticar de maneira mais veemente os mecanismos gendificados de invisibilidade que lhes eram impostos principalmente no ambiente doméstico, conflito que ficará mais evidente nas décadas seguintes.

1.2) “O QUE É, AFINAL, UMA MULHER?”: DA POLITIZAÇÃO DO PRIVADO EM MEIO À LUTA ARMADA AOS ESTUDOS INTERSECCIONAIS

A ontologia do “ser mulher” invadiu os debates feministas da segunda onda, influenciados pelas ideias de Simone de Beauvoir em “O Segundo Sexo” (1949). A extensa obra da teórica francesa marca o início de uma tentativa de desnaturalização da ideia de feminilidade ao afirmar que “tudo o que compreendemos como próprio da mulher é, na verdade, produto de um trabalho cultural intenso e eficaz” (RODRIGUES, 2018). Ademais, o livro propõe uma análise biológica, psicanalítica e materialista histórica sobre a hierarquia de gênero, que embasa o mesmo paradigma: o universalismo do sujeito do sexo masculino (“o primeiro sexo”) e o conseqüente título de alteridade à mulher, vista essencialmente como “o outro” e ou “a desviante”.

Os homens dizem “as mulheres” e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. Os proletários fizeram a revolução na Rússia, os negros no Haiti, os indochineses bateram-se na Indochina: a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam. Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Não têm passado, não têm história, nem religião própria (...). Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que as outras mulheres. (BEAUVOIR, 1970, p. 13)

Os escritos de “O Segundo Sexo” reverberaram nas décadas seguintes, ganhando a companhia de “A Mística Feminina” (1963), da norte-americana Betty Friedan. A professora da Universidade Federal do Ceará Ana Rita Duarte (2006) conta que a ativista percorreu o país entrevistando mulheres a respeito do que chamava de “mal formulado” ou “problema sem nome”, tentando compreender como se dava a construção da imagem da mulher enquanto mãe e esposa e porque tantas, como ela, estavam insatisfeitas em sua vida doméstica (p.287). Em meio a uma atmosfera libertária – principalmente após a eclosão dos movimentos hippies e o surgimento da pílula anticoncepcional⁸ - as feministas abriram suas caixas de pandora e passaram a reivindicar não somente o direito à vida pública, mas novos relacionamentos tanto com seus corpos quanto com os homens. De acordo com Regina Celi Pinto (2010, p.14), passou-se a discutir que, para além da dominação de classe, havia a dominação de gênero e que uma não poderia ser representada pela outra.

O Brasil, entretanto, seguiu um caminho bastante diferente. Com a instauração do golpe civil-militar, em 1964, o início do feminismo brasileiro foi marcado pela contestação macropolítica. A entrada das mulheres na luta armada, segundo revela a antropóloga Cynthia Sarti (2004), representou uma profunda transgressão ao que lhes era designado até então.

Sem uma proposta feminista deliberada, as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao assumirem um comportamento sexual que punha em questão a virgindade e a instituição do casamento, ‘comportando-se como homens’, pegando em armas e tendo êxito nesse comportamento. (SARTI, 2004, p.37)

Vistas como “moralmente perigosas” pelos militares, boa parte das manifestantes terminou na clandestinidade, articulando-se a organizações de esquerda. As exiladas, no entanto, se aproximaram das pautas identitárias do feminismo europeu, mesmo desencorajadas pelos companheiros expatriados, que viam o feminismo como um desvio na luta pelo fim da ditadura e do socialismo (PINTO, 2010). É neste contexto – especialmente no período pós-1975, declarado pela ONU “o ano internacional da mulher” – que surge em São Paulo uma tentativa

⁸ Segundo Bonan, Teixeira e Nakano (2017), a Food and Drug Agency (FDA) autorizou a comercialização da primeira pílula anticoncepcional nos Estados Unidos em 1960. Dois anos depois, o medicamento chegou ao Brasil e, em 1966, já se registrava a venda de 60 milhões de pílulas por ano.

de criar uma “imprensa feminista”, diretamente inspirada nos tabloides de esquerda em circulação desde os primeiros anos de chumbo. Rosalina Leite (2003) pontua que o primeiro jornal feito e direcionado por mulheres, intitulado *Brasil Mulher*, circulou entre 1975 e 1980, assinado por militantes do Partido Comunista do Brasil (PcdoB), da Ação Popular Marxista Leninista (APML) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8). O periódico alcançou o Círculo de Mulheres de Paris, e inspirou parte de suas integrantes a fundar o *Nós Mulheres*, que, a sua vez, esteve nas ruas entre 1976 e 1978. Se, por um lado, a produção de dois jornais de cunho feminista mostra a urgência de se falar sobre a emancipação da mulher em toda a sua complexidade, também denota a tendência a rupturas entre grupos de um mesmo movimento social.

As militantes que vão compor o coletivo do jornal *Nós Mulheres*, que voltam ao Brasil em meados de 1976, bem antes da Anistia, vinham decididas a editar um jornal feminista, de oposição, e que veiculasse as lutas sociais das mulheres. Preferiram garantir sua ‘autonomia’, fundando um jornal próprio, o *Nós Mulheres*, a se integrar no já existente *Brasil Mulher*, reproduzindo, desse modo, a heterodoxia tão presente nas organizações de esquerda. O *Brasil Mulher*, por sua vez, temia as feministas que chegavam com muitas críticas à linha que havia adotado. (LEITE, 2003, p. 20)

Questões do campo da subjetivação ficaram ainda mais distantes do movimento feminista brasileiro quando este, através das organizações femininas de bairro, aliou-se à Igreja Católica no combate ao governo militar. De acordo com Sarti (2004), “desacordos eram evitados” em prol da luta contra o autoritarismo, o que ofuscava debates sobre aborto, sexualidade ou planejamento familiar. Regina Pinto (2010, p.17), por sua vez, pondera que o encontro foi muito importante porque provocou uma interface das manifestantes, advindas das camadas médias, com as classes populares, “levando a novas percepções, discursos e ações”. Estas organizações, aliás, se fortaleceram durante as décadas de 1980 e 1990, algumas ganhando a forma de ONGs e atuando diretamente na formulação de políticas públicas de proteção e de ações afirmativas para mulheres. Dentre as maiores conquistas decorrentes da mobilização do período, estão a Lei Maria da Penha (11.340/2006) e a criação das Delegacias Especiais da Mulher, ambas voltadas para o combate à violência doméstica.

Após quase dois séculos tendo como premissa básica de luta a desigualdade entre homens e mulheres, o feminismo passa, também a partir dos anos 80, a sofrer

questionamentos a respeito das diferenças silenciadas dentro do movimento. De acordo com Conceição Nogueira (2017), os holofotes se deslocaram da dicotomia sexual em si para as interrelações das “grandes categorias”: raça, classe, além da própria descategorização biológica de gênero. Surge, neste sentido, a ideia de “interseccionalidade”, definido por Kimberlé Crenshaw como “a conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e as dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (2002, p.177). A ativista norte-americana detalha o termo em artigo escrito para o periódico *The Washington Post*:

Interseccionalidade é uma sensibilidade analítica, uma maneira de pensar sobre identidade e sua relação com o poder. Originalmente articulado em nome das mulheres negras, o termo trouxe à luz a invisibilidade daqueles que pertencem a grupos políticos que frequentemente falham em representá-los. (...) Pessoas não brancas dentro dos movimentos LGBTQ (...); mulheres dentro dos movimentos de imigração; mulheres trans dentro movimentos feministas; e pessoas com deficiência lutando contra o abuso policial – todos enfrentam vulnerabilidades que refletem as interseções de racismo, sexismo, opressão de classe, transfobia, capacidade e muito mais. (Crenshaw⁹, 2017, tradução nossa)

Precursora do debate interseccional no âmbito das relações étnico-raciais, a filósofa e ativista Angela Davis aponta, no livro “Mulheres, Raça e Classe”, a desarmonia entre grupos abolicionistas e sufragistas nos Estados Unidos ao fim do século XIX. Segundo ela, boa parte das líderes dos movimentos pelos direitos civis tendiam a ver a conquista ao voto como “um fim em si mesma”, não incluindo em sua luta pela igualdade o fim da escravidão. Discurso semelhante traz, mais de 30 anos depois¹⁰, Djamila Ribeiro (2018), quando declara ter crescido sem identificação com o feminismo dito universal porque ele parecia não reverter o processo de silenciamento que lhe era imposto. Este silêncio, ressalta a cientista social, tinha caráter tanto epistemológico quanto de prática política dentro do movimento. Ao defenderem a discussão conjunta de gênero, raça e classe, Djamila e outras feministas negras reiteram que “não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, pois a mesma estrutura seria reforçada” (RIBEIRO, 2018, p.27).

A interseccionalidade inaugura, na concepção de Nogueira (2017), uma nova perspectiva metodológica no âmbito das teorias feministas, de maneira a

⁹ Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?noredirect=on&utm_term=.c50186b9025f, Acesso em abr 2019.

¹⁰ A edição original de “Mulheres, Raça e Classe” foi publicada em 1981 nos EUA, mas foi traduzida ao português apenas em 2016.

desestabilizar a pretensão universal de mulher, trazer à tona “simultâneas categorias de pertença” (HANKIVINSKY et al, 2000 *apud* NOGUEIRA, 2017) e compreender a multiplicidade de opressões que comporta a feminilidade. Ascende, junto às análises interseccionais, a importância científica das histórias de vida e das narrativas em primeira pessoa, que serão ainda mais evidenciadas durante as insurgências feministas do século XXI.

1.3) “DEPOIS DE JUNHO VEM A PRIMAVERA”¹¹: REPOTENCIALIZAÇÃO DO CORPO NA QUARTA ONDA FEMINISTA

Embora 2015 tenha se tornado o ano da Primavera das Mulheres¹², o ressurgimento do feminismo no debate público se deu quatro anos antes, quando várias cidades do mundo foram tomadas pela Marcha das Vadias. O protesto nasceu em Toronto, no Canadá, após um policial local declarar que as mulheres deveriam parar de vestir-se como *sluts* (vadias, na tradução literal) se quisessem evitar abusos sexuais. Apoiadas pelas novas tecnologias de comunicação, mais de 3 mil jovens se organizaram e foram às ruas sob o slogan “se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”¹³. O protesto chegou ao Brasil no mesmo ano e já se encontra em sua sétima edição (BOGADO, 2018).

Carla Gomes e Bila Sorj (2014, p.437) argumentam que o corpo teve duplo papel na marcha, pois foi, ao mesmo tempo, objeto de reivindicação e instrumento de protesto: um “corpo-bandeira”, que acompanha o processo de subversão do termo historicamente ofensivo às mulheres. Se para as ondas anteriores de feministas, a luta pela autonomia corporal aparecia sempre relacionada à articulação de políticas públicas em prol de direitos reprodutivos, agora ela evoca processos de subjetivação a partir de palavras de ordem como “meu corpo não é um convite” ou “sem padrão”.

Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas *marchas*, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a

¹¹ BOGADO, 2018, p. 30

¹² Disponível em <https://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>. Acesso em mar 2019.

¹³ Disponível em <http://www2.eca.usp.br/njsaoremo/?p=1927>. Acesso em mar 2019.

menstruação é positivamente assumida. (GOMES; SORJ, 2014, p.438)

A pesquisadora Maria Bogado (2018) pontua que as manifestações políticas das primeiras décadas deste século são marcadas pela reinserção “do corpo e dos corpos” para materializar discursos e afetos. As performances assumem função especial nas mobilizações, segundo Camile Vergara (2018, p 34), na medida em que se transformam “no meio de empoderamento daqueles que não ocupam posições de excelência no exercício de poder e criticam as posições de privilégio, construindo um espaço de desestruturação de relações de poder”. A lógica da autora se aplica, por exemplo, aos tão apregoados *black blocks*¹⁴, corpos cobertos da cabeça aos pés e preparados para o enfrentamento direto, mas também pode ser utilizada para refletir sobre as mulheres que cobrem parte ou todo seu corpo com reivindicações de liberdade. Neste último caso, a luta é por uma vivência pública coletiva e afetiva que não se enquadre em padrões normativos e pelo dessilenciamento de corpos não-capitalizáveis – gordos, não depilados, transgêneros, com deficiência.

Neste entrelaçamento político entre corpo e voz, cabe dissecar a expressão “microfone-humano”, também recordada por Bogado (2018). Tecnologia frequente nas Manifestações de Junho de 2013¹⁵, consistia em um método de propagação de informação diretamente inspirado nos jograis, no qual a multidão repete o que uma pessoa fala, amplificando a trajetória do discurso proferido. Era uma maneira efetiva e pouco dispendiosa para emitir comunicados sintéticos, relacionados ao trajeto de um protesto ou de organização de grupos de trabalho (p.30). No entanto, de acordo com a autora, o feminismo subverte o uso do “microfone-humano” quando faz dele uma plataforma de verbalização da experiência individual, como ocorreu nas manifestações contra a violência sexual em todo o Brasil:

Em maio de 2016, as ruas do Rio de Janeiro e de outras cidades do Brasil foram tomadas por milhares de mulheres indignadas com o inaceitável estupro de 33 homens contra uma adolescente na zona oeste da cidade. “Mexeu com uma, mexeu com todas”, gritavam. No final do protesto, a multidão de “todas” se reuniu na escadaria da câmara municipal do Rio, na Cinelândia, e compartilharam suas vivências. O microfone-humano deu lugar a longas narrativas

¹⁴ Movimento anti-capitalista que marcou as Manifestações de Junho no Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-block-presente-nas-manifestacoes.shtml>. Acesso em abr 2019.

¹⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/junho-de-2013-as-manifestacoes-nas-manchetes-do-g1.ghtml>. Acesso em abr 2019.

pronunciadas por uma mulher e repetidas pela multidão. (BOGADO, 2018, p.36)

Da reverberação narrativa, nasce o “problema comum”. Em vez de apagar a diferença entre as histórias de vida que ali se apresentam, a repetição por todas serve como fator de sensibilização com essas diferenças, como fator de aproximação e criação de laços. A pesquisadora ressalta que, nesta construção, a empatia não se dá propriamente através da intimidade, mas da identificação coletiva que surge a partir da quebra do silêncio individual. Percebe-se, portanto, um movimento de horizontalidade, onde a profusão de vozes mostra que o fato ocorrido na vida de uma poderia também ter passado com as demais.

No primeiro protesto realizado após o estupro coletivo, policiais em uma viatura estacionada na Cinelândia assistiram a todos os depoimentos. Tiveram que ouvir o grito “Para de caô, nessa polícia tem estuprador!”. Quando a manifestação já se dispersava, um policial puxou uma menina pelo braço e passou uma cantada. Uma multidão de meninas voou em cima do policial, que precisou entrar no carro e fugir. As meninas deixaram o recado: não se pode mexer com nenhuma, não vão abaixar a cabeça. (BOGADO, 2018, p.37)

A politização da experiência em primeira pessoa leva, na concepção da autora, a uma mudança nas engrenagens tradicionais de fala e escuta. Se na Marcha das Vadias, o corpo era a plataforma de luta, em um segundo momento as vozes assumiram a dianteira e as ruas passaram a repercutir as vivências mais íntimas. “O corpo ganha palavra e a palavra, corpo” (2018), ambos facilitados e estimulados pelas possibilidades das mídias digitais.

1.4) A INTERNET COMO *LOCUS* DE POLITIZAÇÃO NO FEMINISMO

1.4.1) Campanhas

O novo feminismo é jovem. Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2010) e retomada por Carla Gomes e Bila Sorj (2014) mostra que as mulheres mais novas são as que mais se declaram feministas. Na faixa entre 15 e 17 anos, esse índice chega a 40%, acompanhadas pela geração seguinte (25 a 34 anos), com 37%. Se a vivência prolongada no ambiente virtual é um dos principais traços das atuais gerações, torna-se mais do que natural que militância tome rumo semelhante e tenha nas redes uma de suas principais forças-motrizes.

Remédios Zafra (2011) recorda que a internet foi, desde o movimento feminista cyberpunk dos anos 90, um território carregado de leituras utópicas para o feminismo e suas práticas de representação. Segundo a autora, a identidade era uma questão central no espaço virtual, não somente para os sistemas classificatórios do período, mas também para as práticas cotidianas de autoconfiguração. Na última pesquisa sobre acesso à internet realizada no Brasil (IBGE, 2014), o percentual de mulheres conectadas à rede já chega a 54,7%, ultrapassando, inclusive, o índice masculino (54,1%). A maior presença feminina no ambiente virtual tem orientado formas de produção de conteúdo neste mesmo espaço, coordenando a ação coletiva e atuando na elaboração de demandas de reconhecimento a partir de “mapeamentos afetivos, sociais e morais feitos por estes novos sujeitos” (FERREIRA, 2015, p.219).

A geração feminista pós-bug do milênio trouxe consigo um novo elemento performático: as campanhas por #hashtags. Inicialmente atreladas à publicidade, elas foram deslocadas de função quando se percebeu seu potencial de disseminação de informação (Costa, 2018). Tornaram-se, então, estratégicas na organização de manifestações políticas ao redor do país. Um dos primeiros exemplos neste sentido foi o #MulheresContraCunha, reação ao projeto de lei 5069/2013, de autoria do então deputado Eduardo Cunha, cuja meta era dificultar o acesso de vítimas de estupro à interrupção voluntária de gestação que lhes era garantida por lei. A mobilização virtual deu origem ao ato nacional “Fora, Cunha”, em 13 de novembro de 2015, que foi acompanhado por outras insurgências, como a Marcha das Mulheres Negras, responsável por levar mais de 50 mil mulheres de todo o Brasil às ruas da capital federal. Em 2018, novo protesto feminino toma as ruas de assalto, o #EleNão¹⁶, levando 100 mil mulheres às ruas (apenas em São Paulo) contra o então candidato à Presidência, Jair Bolsonaro.

As hashtags também se estenderam à propagação de relatos pessoais, já mencionados no item anterior deste capítulo. A partir do compartilhamento maciço de experiências em primeira pessoa, aplica-se tons de subjetividade à luta política. Destaca-se aqui a força do movimento #MeuPrimeiroAssédio, ocorrido em 2015. Valentina Schulz, 12, tornou-se alvo de comentários machistas e pedófilos ao participar do programa Masterchef Junior, exibido pela Rede Bandeirantes. A

¹⁶ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/30/politica/1538270819_523141.html. Acesso em mar 2019.

hashtag foi usada 2,5 mil vezes na web nas primeiras 24 horas e, em três dias, chegou a 82 mil replicações (COSTA, 2018, p.48). O caso impulsionou mulheres de todas as regiões do país a desabafarem na web sobre a primeira vez em que foram assediadas. Logo vieram outras campanhas com a mesma temática, como #MeuAmigoSecreto, voltada para situações de assédio de homens próximos (chefes, membros da família ou ex-parceiros). Um tempo mais tarde foi a vez de #EstuproNuncaMais, suscitada após o estupro coletivo de uma mulher por 33 homens no Rio de Janeiro; #NãoéNão, específica para a sensibilização quanto ao assédio sexual no Carnaval.

Uma pesquisa feita pouco antes do Carnaval de 2017 mostrava que 54% dos homens entrevistados afirmavam que mulheres em um bloco carnavalesco, com roupas que revelam partes de seu corpo, bebendo, “estão a fim de ser agarradas”. A partir da politização do comportamento masculino, as campanhas por um “Carnaval sem assédio” foram inesperadamente muito bem-sucedidas: o número de assédios caiu efetivamente em 2017, franqueando maior liberdade para as mulheres participarem da festa em espaços públicos. (COSTA, 2018, p.51)

1.4.2) Coletivos em rede e produção de saberes localizados

Um coletivo pode ser definido como um “centro de convergência de pessoas e práticas, mas também de trocas e mutações”, que agrega sujeitos com os mesmos blocos de interesses e é moldado a partir de constantes aproximações, distanciamentos, adesões e desgarramentos (MIGLORIN, 2012).

Em artigo escrito no ano de 2014, quando a chamada quarta onda feminista ainda dava seus primeiros passos, Sonia Alvarez analisou as práticas coletivas feministas sob a perspectiva dos “campos discursivos de ação”, que ela define como “uma vasta gama de autoras/es individuais e de lugares sociais, culturais e políticos, articulados formal e informalmente, através de redes político-comunicativas” (p.18). Segundo a pesquisadora, as feministas das décadas de 1960 e 1970 eram mobilizadas primariamente pela resistência ao regime ditatorial, o que, por vezes, tendia a ofuscar a heterogeneidade do movimento na medida em que articulação era única, verticalizada, e em direção ao Estado. Desde a reabertura política, porém, percebe-se uma expansão de fluxos no sentido de obter-se uma pluralidade de vozes dentro do feminismo. A chegada da web permite ratificar esta tendência: com a descentralização das redes, as possibilidades de estratégias de comunicação e

mobilização se multiplicam, reordenando relações de poder e apresentando novas “gramáticas políticas” ao movimento (ALVAREZ, 2014, p. 29).

A internet não só permitiu a aproximação entre grupos feministas que já existiam, mas também criou fluxos próprios que, de acordo com Carolina Ferreira (2015), “apropriaram-se da atividade *prosumer* (produtor+consumidor) como instrumento de ação política” (p.208). Costa (2018) afirma que, entre 2015 e 2016, houve um crescimento vertiginoso de páginas sobre feminismo no Facebook, que ainda é a rede social mais popular entre brasileiros e acumula 130 milhões de usuários¹⁷. A ampla presença dos coletivos na plataforma de Mark Zuckerberg, embora emblemática, não é derradeira, posto que todos eles se comunicam por toda uma rede de canais digitais e possuem, em maioria, sites ou blogs destinados à produção de conteúdo original e colaborativo.

A comunicação, como toda e qualquer ciência, tem sua base “os quais, supostamente, fizeram as perguntas e deram as respostas que interessavam a todas as pessoas” (LOURO, 1997, p.143). Neste sentido, os novos veículos feministas apresentam uma possibilidade de contraposição às narrativas hegemônicas sobre temas relacionados às mulheres, tal qual explica Woitowicz:

Enquanto nos veículos de comunicação tradicionais assuntos como o aborto e a autonomia das mulheres costumam ser silenciados, ou tratados a partir de uma lógica hegemônica herdada de padrões culturais legitimados historicamente, os discursos de resistência circulam dentro e fora do movimento, produzindo representações dissonantes. (WOITOWICZ, 2015, p. 10)

Trata-se, portanto, de uma brecha para a produção de sentido calcado no conhecimento situado, tal qual enunciou Donna Haraway (1995), no célebre ensaio “Saberes Localizados”. Segundo a filósofa, as narrativas ocidentais baseadas na imutabilidade dos binômios mente-corpo e natureza-cultura só se desconstruem quando a ciência rever seus enquadramentos fundantes a partir das histórias outrora subjugadas.

Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da

¹⁷ Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em mar 2019.

transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver. (HARAWAY, 1995, p.21)

Se não há, como bem ressalta a autora, uma maneira de estar simultaneamente em todas as posições estruturadas por gênero, raça e classe, é este “eu dividido e contraditório que pode interrogar e ser responsabilidade, que pode construir e juntar-se a conversas racionais e imaginações que mudam a história” (p.20).

As histórias da ciência podem ser eficazmente contadas como histórias das tecnologias. Essas tecnologias são modos de vida, ordens sociais, práticas de visualização. Tecnologias são práticas habilidosas. Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem? Quem deve ter mais do que um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Quem usa viseiras? Quem interpreta o campo visual? Qual outro poder sensorial desejamos cultivar, além da visão? O discurso moral e político deveria ser o paradigma do discurso racional nas imagens e tecnologias da visão. . (HARAWAY, 1995, p.25)

Entre ecos e tensões, ancorados nas ruas e nas redes, os feminismos da quarta onda vêm experimentando novas modalidades de narrar, de produzir e reverberar suas histórias, de maneira a abarcar vozes e subjetividades outrora anuladas e posicionar-se a favor de uma “objetividade corporificada” (HARAWAY,1995, p.30) que engaje novos debates nos campos de corpos e significados possíveis.

2) ENTRE O TRAUMA E O EMPODERAMENTO: CORPO FEMININO E ATRAVESSAMENTOS HISTÓRICOS

2.1) A REINVENÇÃO DA MULHER NA MODERNIDADE

Decifrar a trajetória do corpo enquanto aparato estético requer um mergulho profundo na história da beleza, de maneira a capturar o que se torna palatável ou abominável a respeito das formas humanas num determinado espaço-tempo. Mas esta análise não se restringe ao visível, como bem afirma Georges Vigarello (2005). De acordo com o historiador francês, que embasará as exposições da primeira parte deste capítulo, trata-se de um exercício de compreensão das mais diversas (e mais íntimas) referências sociais e morais que se materializam na “superfície dos corpos, das tonicidades, dos ritmos e das mobilidades” (p.10).

Optou-se, nesta pesquisa, por destrinchar tais movimentos a partir do final da Idade Média, momento no qual ascende a dúvida a respeito do que se chama de “virtuosidade do grande” (VIGARELLO, 2013, p.22). Até então, via-se a corpulência como um sinal de poder num mundo que era constantemente assolado por crises de abastecimento, pragas e fomes em massa. As palavras utilizadas pela literatura para designar a beleza das mulheres abrangiam os adjetivos “gorda”, “tenra”, “grande”, porém num sentido denotativo, puramente antonímico ao “magro”, ou ainda em alusão a uma possível “saúde resplandecente”.

These pronouncements about female “fat” must be read carefully as denoting a lack of leanness more than a big overall size. “Fat” can imply “full” without necessarily meaning “big,” which contributes to the ambiguity of the terms and the judgments and perceptions that go along with them. (VIGARELLO, 2013, pp.4-5)

A entrada na Modernidade trouxe novos critérios para reorientação do olhar. Uma presença “refinada”, “leve” e “sem excessos” passou a exercer mais influência nas ascendentes cortes do Antigo Regime. Durante o Renascimento, há uma espécie de “invenção do corpo”, que revela um paradoxo contemplativo entre as partes “de cima” e as “de baixo”, bem como entre o que deve ser “descoberto” ou “escondido”. Vigarello (2005) recorre à alegoria das edificações para explicar o enquadramento anatômico que passou a vigorar à época: segundo o autor, “o corpo era apresentado como elementos empilhados, impondo o triunfo do estático sobre o

dinâmico” (p.39), sem qualquer alusão a mecanismos de força ou tensão que o envolviam. Partes como busto, rosto, mãos e ombros ganharam destaque, em contraponto aos membros inferiores, relegados ao posto de meros suportes para a sustentação.

As transformações no campo da estética reconfiguraram o status da mulher na sociedade na medida em que alçaram sua beleza ao posto de perfeição e/ou espetáculo. Outrora situada em polos opostos – virgem santa ou bruxa herege –, a imagem da mulher moderna passou por uma espécie de reformulação, antecipando um dos consensos sociais mais pungentes da Era Moderna: a ênfase na preparação para o casamento. Seu corpo, por consequência, tornou-se capital nas tramas amorosas, nas quais o homem era a parcela ativa, de força, enquanto à mulher cabia o deleite, os encantos e a passividade.

Uma divisão se faz aqui, orientando nitidamente, e por muito tempo, os gêneros em direção a duas qualidades opostas: a força para o homem, a beleza para a mulher; para um, “o trabalho da cidade e do campo”, para a outra, “o agasalho da casa”. Fronteiras decisivas entre os papéis, fronteiras decisivas entre as aparências. O homem não saberia “cuidar de sua tez” para melhor enfrentar “trabalhos e intempéries”. A mulher, em compensação, deve vigiar essa tez para melhor “alegrar e deleitar o homem fatigado e enfasiado”. Não que ele próprio seja destituído de beleza: a imagem da majestade divina já “reluz nele, incompreensível ao espírito humano”. (VIGARELLO, 2005, p.24)

Não seria raro, portanto, que estas mesmas mulheres adotassem métodos de modelagem e aprimoramento dos próprios contornos, ainda que de maneira ainda não tão explícita. Cremes e óleos naturais para realçar rostos e colos tornaram-se cada vez mais frequentes, bem como os cintos, parceiros inseparáveis de mulheres que desejavam ressaltar cinturas e dorsos. Todas estas manifestações sinalizavam duas tendências que se solidificariam nas décadas seguintes: a separação definitiva entre força e beleza (Vigarello, 2005) e a representação da última como uma característica (e uma obrigação) eminente das mulheres.

Em artigo sobre critérios e limites para a oposição entre masculino e feminino, Roger Chartier (1995) recorda que, entre os séculos XVI e XVII, houve uma espécie de substituição dos enfrentamentos físicos pelas lutas simbólicas. Foi exatamente neste período, segundo o historiador francês (p.40), que a construção de uma “identidade feminina” adentrou o imaginário da sociedade ocidental, transformando

os corpos e os comportamentos das mulheres a partir de discursos elaborados e disseminados pelos detentores de poder.

Como efeito direto, a noção de belo passou a ser orientada não mais por critérios absolutos, porém relativos aos universos referenciais insurgentes. Acentuou-se, por exemplo, a diferenciação entre “volumes” masculinos e femininos, criando, tal qual pontua Vigarello (2013), uma nova cultura associada à adiposidade já a partir do período Iluminista:

The engraving of close-fitting Brandenburg jackets accentuates the man's belly carried out front, smoothly rounding the silk shirt and thus the ball like volume into something more “normal” and even desirable; whereas the female figure, in contrast, has her bust darkly magnified. Similarly, the scene of a ball imagined by Duclos in 1770 opposes a wide range of bellies to the strictly uniform thin waists of the women. (2013, p. 87)

O olhar dedicado aos contornos propiciou o desenvolvimento de uma tecnologia de correção e disciplinarização corporal aos ateliês da Europa Ocidental, também conhecida por espartilho. Inicialmente desenhado para readaptação postural, o artefato impôs a estética “na prevenção e na pedagogia” (Vigarello, 2005, p.64), comprimindo, remoldando e destacando as formas femininas na Era Moderna. Também contribuiu para a intensificação do abismo social entre mulheres ricas, separando mulheres camponesas de nobres a partir da complexidade de suas silhuetas. Da robustez das aldeãs, se extraía o descuido. No ponto oposto, a retilinearidade das mulheres da Nobreza refletia sua própria virtuosidade.

A hierarquização anatômica ampliou os horizontes linguísticos para descrever e relatar os contornos femininos. Corpos flácidos passaram a ser alvo de chacota de ilustradores da época, que trataram de associá-los com termos até hoje presentes nos discursos de senso comum: bolas, balões, baleias, entre outros. A ridicularização da viscosidade das formas físicas coincidiu com uma nova rediagramação da mirada: até então ofuscadas por tecidos fluidos e saias gigantescas, as partes baixas começaram a ganhar destaque. A exposição completa da figura materializa um dos traços mais emblemático da Era das Luzes: o início do processo de julgamento dos contornos, uma espécie de antecipação da categorização e problematização da anatomia humana pelas ciências médicas.

2.2) NOVAS MORALIDADES DO CORPO FEMININO NO MUNDO OCIDENTAL CONTEMPORÂNEO

A aceitação individual e coletiva das mulheres sempre perpassou a validação de seus corpos, o que caracteriza uma engrenagem de domesticação persistente até os dias atuais (MARTINS, 2004). A inclusão do sexo no domínio do saber médico-científico consolidou, de maneira desigual, as diferenças circunscritas nos corpos que dividiam a espécie humana. Ao longo da história, e com o devido amparo do discurso da ciência, o vocábulo “homem” carregou a representação de “humanidade”, sendo dessexualizado na medida em que se tornava um “ideal” e o símbolo dos valores de distinção social, como a razão, a inteligência e a moral.

À mulher, por outro lado, reservava-se o destino do cuidado e da reprodução, que passou a ser sustentado mais fortemente com a evolução da ginecologia e da obstetrícia a partir do século XIX, quando argumentos materialistas e dados estatísticos foram utilizados para promover a maternidade a uma função não só natural, como também moral e política. Além disso, experiências fisiológicas realizadas por médicos das mais diversas áreas para fundamentar suas teorias sobre as engrenagens nervosas do até então desconhecido corpo feminino terminaram por legitimar o conceito da “mulher instável”, dotada de um sistema de frágil equilíbrio e, por conseguinte, passível de qualquer excitação periférica. Era como se a mulher fosse refém de seu próprio corpo; portanto, limitada em comparação ao seu companheiro de espécie, para quem o sexo e seus ditames só eram determinantes em alguns momentos de sua vida (MARTINS, 2004).

Essa imagem nervosa e instável do corpo feminino contribuiu para restringir a existência das mulheres a limites impostos pela lei biológica imanente a esta organização. (...) Assim, os médicos juntaram-se aos ideólogos da domesticidade ao mesmo tempo em que chamaram para si a responsabilidade em prevenir e curar as manifestações mórbidas, mais variadas, da instável natureza feminina. (MARTINS, 2004, pp. 111-12).

O papel reprodutivo das mulheres foi extremamente afetado pelas mudanças sociais decorrentes do processo de industrialização. A sociedade se tornou cada vez mais urbanizada e com a erotização do sexo na cultura popular, o mesmo passou a ser associado ao prazer e não à reprodução (BROWN; JASPER, 1993). Com isso, a corpulência, que era a imagem da fertilidade, abriu espaço para a magreza, associada ao deleite sexual masculino. Se hoje o gerenciamento das mulheres não se dá pela

redução às funções reprodutivas ou pela supressão à excitação sexual, uma gama de novos mecanismos de controle é disseminada, reafirmando os limites entre normal e patológico e/ou entre autonomia e cárcere. De certa forma, ainda sobrevivem os “especialistas de mulher”, não tanto na figura dos médicos, mas dos treinadores, esteticistas, nutricionistas e tantas outras profissões criadas ou readaptadas para atender as demandas geradas por tal sistema de vigilância.

Em uma sociedade marcada pela exacerbação do consumo e a busca quase imperativa da felicidade, o corpo tornou-se a plataforma valorativa e o suporte simbólico de angústias, excitações e do mal-estar dos sujeitos na atualidade (BIRMAN, 2012). Ele ultrapassa, segundo Novaes (2011), “os limites do biológico e sua versão mecânica e tecnológica pulveriza ou enevoa as fronteiras que definem o humano, produzindo reviravoltas nos valores éticos e acelerando mudanças de costumes” (p. 478). Sibilia (2004) afirma que este processo de exacerbação do corpo nos coloca diante de um grande paradoxo: ao mesmo tempo em que somos submetidos a todo o tipo de investimento em nome da visibilidade e da “boa aparência”, desprezamos toda a nossa organicidade com enorme violência. De acordo com a antropóloga, assistimos à ascensão de um “horror visceral dos tecidos adiposos que naturalmente conformam o corpo humano” (2004, p.11), comumente chamada de “lipofobia”. Trata-se de um novo fantasma social; um inimigo público que, em sua concepção, chega a ofuscar um velho e antagônico problema: a fome.

O fantasma da gordura não desvela apenas os cientistas em seus laboratórios (que desejam descobrir a panaceia para exorcizá-lo), mas também e sobretudo a ansiosa iniciativa empresarial (que desvira por comercializar tal poção mágica) e os igualmente ansiosos consumidores (que desesperadamente querem 36ntend-la para vê-la agir em seus próprios corpos). Apesar dessas novidades que fluem da ressaca da festa consumista, nos cantos mais esquecidos do planeta não deixa de aumentar a porção da humanidade que cotidianamente morre de fome: 24 mil pessoas por dia, 11 crianças por minuto. (SIBILIA, 2004, p. 12)

Fontes (2006) denomina “canônico” o modelo físico-anatômico predominante na sociedade pós-industrial, que recorre à adoção de uma série de práticas, técnicas e hábitos com o objetivo de reconfigurar suas dimensões biológicas e tornar-se “mero simulacro da imagem que seria ideal” (p.3). Ao situar a ascensão desta nova corporeidade na década de 1970, ou seja, pós-movimento de liberação sexual, ela divide a trajetória do corpo no século XX em três grandes momentos: o “representado”, criado a partir do olhar das instituições ou das manifestações artísticas; o “representante”, que

carrega em si a contestação política e proposição de novas subjetividades; e o “corpo-espetáculo”, que, ao pautar-se prioritariamente pela forma, reflete o hedonismo e a efemeridade tão presentes no mundo contemporâneo. Se, como aponta Butler (2002, p.163), “corpos carregam discursos como parte do próprio sangue”, a ideia da canonização anatômica proposta por Fontes está mais relacionada à série de práticas, valores e conjugações que incidem sobre o corpo do que, propriamente, com beleza. Antes de ser belo, ele deve ser atender às exigências da cultura para ser visto como apropriado e pertinente aos valores sociais de uma determinada época.

A lógica do prestígio a partir da autoimagem ajuda a redefinir o sentido da saúde que, da simples ausência de doença, aproxima-se da noção de “bem-estar físico, mental e social” (CZEREZNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013). O conceito de “normal” ou “natural” dá lugar a uma “normatividade vital” (BEZERRA JUNIOR, 2014, p.116), na qual a vida se torna não apenas o somatório de fenômenos físico-químicos, mas ao valor que a eles é atribuído.

Do vírus ao ser humano, estamos todos, o tempo todo, incorporando ações sobre o meio, fazendo opções entre possibilidades de ação, visando a certos resultados e repelindo outros na direção de garantir a preservação, a multiplicidade e a reprodução da vida. (...) Compreender a vida como polaridade e exercício de valoração permanente implica pensar a normatividade como inscrita não exatamente no organismo individual, mas na sua relação com o meio. (BEZERRA JUNIOR, 2014, pp.116-7)

A reverberação do cuidado crônico enquanto prática social passa a redefinir os conceitos de “normal” e “patológico”. Vaz e Portugal (2013) indicam que a ideia de normal assume cada vez mais uma dimensão de “idealidade”. O indivíduo passa a desconhecer mais o seu corpo pela ausência de sintomas, invertendo a noção de normalidade proposta por Canguilhem (2009). Para o filósofo, a saúde definiria uma estrutura e comportamento orgânico ideal que permite uma estabilidade para que, diante das flutuações do meio, a vida possa encontrar a solução para os problemas de adaptação. Além disso, o que aparece como anormal é, em vários casos, o prenúncio de uma nova potência de normatividade em relação à vida, pois “na medida em que seres vivos se afastam do tipo específico, serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão inventores a caminho de novas formas?” (CANGUILHEM, 2009; SAFATLE, 2011). Entretanto, se a definição de normalidade se destaca do que é fisiologicamente majoritário nos indivíduos e passa a depender do rigor da atitude

preventiva, cada vez mais ser normal requer o consumo de objetos técnicos de aperfeiçoamento. (VAZ; PORTUGAL, 2013, p. 110).

Conjuga-se, desta maneira, a existência de dois corpos (FEATHERSTONE, 2001): o interior, que se refere às preocupações com a saúde e o tratamento de doenças; o exterior, calcado na manutenção do físico enquanto promovedor de status no espaço social. Esta dicotomia, no âmbito da “cultura somática” (COSTA, 2004, p.204), torna o corpo um balizador da vida psicológico-moral dos indivíduos, que perdem a autonomia perante as próprias subjetividades e passam a reproduzir normas que lhes são vendidas diariamente por diversos dispositivos midiáticos. Em meio à realidade-espetáculo, “a aparência se torna inerência e o verdadeiro não é mais aquilo que é, mas o que os proprietários dos meios de comunicação decidem que deve ser visto” (2004, p. 229).

Uma simples revisão semântica já comprova as regras que sintetizam essa “moral da boa forma” (SIBILIA, 2010). A autora lembra que a palavra “fitness”, tão apregoada na era da idolatria corporal, vem do verbo “to fit in”, que significa enquadrar-se. Já os termos “sarado”, “bombado” ou “malhado” remontam aos sentidos de “cura” ou “castigo”, que se coadunam a uma sociedade na qual se predomina o culto ao corpo, porém mediante seleção. Só são celebrados os corpos minuciosamente esculpidos, que possam contagiar outros no desejo de conquistar o ideal de felicidade através da beleza e da magreza. Os que não aderem ao “projeto médico-cultural de corporeidade-moeda” (2006, p.12) são vistos como desviantes das dinâmicas sociais às quais integram, e muitas vezes passíveis de marginalização ou repulsa.

Quando a atenção concedida ao corpo é associada à busca pela melhor versão de si frente a esta nova ordem moral, a feiúra e a gordura passam a ser vistas como “alteridades” que remetem à finitude, à incompletude, à insubordinação, à improdutividade, à má- educação e à morte. Novaes (2011) acrescenta que elas trazem à tona o desmedido feminino, tal qual a sexualidade fazia no século XIX. Ao se entender a magreza enquanto virtude, instalam-se dispositivos de monitoramento os quais se assemelham aos métodos de confissão de pecados morais utilizados em períodos históricos anteriores. Em uma conjuntura de lipofobia, onde o apetite pode ser associado à subversão, entende-se o porquê da existência de quadros patológicos como o medo mórbido de engordar, a redução voluntária de consumo nutricional para rápida perda de peso, a ingestão de alimentos seguida de vômitos ou as compulsões alimentares.

Naomi Wolf (1992), em seu livro “O Mito da Beleza”, pontua que a brecha na

estrutura de poder encontrada pelas mulheres nas últimas décadas do século XX fez surgir outras estratégias de controle que, segundo a autora, “operavam com a finalidade de eliminar a herança deixada pelo feminismo na sociedade ocidental” (p.9). No momento em que os dogmas da Igreja e os preceitos do Estado perderam sua capacidade de persuasão ou de coerção, ritos seculares relacionados à beleza e à forma física passaram a ser os novos mecanismos de repressão social das mulheres. A beleza, portanto, tornava-se um operador ideológico que poderia parar as mulheres que “a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontrolláveis” (p. 137). A propagação das práticas de cuidado, em sua concepção, consistia em uma arma política apontada para as conquistas pelas mulheres ao longo das décadas anteriores:

De imediato, as indústrias da dieta e dos cosméticos passaram a ser os novos censores culturais do espaço intelectual das mulheres. A revolução sexual propiciou a descoberta da sexualidade. A ‘pornografia da beleza’ — que pela primeira vez na história da mulher liga uma beleza produzida de forma indireta e explícita à sexualidade — está em toda parte, minando o sentido recém-adquirido e vulnerável do amor-próprio sexual. (Wolf, 1992, p.13)

É interessante trazer os estudos de Wolf neste momento do trabalho porque, embora “O Mito da Beleza” ainda seja referência quando se trata de mulheres e autoimagem, a americana escreve exatamente num momento de hiato do discurso feminista no debate público. Aproxima estética, controle social e feminismo como ainda não se havia visto em ondas anteriores do movimento de mulheres¹⁸. Entretanto, pensa a beleza e corpo feminino como arcabouço das narrativas de dominação. Quase 30 anos depois, a quarta geração feminista tenta realizar o caminho inverso e refletir sobre corpos desviantes do ponto de vista contranarrativo. Não se trata, porém, de alçar a aceitação estética a eixo final de análise, mas de almejar entendê-la como uma possibilidade de reconstituição identitária. Ainda que seja usualmente retratada como um sentimento individual, a autoestima adquire papel importante de reaproximação com a comunidade, vislumbrando a cooperação, a união ou, para utilizar um termo recorrente nos movimentos feministas contemporâneos, a *sororidade*¹⁹. No contexto de carência de

¹⁸ A literatura feminista elege “Fat is a Feminist Issue”, de Susie Orbach, como precursor à obra de Wolff. Já em 1978, a autora britânica refletia sobre a regulação das práticas de cuidado e do apetite das mulheres. Esgotado no Brasil, em algumas livrarias virtuais estrangeiras aparece enquadrado na seção de autoajuda.

¹⁹ Conceito em disputa, mas que significa, em termos básicos, “uma aliança firmada entre mulheres, baseada na empatia, irmandade e companheirismo”. Disponível em <http://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>,

poder, ela pode ser o combustível necessário ao imperativo da mudança em direção à liberdade, desde que não perca a sua perspectiva coletivista (LEON, 2001).

2.3) O TRAUMA E A LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO DA VÍTIMA

Trauma não é uma palavra estranha às sociedades pós-industriais. A ideia de que eventos trágicos, sejam eles individuais ou coletivos, deixam marcas vem sendo amplamente compreendida ao longo das últimas três décadas (FASSIN; RECHTMAN, 2009). A memória da dor e do sofrimento ascende como uma tentativa reapropriação de vestígios do passado e oferecer novas representações aos mais perversos episódios de violência ou catástrofe ocorridos em toda a História da humanidade: colonização, escravidão, guerras, Holocausto, apartheid, Chernobyl, e tantos outros. Esta aparente naturalização do conceito de trauma na contemporaneidade, entretanto, pode vir a ofuscar dois elementos importantes: o temporal (nem sempre o discurso da vítima foi considerado inteligível nos registros oficiais) e o contextual (o “traumatizado” é, também, um agente social, que produz sentido e não se mantém passivo à condição que lhe é atribuída).

Até meados da década de 1970, era improvável ver a experiência traumática alçada à condição de categoria de análise fora dos campos da saúde mental. Ademais, a veracidade das manifestações das vítimas de grandes catástrofes era constantemente colocada em xeque, mesmo por profissionais especializados: o comportamento obsessivo poderia ser uma encenação para esquivarem-se de seus respectivos deveres ou simplesmente uma neurose passageira.

Quando eles [psicólogos e psiquiatras] se envolviam em situações de conflito ou acidentes de trabalho, eles questionavam a veracidade dos sintomas apresentados pelos feridos ou sobreviventes, sempre suspeitando que a “neurose” do soldado após um choque era uma encenação para não retornar ao front ou a “sinistrose” do trabalhador após um acidente escondia um desejo mais ou menos consciente por reparação. A vítima, que poucas vezes era vista como tal, era tachada de ilegítima; trauma era uma condição sob suspeita. (FASSIN; RECHTMAN; 2009, p.5. Tradução nossa.)

O Holocausto representou uma mudança de paradigma na expressão da memória coletiva e/ou da experiência compartilhada de violência. É o ponto de partida, segundo Fassin e Hechtman (2009, p.17), da manifestação do trauma na arena pública. Não apenas pelo impacto socio-histórico que lhe é intrínseco, explicam os autores, mas porque toda a produção discursiva das vítimas ocorreu após um período de silêncio. O tempo decorrido entre o evento em si e sua exposição por parte dos envolvidos – seja a partir de diários, cartas, testemunhos

jurídicos ou até obras cinematográficas – é o que o qualifica como traumático. Se o trauma consiste no “passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.69), faz-se necessária certa distância cronológica do acontecido para que se reconstrua o espaço simbólico por meio do qual os vestígios de memória individuais e coletivos vão atingir o plano “real”.

Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. (2008, p.70)

Da “emergência repentina da memória em um momento de perigo”, opera-se a reestruturação de uma moral cognitiva “onde o sofrimento estabelece a base de uma causa e o evento demanda a reinterpretação da História” (FASSIN; RECHTMAN, 2009, p.16). A partir dos trabalhos do historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006), os autores argumentam que o ressurgimento da memória ferida fomenta o embate entre os registros oficiais (“versão dos vencidos”) e as narrativas perdidas, as quais oferecem “uma versão mais verdadeira da experiência histórica”.

Os escravos, os colonizados, os subjugados, os oprimidos, os sobreviventes, as vítimas de acidentes, os refugiados... Estas são as imagens concretas dos ‘derrotados’, cujas histórias, longe de desaparecerem junto às experiências de infortúnios, são renascidas nas memórias das gerações seguintes. (FASSIN; RECHTMAN, 2009, p.16)

Emergiu, então, uma nova concepção de vítima, que se percebeu ainda mais solidificada a partir da definição do diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Publicado na terceira revisão do DSM²⁰, em 1980, ele constitui “um importante articulador ideológico da produção da noção de vítima no mundo contemporâneo”, de acordo com Cynthia Sarti (2011, p.55). O protocolo evidenciou o embate entre psiquiatria e psicanálise pela hegemonia discursiva, bem como operou uma reconfiguração da concepção de pessoa, legitimando emoção e sofrimento

²⁰ O DSM (sigla em inglês para Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders) foi criado em 1952 pela Associação Americana de Psiquiatria como uma alternativa à Classificação Internacional das Doenças (CID), produzida pela Organização Mundial da Saúde (RUSSO; VENANCIO, 2016, p.463). Atualmente, encontra-se em sua quinta edição (DSM V).

como mecanismos de produção de verdade. Tratava-se de uma “virada biológica” (SARTI, 2011, RUSSO; VENÂNCIO, 2006), que possibilitou aos psiquiatras novas maneiras de identificar e qualificar vítimas, expandindo a noção de trauma para acidentes, catástrofes naturais e quaisquer outros tipos de episódios de violência. Com a instituição de uma nova dimensão diagnóstica, criou-se uma relação de legitimidade entre o TEPT e a vítima, agora socialmente legitimada.

Cabe ressaltar aqui o papel decisivo dos movimentos feministas durante as disputas dos campos da saúde mental para a elaboração do DSM-III. Vaz (2010) recorda que a psicanálise freudiana já era alvo de críticas por parte das militantes, pois, mesmo em contextos de abuso, alocava as memórias da vítima do campo da fantasia, não reconhecendo o sofrimento da depoente e ainda deixando subentendido que tudo não havia passado de uma manifestação de seu próprio desejo. Junto ao movimento de veteranos da guerra do Vietnã, que tentava sensibilizar a opinião pública sobre a desumanização de soldados durante grandes conflitos, as feministas produziram mudanças no DSM ao pleitearem a transferência da culpa da vítima para o evento causador: “ao invés de dizerem ‘sofro porque não resisto a desejar meu desejo’, passariam a afirmar “sofro por culpa do outro”, já anunciando a mudança na cultura do testemunho que seria desenvolvida nas décadas seguintes.

2.4) DA CONFISSÃO AO TESTEMUNHO: “O DESLOCAMENTO DO ANORMAL”

Ao tentar descrever o que chama de “domínio da anomalia” no século XIX, Michel Foucault recorre a três figuras essenciais. A primeira delas é o “monstro”, que, segundo o autor, consiste na materialização do antissocial e do antinatural ou, sendo ainda mais cirúrgico, “a combinação do impossível com o proibido” (2001, p.70). Mais adiante, ele nos apresenta o “indivíduo a ser corrigido”, cujas falhas (mais comuns e corriqueiras) justificariam a manutenção das intervenções disciplinares e corretivas da época. Já o terceiro é o masturbador, que tinha o espectro de referência não no binômio sociedade-natureza, ou nas instituições, mas no corpo e na expressão da própria sexualidade. Deste amálgama de instintos e personalidades desviantes, devidamente codificados pela psiquiatria e pelas Ciências Jurídicas, surge a figura intitulada “anormal”, figura da qual a sociedade moderna se esforçava para manter-se à distância.

Na contemporaneidade, porém, o que existe é uma mudança de produção de subjetividade a partir da qual o preconceito – e não mais a indisciplina ou a sexualidade – é considerado a doença mental a ser combatida. Se o anormal era objeto de desprezo e temor, tendo por principal produto a culpa, a distância do preconceituoso se dá a através da experiência da vergonha reflexiva, conforme pontua Paulo Vaz (2014):

A vergonha reflexiva também implica uma outra relação consigo. Enquanto o indivíduo dependia do juízo alheio, enquanto ainda acreditava que, para ser desejado, deveria se comportar como imaginava que os outros queriam que ele se comportasse, o indivíduo estava marcado pela baixa autoestima. Desse modo, a vergonha reflexiva significa coragem de vir a público revelar seu segredo, elevando sua autoestima pela valentia demonstrada e por ajudar a todos aqueles que ainda sofrem em silêncio por dependerem afetivamente de preconceituosos. (p.43)

Há que se delinear os dois tipos elementos discursivos que emblematizam a mudança da produção da subjetividade moderna para a contemporânea: a confissão e o testemunho. Vaz et al. (2014) afirmam que, à primeira vista, os dois gêneros se cruzam ao proporem uma intersecção entre o sujeito da enunciação (quem fala) e o do enunciado (de quem se fala). Entretanto, a confissão costuma ser direcionada “a um interlocutor que ocupa lugar de autoridade” (p.3) e tem o poder de determinar seu potencial de verdade. Já o testemunho, pondera o autor, pressupõe a igualdade entre os interlocutores e duas posições morais resultantes: a da tolerância ou a do preconceito. Se na confissão a responsabilidade recai sobre o enunciador, no testemunho ele é vítima de alguém que o fez sofrer. “Não é mais a regra moral que internalizada na forma de culpa que proíbe o indivíduo de se realizar” (SANTOS, 2015, p.6), mas um agente externo.

Seligmann-Silva (2008) recorda que o século XX mostrou que todo produto cultural pode ser lido em seu teor testemunhal: “não exatamente como um reflexo da realidade, mas um aprendizado psicanalítico da leitura de traços do real no universo da cultura” (p.71). A memória, outrora alvo de suspeição, passou a tensionar a historiografia dentro das Ciências Humanas e Sociais, produzindo novos mecanismos de relatar o passado. O testemunho, desta maneira, representa a ressimbolização deste passado a partir de uma narrativa que, se por um lado pode mostrar instabilidade ou confusão, também serve de ponte para a reconstrução de um novo espaço de sobrevida (SELIGMANN-SILVA, 2010). O deslocamento da

posição de sobrevivente reconfigura a imagem do trauma, na medida em que este deixa sua condição de silenciamento e adquire uma “tridimensionalidade”: outrora abandonado em algum lugar da psiquê, ele é reincorporado ao cotidiano a partir das nuances do relato testemunhal, “que trabalha no sentido de dar uma nova dimensão aos fatos antes enterrados” (p.11).

2.5) O ESPAÇO BIOGRÁFICO E A ESCRITA PERFORMÁTICA

Se antes o testemunho era conectado à memória de grandes guerras ou de extermínios em massa, nas sociedades pós-industriais os relatos de si aparecem de maneiras bem mais corriqueiras. Sacramento (2018) aponta que mudanças na subjetividade contemporânea levaram a uma democratização do ato de narrar que valoriza o relato da experiência individual e coletiva no tempo presente. Existe, segundo o autor, uma passagem do “grande” para o “pequeno” testemunho, trazendo à tona episódios de sofrimento cotidiano e novas formas de explicar as marcas do passado.

Dentro desta reconfiguração subjetiva, Leonor Arfuch (2010) indica a existência de um “espaço biográfico” que abrange relatos em primeira pessoa em diferentes áreas de interlocução: desde a literatura, passando pela política e chegando aos dispositivos midiáticos. O advento da internet, pontua Sacramento (2018), propicia novos caminhos para a espetacularização da intimidade de forma voluntária em redes sociais, blogs, vídeos, entre outras possibilidades. A partir dos estudos de Arfuch, o autor lembra que, além da perspectiva individualista que compõe qualquer relato, existe o valor testemunhal: “cada narrativa autobiográfica é, também, coletiva, fala de famílias, grupos sociais e, em certo sentido, da humanidade” (p.136). Ele pondera, entretanto, que este valor não se encontra na verdade referencial, porém na autenticidade de quem conta como garantia de uma existência real.

O testemunho pode ser compreendido como uma tentativa de reconexão com um “eu que tem poderes” (SACRAMENTO, p.134). No início de sua discussão sobre empoderamento, Joice Berth (2018) traduz “empowerment” como o “processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você” (p.19). “Dar poder”, na concepção da autora, “está relacionado à condução de indivíduos de grupos por diversos estágios de autoafirmação e

autorreconhecimento de si para atingir um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor”.

Neste sentido, Rute Baquero (2012, p.175) lembra que a escrita sempre esteve, de alguma forma, associada ao poder. Nas civilizações antigas, quem detinha a tal tecnologia, poderia decidir o que seria registrado e decifrado. O texto é, portanto, uma possibilidade de exteriorização de trajetórias de vida em seus meandros públicos e privados. Trata-se de uma escrita performática (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.8), na qual o autor se reflete na própria leitura-espelho, simbolizando uma dinâmica autoficcional cada vez mais usual em tempos de internet.

3) PERCURSO METODOLÓGICO

Toda pesquisa qualitativa envolve, segundo Cecilia Minayo (2012, p.623), colocar-se no lugar do outro. Trata-se de uma linha tênue entre entender a singularidade do indivíduo como uma “manifestação do viver total” e recordar que toda trajetória ocorre dentro de uma coletividade, “contextualizada pela cultura do grupo em que ela se insere”. O ato de investigar experiências humanas torna-se também um exercício do contraditório, pois a compreensão a partir da linguagem traz consigo os efeitos das relações de poder imbricadas nas tramas discursivas que estão sob análise. A partir da observação da seleção de “conjuntos de práticas que tornam o mundo visível”, concebe-se a ideia de “estudar as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem” (DENZIN; LINCOLN, 2005 apud FLICK, 2009, p.16).

A experiência alimenta a reflexão e se expressa na linguagem (Minayo, 2012). Uma ação que, de acordo com a autora, não é “pura” (p.622), “pois vem organizada pelo sujeito por meio da reflexão e da interpretação num movimento em que o narrado e o vivido por si estão entranhados na e pela cultura, precedendo à narrativa e ao narrador”. O uso da linguagem como forma de prática social – “e não na condição de atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (p.90) – compreende o que Fairclough (2001) denomina “discurso”. O teórico ainda assinala:

o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros (...). Por um lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante. (FAIRCLOUGH, 2001, p.91)

Para o pesquisador francês, existem três efeitos construtivos do discurso (2001, p.92). O primeiro diz respeito à contribuição a identidades sociais, posições de sujeito e à definição de tipos de “eu”. Já o segundo envolve a construção de relações sociais entre as pessoas. O último, por sua vez, tem a ver com a contribuição para sistemas de conhecimento e crença. Fairclough ainda pontua que,

como prática político-ideológica, o discurso tem a possibilidade de manter e transformar as relações de poder e as entidades sobre as quais estas relações se desenvolvem. Não é apenas um local de luta, mas também um “marco delimitador na luta de poder, pois a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e estas próprias convenções, e o modo como se articulam são um foco de luta” (2001, p.94).

Inspirando-se na análise de discurso crítica e no método de interpretação de sentidos proposto por Gomes et al (2012), esta pesquisa seguirá uma lógica hermenêutico-dialética com vistas a interpretar contextos, razões e lógicas de falas, destacando os seguintes pontos:

leitura compreensiva, com vistas à impregnação, à visão de conjunto e à apreensão das particularidades do material da pesquisa; (b) identificação e recorte temático que emergem dos depoimentos; (c) identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas nos depoimentos; (d) busca de sentidos mais amplos (socioculturais), subjacentes às falas dos sujeitos da pesquisa; (e) diálogo entre as ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo; e (f) elaboração de síntese interpretativa, procurando articular objetivo do estudo, base teórica adotada e dados empíricos. (Gomes et al, 2012, p. 2592).

A internet se tornou um espaço importante de proliferação de ideias e discursos, que se disseminam por meio de blogs, sites, revistas eletrônicas, rede sociais e outras plataformas. Estas redes sociodigitais também vêm se configurando como instâncias pedagógicas de aprendizado cultural e emocional, oferecendo rico material para o debate sobre mudanças nos códigos morais e nas convenções relativas a gênero e sexualidade (RODRIGUES, 2018, p.19). Como parte desta pesquisa, dez blogs e/ou sites feministas foram monitorados desde 2016. Optou-se, ao fim, por restringir a análise aos sites Blogueiras Feministas e Lado M, tanto por seu histórico no espaço virtual (juntos, somam mais de 150 mil seguidores no Facebook) quanto pela pertinência do conteúdo apresentado.

Antecipando-se à explosão do debate de gênero na internet, “Blogueiras Feministas” foi criado em 2010 e já publicou textos de mais de setenta mulheres em todo o país. Intitula-se um blog político, que prima pela crítica a estruturas e instituições, pautando-se na interseccionalidade. É composto por 12 seções: Comportamento e Relacionamentos, Cultura e Mídia, Direitos Humanos e Inclusão

Social, Educação e História, Feminismo e Movimentos Sociais, Gênero e Diversidade, Política e Estado, Raça e Etnia, Saúde e Corpo, Sexismo e Violência, Sexo e Sexualidade, Trabalho e Economia.

Não acreditamos no feminismo como uma cartilha e nem como religião. Nosso feminismo é político e está constantemente em construção. Aberto para agregar ideias, valores e conceitos. Pronto para reconhecer privilégios e contradições. Disposto a questionar universalizações e essencialismos. Temos o desafio de propor, lutar e implementar mudanças sociais que construam uma sociedade melhor para TODAS as pessoas. (BLOGUEIRAS FEMINISTAS, editorial)

Já o Lado M consiste em um “site produtor de conteúdo para o empoderamento feminino”. Os textos se dividem pelas editorias “Mulheres reais”, “Feminismo” “Comportamento”, “Saúde”, “Cultura”, “Games”, “Esportes” e “Cotidiano”, onde são encontrados tanto matérias e reportagens quanto artigos em primeira pessoa. Em 2018, passou a ser integrado ao domínio Medium.

Não nos intitulamos como jornalismo feminino, porque, embora uma das nossas bandeiras seja a luta pelos direitos das mulheres, não nos identificamos com o jornalismo dito feminino que é veiculado na imprensa tradicional. (...) Antes que se pergunte, afirmo de antemão que somos, sim, um veículo de linha editorial feminista. (...) A nossa bandeira é a igualdade – igualdade! – entre os sexos e o fim do machismo. (“NÃO SOMOS PRODUTOS PARA SERMOS ROTULADOS”, EDITORIA COTIDIANO, Lado M, 2014)

Uma vez definidas as plataformas, realizou-se uma busca na base de dados dos blogs a partir de um único termo: “corpo”, que se juntou a expressões como “autoestima”, “gordofobia”, “anorexia” e “transtornos alimentares”. Foram encontradas cerca de 100 inserções, das quais logo foram eliminadas as que não guardavam relação com o tema central deste trabalho. Depois, restringiu-se a lista aos relatos em primeira pessoa, excluindo outros tipos de texto, a exemplo de artigos de opinião, manifestos ou reportagens factuais. Chegou-se, assim, aos onze relatos a serem analisados nesta pesquisa (com as devidas identificações narrativas das autoras).

Tabela 1: identificação do material empírico

Título do post	Blog	Ano	Autora	Identificação narrativa
Gordofobia: seu corpo é o resultado de um milhão de fatores	Blogueiras Feministas	2017	Sueli Feliziani	SF
Sobre o limbo entre a invisibilidade e o ridículo	Blogueiras Feministas	2016	Gabriela de Jesus	GJ
Gordinhas e o sexo	Blogueiras Feministas	2014	Vanessa Rodrigues	VR
Autoestima, feminismo e contradições de cada dia	Blogueiras Feministas	2013	Isabela Casalotti	IC
Doses homeopáticas de aceitação pessoal	Blogueiras Feministas	2013	Jéssica Ipólito	Jl
Eu, gorda?	Lado M	2018	Graciela Paciência	GP
Anorexia nervosa: a relação abusiva com a qual terei que lidar pra sempre	Lado M	2017	Nathalia Marques	NM
Relatos de um transtorno alimentar: cansei de vomitar!	Lado M	2016	Cris Chain	CC
A dificuldade de se ver bonita	Lado M	2016	ANÔNIMA	AN
Eu e a anorexia: um namoro longe de ser saudável	Lado M	2015	Lis Dórea	LD
Cada um sabe a dor e a delícia de ter o próprio corpo	Lado M	2014	Marcella de Carvalho	MC

Fonte: elaborada pela autora com base nas buscas dos blogs supracitados

Após leitura criteriosa dos relatos, criamos três blocos temáticos: corpo, trauma e rebeldia. A partir destes, foram definidas nove categorias que vão orientar a análise: corpo e subjetividade, corpo anormal, memória e testemunho, o lugar da vítima, feminisms, autoaceitação, empoderamento, sororidade e luta coletiva, interseccionalidade. Na tabela abaixo, é possível encontrar os blocos, as categorias e as correspondências com os respectivos relatos.

Tabela 2: identificação de dinâmicas narrativas

BLOCOS	CATEGORIAS	NARRATIVAS
1 - Corpo	Corpo e subjetividade	SF, GJ
	Corpo anormal	GJ, VR, NM, CC, MC, LD, MC
2 - Trauma	Memória e testemunho	LD, CC, NM, VR, GJ
	O lugar da vítima	GJ, LD
3 – Rebeldia	Feminismos	AN, LD
	Autoaceitação	SF, GJ, VR, IC, GP, AN, MC
	Empoderamento	NM, IC, CC, MC
	Sororidade e luta coletiva	SF, GJ, NM
	Interseccionalidade	GJ, SF

Fonte: elaborada pela autora.

4) RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1) CORPO: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E VESTÍGIOS DA ANORMALIDADE

Gabriela de Jesus²¹ é uma mulher negra e reside em Carapicuíba, região metropolitana de São Paulo. Em seu testemunho, não menciona a idade, mas os hábitos e as referências expostas deixam implícito tratar-se de uma jovem. Abre seu texto revelando um medo de cair, que se mostra presente até em situações de intenso trabalho corporal e, conseqüentemente, maior propensão a quedas.

Há uns anos atrás frequentei um projeto de capoeira em Guarulhos e a princípio entrei no grupo para aprender a tocar os instrumentos, mas a professora e o mestre primavam que todos tinham que saber fazer tudo, então comecei a treinar. Logo no primeiro treino, levei um golpe e cai, óbvio. FOI HORRÍVEL! Nossa, não queria nunca mais entrar na roda, não queria ter que passar por aquilo de novo e constatei uma coisa muito interessante: EU TENHO PAVOR DE CAIR. Ninguém é afeito a cair infinitamente, mas enquanto os outros caíam e riam de si, se animavam em continuar, eu ficava eternamente envergonhada, sem saber como lidar. - GJ

O temor de Gabriela se justifica nas linhas seguintes. O que poderia ser um risco natural para ela tratava-se de um gatilho que a deslocaria de uma espécie de “invisibilidade protetora” para uma situação de humilhação perante o outro por conta de sua forma física.

Percebi que por ser gorda, cair é quase que um pavor constante por ser justamente a hora que as pessoas mais usam para nos ridicularizar. Quer ver um exemplo? Quando uma pessoa magra entra num bar/ restaurante/sala de aula ela olha a cadeira e analisa se vai aguentá-la ou não? Toda vez, toda vez? Pois bem, se um magro sentar na cadeira e ela quebrar é porque a cadeira estava quebrada, agora se uma pessoa gorda sentar na cadeira e cair ela deixa de ser um “corpo invisível” para o “corpo ridículo”: *Também olha o tamanho dela, não se enxerga. Come feito um boi, quer o quê?* (Mesmo que nem tenha ideia do quanto a pessoa coma e isso realmente não tem a ver com ela). - GJ

O sofrimento da narradora remonta ao paradoxo do corpo na sociedade pós-industrial evidenciado por Sibilia (2004, p.11). Se as dimensões físicas nunca foram

²¹ Disponível em <https://blogueirasfeministas.com/2016/12/27/sobre-o-limbo-entre-a-invisibilidade-e-o-ridiculo/>. Acesso em novembro 2019.

tão fundamentais para a constituição das identidades dos sujeitos, estas também podem ser desprezadas com tamanha violência. Equilibrar-se em sentidos tão antagônicos pode transportar os indivíduos a uma espécie de “limbo, cujas marcas psíquicas são ativadas ou reativadas por gatilhos contidos em simples atividades cotidianas, segundo pontua Sueli Feliziani::

Eu lembrei das cadeiras quebradas em festa infantil. Meu ginecologista me mandando arrumar homem e tomar pílula porque tava gorda por causa de SOP (Síndrome do Ovário Policístico) sem saber nada do meu histórico de saúde. Do ortopedista que não viu meu encaminhamento do reumatologista e falou que meu problema eram 15 quilos e não fibromialgia. Dos mais de vinte e tantos quilos ganhos com lítio e ainda por ganhar com medicação. Sem esperança de perda. Dos antes e depois jogados na cara. Das várias vezes que me fiz vomitar. Dos diuréticos, dos laxantes. Da automutilação que ainda não venci. Da família fazendo piadas. Do namorado comentando meu corpo. Dos ex-cunhados fazendo piadas após dez anos de separação para o meu filho. Das comparações com a atual do Ex sobre meu caráter relacionado ao peso. Do meu chefe falando disso pro cliente na minha frente. De perder trabalho. E de tantas outras coisas....E pensando que o mundo taca na nossa cara o tempo inteiro que somos doentes, loucas, más, preguiçosas, feitas, até menos inteligentes por sermos 48 ou 54.- SF

Quando dissecar a sociologia do corpo desviante, mais especificamente do obeso, Georges Vigarello (2013) aponta um deslocamento de sentido que ocorre na passagem da Era Moderna para a contemporaneidade. A voluptuosidade não estava mais relacionada exatamente ao "excesso" de vivência, mas à dificuldade de autocontrole e à ineficiência. Na contramão desta lógica, as narradoras destacam a densidade de seus "eus orgânicos" (Vigarello, 2013, p.193), com histórias, traumas, impasses e, principalmente, potencialidades.

Cara, corpo não é mérito. Corpo é o invólucro do ser. Apenas. O que você tem e é está contido nele. Não o contrário. Não dá pra esperar merecer uma vida, um destino, uma felicidade ou uma voz quando houver um corpo x que a mereça. Seu corpo é o resultado de um milhão de fatores. Como seu modo de pensar. Sua personalidade. Seus sentimentos. Suas emoções. E suas marcas o são.- SF

Tenho refletido muito sobre como ser gorda desde sempre afetou a construção da minha subjetividade e como tenho como situações desagradáveis algo que para as pessoas é comum e até banal. - GJ

A angústia da inadequação, por sua vez, leva a uma série de eventos que constroem um novo panorama da exclusão de mulheres dos espaços públicos. Desta vez, não por uma força externa de controle, mas pelas prisões criadas por

seus próprios corpos, que as afastam de prazeres como frequentar a praia, sentir-se confortável em peças de roupa e até da auto-observação através do espelho:

Quando você se enxerga gorda, por mais que relute, acaba se privando de uma infinidade de coisas. Eu, por exemplo, deixei de ir à praia quando tinha 12 anos. Roupas são compradas com um cuidado imenso, pois barriga de gorda não pode aparecer - GP

Passei minha adolescência inteira evitando espelhos grandes, fotos que me pegassem de corpo inteiro; falar do meu peso, subir em balanças perto de pessoas (des)conhecidas ir comprar roupas com as minhas amigas, então... Não acontecia. — JI

Durante o ano 2000, estudei num colégio que era tipo magistério e me lembro que nesse ano eu USEI MOLETOM/BLUSA DE FRIO O ANO INTEIRO. (...) Ah, regata? nunca, jamais, morria de vergonha do meu braço. Nas aulas de educação física no ensino médio inteiro que me lembre, me pesava escondido e meu pesadelo por tempos foi imaginar as pessoas da minha turma saberem quantos quilos eu pesava.” – GJ

Ao se debruçarem sobre o problema social no qual estão involucradas, as jovens passam a uma espécie de peregrinação pela memória, que envolve seleções, enquadramentos, esquecimentos e silêncios (Lerner; Vaz, 2007). Têm, como indicam os autores (p, 157), o presente como ponto de partida, sendo sempre contextual e dialógica. Um aspecto em comum nos relatos analisados é uma tentativa de descrever a primeira vez que aqueles corpos se entenderam (ou foram entendidos) como desviantes).

Tento lembrar quando tudo começou: aos 8 anos alguma colega me chamou de gorda na escola e comecei a observar que eu realmente era enorme e minha barriga gigantesca. – CC

Não tinha quinze anos sequer, no final do verão daquele ano, quando me agarrei à ideia de que perderia peso. - LD

Em seus relatos, as jovens abordam o constante escrutínio pelo qual seus corpos são submetidos, trazendo à tona uma coerção de prazeres, pensamentos e sentidos advinda da percepção da anormalidade por outrem (Foucault, 2001). Destacam-se dois personagens recorrentes em suas falas que apresentam discursos distintos, porém igualmente disciplinatórios: o médico e a mãe.

Meu ginecologista me mandando arrumar homem e tomar pílula porque tava gorda por causa de SOP (Síndrome do Ovário

Policístico) sem saber nada do meu histórico de saúde. Do ortopedista que não viu meu encaminhamento do reumatologista e falou que meu problema eram 15 quilos e não fibromialgia. Dos mais de vinte e tantos quilos ganhos com lítio e ainda por ganhar com medicação. Sem esperança de perda. Dos antes e depois jogados na cara. Das várias vezes que me fiz vomitar. Dos diuréticos, dos laxantes. Da automutilação que ainda não venci. – SF

Eu só tinha uma mãe que se preocupava com a minha saúde de forma maquiada. Ela não fazia por mal, mas a vida toda sempre se preocupou com o que as outras pessoas pensariam de mim, dela, da nossa família. [...] O fato dela me querer magra nunca foi exclusivamente pela minha saúde, acreditem. Minha mãe é do tipo que prioriza a imagem refletida para os outros. Tudo, absolutamente tudo precisa estar de acordo com o que é dito como socialmente aceito. – JI

Chama a atenção, durante a leitura dos relatos, o impacto do sentimento de inadequação no processo de sexualização dos corpos. Naomi Wolff (1992) afirma que a expansão da cultura da pornografia colocou a nudez no patamar de “sobre-humana”, “aperfeiçoada” ao ponto de causar estranheza. A representação única do que seria um corpo desejável compromete a individualidade sexual de homens e mulheres, bem como seleciona quais indivíduos ou grupos são socialmente dignos de viver a experiência do sexo ou até do amor. Vanessa Rodrigues conta que, ainda na infância, intuiu que talvez não fizesse parte da lista ao ler uma reportagem sobre como pessoas gordas poderiam disfarçar suas dimensões físicas durante o ato sexual.

Era alguma coisa sobre: “Gordinhas podem fazer sexo?” ou “Como gordinhas podem fazer sexo?”. Para ilustrar, havia a foto de uma modelo de rosto redondo, com uma expressão insegura, sem olhar direito para câmera. Li aquilo e, do alto dos meus 9, 10 anos de idade, eu só pensava que jamais iria transar na vida, já que desajeitada como sou nunca que eu ia conseguir fazer de um lençol um sarongue! – VR

Os argumentos usados para tentar me convencer a querer emagrecer eram mais deprimentes do que a “acusação”. Eu ouvi, desde os 9 anos de idade, que se eu continuasse gorda, eu jamais ia namorar.” – MC

4.2) TRAUMA: A MEMÓRIA E A POLITIZAÇÃO DO DISCURSO DA VÍTIMA

Durante a exposição dos marcos teóricos desta pesquisa, falamos sobre as mudanças sociais e institucionais que levaram a um reposicionamento no lugar da vítima. Também vimos (Sacramento, 2018, p.126) que a expansão das tecnologias de comunicação deu origem a um rearranjo subjetivo que gerou a passagem do "grande" ao "pequeno testemunho": da sistemática violência estatal às narrativas de sofrimento cotidianas. Paralelamente, os movimentos sociais contribuíram à construção de uma noção de “vítima em potencial”, públicos que, por questões de gênero e idade, podem ser mais vulneráveis a situações de violência (Sarti, 2011).

Liz Dórea, ao relatar sua experiência com a anorexia, associa os conflitos em relação ao próprio corpo como inerentes ao “ser mulher” dentro de uma dinâmica patriarcal:

Então, viriam os olhares. A verdade é que sempre vêm. Na ciranda do patriarcado, o olhar come pelas beiradas, arrasta sentidos endiabrados para a mulher, e é o acúmulo simbólico duma realidade de opressão estrutural muito mais profunda. Entre nós e o outro, um abismo — de gênero e de juízo social. Eis, então, outra vez, o espelho defronte o qual eu refletia aquilo que não podia ser; que não queria ser, mas que era oprimida para sê-lo. - LD

Gabriela de Jesus ressalta a outra face da verbalização das experiências traumáticas, na qual assumir uma condição de vítima nem sempre encontra legitimidade social. O testemunho de Liz, por sua vez, denota

Pois bem, ando cansada de ter que lutar contra um monte de coisa e, ainda assim, se falo das minhas sensações acabo sendo tirada de vitimista. - GJ

O pedaço de minha história que não consigo regurgitar é como pude me levantar. **Em revisitá-la, agora, preciso operar um recorte de gênero.** Só assim perdoaria a mim. A anorexia é, afinal, com uma cicatriz de guerra — ou uma tatuagem sem cor. Não poderei esquecer-la nunca; tampouco vou me livrar de suas nódoas indelévels. Em verdade, aprendi a suportá-la; forçosamente, a respeitá-la e, então, a resignificá-la. Agora, já posso botar meus olhos dentro dos seus, expropriar seus traços, chapados a ferro, e fazer fogo - LD

4.3) REBELDIA: FEMINISMOS, SORORIDADE E EMPODERAMENTO

A ressimbolização das cenas de trauma dá fôlego à construção de uma nova subjetividade que, segundo as depoentes, acontece a partir do intento de olhar para o corpo por uma perspectiva mais gentil, ponderada e emancipadora.

Eu não posso querer parecer uma garota de 16 anos. Não posso ser mãe de manequim 38, *anymore*. E tá ok. Minha história é outra. Aceitar isso não é comodismo. E quem tentar me provar o contrário é que é maluco. Recusar o auto ódio é prova de inteligência. De sabedoria. E de auto trabalho. Não de covardia ou preguiça. Não se deixe levar pela ideia de que se você não gastar 20% do seu dinheiro e tempo para parecer com o que os outros gostariam, você não gosta de você. Se você precisa gastar mais tempo se modificando do que se conhecendo para se gostar, talvez o problema não seja você. – SF

A verdade é que tenho olhado e refletido mais sobre a minha imagem. Eu não me sinto linda todos os dias, mas eu me sinto bem com meu corpo. Acho isso importante: me olhar e não sentir repulsa; não me sentir culpada pela minha forma; me olhar no espelho e me entender fisicamente, não evitar a minha imagem. – JI

O confronto, então, ultrapassa os personagens individuais e ganha contornos mais estruturais e sociais. O inimigo não é mais o médico, ou a mãe, mas o sistema de opressão ou o “patriarcado” e o “machismo”. Trata-se de um momento de despertar que, segundo Myriam Jimeno (2010, p.114), permite sobrepassar a condição de vítima e chegando à recomposição do sujeito político.

Vinte por cento das mulheres que desenvolvem esse distúrbio alimentar morrem. Mas não me atropelo; porque com cinco quilos a menos, o patriarcado ainda me saudava. E a fronteira do estorvo. (...) Então, viriam os olhares. A verdade é que sempre vêm. Na ciranda do patriarcado, o olhar come pelas beiradas, arrasta sentidos endiabrados para a mulher, e é o acúmulo simbólico duma realidade de opressão estrutural muito mais profunda. (...) O feminismo resiste ao patriarcado; meu corpo, junto às forças sociais que me cercavam, tentava doidamente resistir à anorexia. As tentativas de outrem falharam. – LD

Mas se apanho uma mulher dizendo que precisa perder peso, sinto um arrepio me correndo de cima abaixo, e me faço dismantelar a ideia. Teria instinto de dissuadi-la, agora. Segurá-la pelo ombro e dizer-lhe que não. Mas não poderia. Não conheço a vida que ela suporta nos ombros. Então, no que me torno, ao interceder? Toda ação, no feminismo, precisa ser coletiva. Isto não é sobre alguém. Estamos juntas, no meio do olho do furacão. Sente aqui. Eu não vou

Ihe contar uma história sobre anorexia. Eu vou lhe contar uma história sobre machismo. Você vem? – LD

Dentro desta dinâmica recorrente nos textos analisados um estímulo ao companheirismo, à união das mulheres frente ao sistema de opressão que as atinge. Algumas das narrativas buscam reforçar essa união através de dedicatórias explícitas a outras mulheres.

Dedico essa postagem à todas minas gordas do meu *Face*, pelos olhares que temos que suportar todos os dias, pelos desaforos e preterimentos, por toda força e beleza que enfrentam(os) nas lutas. - GJ

Em seus estudos sobre a ética da sororidade, Tatiane Leal (2018) explica que a palavra seria uma espécie de retorno sentimental e político a uma sociedade desigual. "Ela seria a resposta a um movimento de naturalização da rivalidade feminina, produzido no interior da cultura e atravessado por relações de poder (2018, p.16)". Sueli Feliziani, em seu testemunho, recorda as vezes em que as pressões estéticas ou os conflitos com o próprio corpo a afastaram de outras mulheres, num processo de categorização de vítimas frequente nos movimentos sociais:

"E se pá, a gente acredita que o problema é a mina do lado. A mina de tamanho menor. Nunca os (...) da indústria meritocrática do corpo. Eu já devo ter achado que o problema é a mina tamanho 42. (...) Ou a atual ex-modelo do Ex. Ou a mina da revista." - SF

Segundo Leal (2017, p.184), a memória funciona como uma âncora que confere aos sujeitos identidade e um sentimento de pertencimento a um grupo social que partilha uma série de lembranças, vividas diretamente, experimentadas indiretamente ou herdadas.

Voltar a me achar uma mulher linda virou mais do que uma necessidade pessoal: é necessidade política. Amar a mim mesma é amar todos os corpos, todas as pessoas e talvez uma das maiores conquistas feministas. É por mim e por todas as mulheres e corpos não enquadrados. É por liberdade." - IC

Também se evidencia nos relatos uma noção de empoderamento/emancipação não linear. Algo que, diferentemente do que interpretações mais liberais dão conta, não aponta para um fim, mas para uma batalha contínua (e conjunta) em prol da mudança de organização coletiva e de sensibilidade.

Eu luto e quero muito que todas as mulheres que possuem esse transtorno continuem lutando. Quando consegui estabelecer meu caso clínico, decidi tatuar uma frase no meu pulso e ela diz “Quando nutre me traz vida”. Essa tatuagem me faz lembrar que a Ana pode ser forte me derrubar as vezes, mas minha vontade de viver sempre vai ser maior. – NM

Até que você, feminista, louca de vontade de tirar a roupa e ir à praia, olha no espelho e se desespera. Simplesmente se acha feia porque está fora dos padrões. Isso, aqueles lá: falta aqui, sobra ali, celulite, estria, varizes, pelos, cravos, “defeitos”. Cada detalhe ali, que no discurso é *“parte de você, da sua história”*, a seus olhos é a autoestima descendo ladeira abaixo.” Dia desses, no meio de uma crise de baixa autoestima, com muitos ataques e críticas pesadas a mim mesma, uma pessoa querida disse: *“se você se acha feia por ter engordado é porque, de alguma forma, considera que ser gorda é feio”*. Eis que a contradição se revelou óbvia. Oras, se esperneio porque meu cabelo está crespo, é porque acho, em algum nível, que cabelos crespos não são bonitos. Isso vale para qualquer parte do corpo. E a contradição dói. Porque racional e conscientemente acho todas as mulheres bonitas. Para olhar além disso, tem que ter um pouco de coragem para entender o que e por que está sendo reproduzido. Reproduzir os padrões é reproduzir as opressões mais estruturais e isso é feito o tempo todo. Por onde andamos encontramos receitas infalíveis para enquadrar. – IC

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se insere no contexto atual de emergência dos debates feministas no âmbito público. Sites e blogs feministas têm aberto espaços para que as mulheres contem suas histórias de sofrimento, superação e autoaceitação. Nosso objetivo foi analisar relatos de jovens com trajetória de obesidade e/ou transtornos alimentares, com o intuito de discutir como essas mulheres utilizam a escrita de si para a contestação social.

Na quarta onda feminista, corpos são reinseridos para materializar discursos e afetos, como tem sido muito bem demonstrado na Marcha das Vadias. As narrativas individuais surgem para politizar as experiências pessoais na construção de “problemas comuns”. A contínua transformação da tecnologia da comunicação (TI) na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (CASTELLS, 2013, p. 14). A interpretação de sentidos revelou o quão arraigados estão autoimagem, estética e mobilização coletiva nos feminismos atuais. Intersecções entre corpo e política seguem sendo partilhadas no espaço virtual, intensificando e remoldando o olhar sobre o corpo e a noção de beleza. Em meio à revolução da estética, emerge o deslocamento da subjetividade, que estimula a construção de novos espaços de enunciação e afirmação de si.

Identificamos nas narrativas das mulheres com trajetórias de obesidade e/ou transtornos alimentares que as experiências de desconforto ou inadequação dos seus corpos afetam suas subjetividades, sendo lembradas como trauma. Neste sentido, observamos no contexto atual uma legitimidade do lugar do discurso da vítima para refletir sobre as violências cotidianas sofridas pelo machismo e patriarcado.

Por outro lado, destacamos que a partir do feminismo, essas mulheres ressignificam suas experiências corporificadas de trauma, passando a refletir sobre o corpo como espaço de luta. Nesta lógica, podemos compreender que a autoestima vem se configurando como motor de mobilização coletiva dentre as novas gerações do movimento de mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maria Zina. **Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos**. Arquipélago, História, 2ª série, VI, 2002.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 81, n. 197, pp. 5-13, jan./abr. 2000.

ALVAREZ, Sonia. **Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista**. *Cad. Pagu* [online], n.43, pp.13-56, 2014.

AMARAL, Adriana. RECUERO, Raquel. MONTARDO, Sandra. (Orgs.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual**. *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, 2012.

BEZERRA JUNIOR, Benilton. **O normal e o patológico: uma discussão atual**. In: SOUZA, Alicia Navarro de; PITANGUY, Jacqueline (orgs.). **Saúde, corpo e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ufrj, 2014.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Ed. Letramento, 2018.

BIRMAN, Joel. **Corpo e excesso**. In:_____. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BOGADO, Maria. **Rua**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org). **Explosão Feminista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018, pp.23-42.

BORDO, Susan. **The body and the reproduction of femininity**. In:_____. **Unbearable weight: feminism, western culture and the body**. Berkeley: University of California Press, 2003.

BROWN; Catrina; JASPER, Karin. **Introduction: Why Weight? Why Women? Why Now?**. In:_____. **Consuming Passions: Feminist Approaches to Weight Preoccupation and Eating Disorders**. Toronto: Second Story Press, 1993.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org). **Explosão Feminista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Christiane. Rede. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org). **Explosão Feminista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018, pp.43-61.

COSTA, Jurandir Freire. Notas sobre a cultura somática. In: **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. RJ: Garamond, 2004.

CHARTIER, R. (2008). **Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)**. Cadernos Pagu, (4), 37-47. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761>, 1995.

CZEREZNIA, Dina; MACIEL, Elvira Maria Godinho de Seixas; OVIEDO; Rafael Antonio Malagón. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo: Rio de Janeiro, 2016.

EDWARDS, Emily. **Are Eating Disorders Feminist? Power, Resistance and the Feminine Ideal**. Queen's University Belfast: 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FARIAS MONTEIRO, Kimberly; GRUBBA, Leilane. **A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes a sufragistas**. In: Direito E Desenvolvimento, 8(2), 261-278, 2017.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The empire of trauma: an inquiry into the condition of victimhood**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan S. **The body: social process and cultural theory**. Bath: The Bath Press, 2001.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo**. In: Cadernos Pagu, nº44, pp. 199-228, 2015.

FONTES, Malu. **Os percursos do corpo na cultura contemporânea**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2006.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Dirce de Sá. Com açúcar, sem afeto. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil**. Revista Sociedade e Estado, vol. 29, nº 2, maio/agosto, 2014.

GOMES, Romeu; LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, Daniela and SILVA, Geórgia Sibeles Nogueira. **Sentidos atribuídos à política voltada para a Saúde do Homem**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2012, vol.17, n.10, pp.2589-2596.

GONZAGA, Ana Paula; WEINBERG, Cybelle. **Transtornos alimentares: uma questão cultural?** In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, ano VIII, nº1, pp. 30-39, 2005.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu (5), 1995, pp. 07-41.

KARAWEJCZYK, Monica. **O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 26(2), 2018.

JIMENO, Myriam. **Emoções e política: a vítima e a construção de comunidades emocionais**. Mana [online], vol.16, n.1, pp.99-121, 2010.

LEAL, Tatiane. **Elas merecem ser lembradas: feminismo, emoções e memória em rede**. São Paulo, v.40, n.2, p.169-185, maio/ago. 2017.

LEAL, Tatiane. **A ética da sororidade: sentimentos morais, gênero e mídia**. XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2018.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. **Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira**. Revista Estudos Feministas, vol. 11, Florianópolis: 2003.

LEON, Madalena. **El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género**. La Ventana, nº13, 2001.

LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor. **Pandemia e biografia no jornalismo: uma análise dos relatos pessoais da experiência com a Influenza H1N1 em O Dia**. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, v. 22, n. 4, pp. 58-70, 2015.

LOFRANO-PRADO, Mara Cristina; DO PRADO, Wagner Luiz; DE PIANO, Aline; DÂMASO, Ana Raimunda. **Obesidade e transtornos alimentares: a coexistência de comportamentos alimentares extremos em adolescentes**. In: ConScientiae Saúde, vol. 10, núm. 3, 2011, pp. 579-589,

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MARIANO RODRIGUES, Bruna. **Testemunhos Femininos de Assédio e Violência Sexual nas Redes Sociais: trauma e dor como chaves para produção subjetiva e enunciação de si**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2019.

MARTINS, APV. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MIGLORIN, Cesar. **O que é um coletivo?** In: Liv & Ingmar: dizer o indizível. Revista Teia. São Paulo: IMS, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiúra: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Ana Luiza Sobral; CUNHA, Eduardo Leal. **Os transtornos alimentares e a patologização da vontade**. In: Clínica & Cultura. nº1, pp. 46-56, 2012.

OLIVEIRA, Leticia Langlois; HUTZ, Cláudio Simon. **Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo**. In: Psicologia em Estudo, n. 3, pp. 575-582, 2010.

ORTEGA, Francisco. **Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades**. In: Cadernos de Saúde Coletiva, nº 11 (1), pp. 59-77, 2003.

PERROT, Michelle. **Mi historia de las mujeres**, 1a ed. 1a reimp, Buenos Aires: Fondo Cultura Económica, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 2010, vol.18, n.36, pp.15-23.

RAMOS, Juliana Souza; NETO, André de Faria Pereira; BAGRICHEVSKY, Marcos. **Pro-anorexia cultural Identity: characteristics of a lifestyle in a virtual community**. In: Interface – Comunicação, Saúde e Educação, v.15, n.37, pp.447-60, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SACRAMENTO, Igor. **A era da testemunha: uma história do presente**. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM), v. 7, pp. 125 - 140, 2018.

SANTANA, Juliana Silva. **#thinspiration: construção digital do corpo anorético feminino**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). FACOM/UFBA: 2016.

SANTOS, Amanda; Vaz, Paulo. **Generalização da Vítima de Preconceito e a Construção de Narrativas de Sofrimento**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2015.

SARTI, Cynthia. **A vítima como figura contemporânea**. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 61, pp. 51-61, jan./abr. 2011.

_____. **A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, pp. 77-105, jul.-dez. 2014

_____. **Corpo, violência e saúde: a produção da vítima**. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n. 1, pp. 89-103, 2009.

_____. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. Estudos Feministas, v. 12, n. 2, pp. 35-50, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho. Tempo e Argumento** - Revista do Programa de Pós-graduação em História. Florianópolis, v. 2, n.1, pp. 3-20, jan/jun. 2010.

_____. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicologia Clínica (PUC-Rio), Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, pp. 65-82, 2008.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo**. In: VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: 2004.

_____. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição corporal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Rangel Pessanha. **Comunicação e Gênero: as narrativas dos movimentos feministas contemporâneos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). ECO/UFRJ:2017.

SILVA, Daniela Ferreira Araujo. **Do outro lado do espelho: anorexia e bulimia para além da imagem - uma etnografia virtual**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). IFCH/UNICAMP, 2004.

SILVA, Daniela Ferreira Araujo. **Histórias de vida com transtornos alimentares: gênero, corporalidade e constituição de si**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH/UNICAMP, 2011.

SWAIN, T. N. **Feminismo e representações sociais**. 11História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

ZAFRA, Remedios. **Um cuarto propio conectado. Feminismo y creación desde la esfera público-privada online**. In: Asparkía, 22, pp. 115-129, 2011.

VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, João. (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____; PORTUGAL, D. A felicidade segundo a razão farmacêutica: subjetividade, tecnologia e consumo de medicamentos na cultura contemporânea. In: RIBEIRO, A. P. G.; FREIRE FILHO, J.; HERSCHMANN, M. (Orgs.). **Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo**. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

_____. **Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea**. Galáxia (São Paulo), n. 28, pp. 32-44, dez. 2014.

_____; SANTOS, Amanda; ANDRADE, Pedro Henrique. **Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência**. Lumina (Juiz de Fora), v. 8, n. 2, dez. 2014.

VIGARELLO, Georges. **A história da beleza**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **The metamorphoses of fat: a history of obesity**. Trad: Jon Delogu. Columbia University Press: EUA, 2013.

WEINBERG, Cybelle. **Do ideal ascético ao ideal estético: a evolução histórica da Anorexia Nervosa**. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 13, n. 2, pp. 224-237, 2010.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Agendar a mídia e/ou fazer a própria mídia: Impasses e desafios na trajetória histórica no movimento feminista**. In: 10^o Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

ANEXO 1 - MATERIAL EMPÍRICO

BLOGUEIRAS FEMINISTAS:

[Blogueiras Feministas](#)

Gordofobia: seu corpo é o resultado de um milhão de fatores

[12/06/2017](#)

Categorias [Direitos Humanos e Inclusão Social](#), [Feminismo e Movimentos Sociais](#) [autoestima](#), [gordofobia](#), [mulher gorda](#), [preconceito](#), [sororidade](#)

Texto de Sueli Feliziani.

Tava conversando com a Michele Machado, aquela deusa, agorinha, e pensando... cara como parece que conseguem fazer até as gorda se odiarem, né...

Eu lembro quando eu li um texto que me tirou umas lágrimas assim do nada, que falava que gordas tamanho 46 eram um problema pra luta antigordofobia, porque invisibilizavam mulheres maiores. E, quando eu ouvi de uma pessoa que eu respeitava e curti muito do movimento negro que eu não era gorda e que era bonita demais pra falar sobre exclusão gorda...

Eu lembrei das cadeiras quebradas em festa infantil. Meu ginecologista me mandando arrumar homem e tomar pílula porque tava gorda por causa de SOP (Síndrome do Ovário Policístico) sem saber nada do meu histórico de saúde. Do ortopedista que não viu meu encaminhamento do reumatologista e falou que meu problema eram 15 quilos e não fibromialgia. Dos mais de vinte e tantos quilos ganhos com lítio e ainda por ganhar com medicação. Sem esperança de perda. Dos antes e depois jogados na cara. Das várias vezes que me fiz vomitar. Dos diuréticos, dos laxantes. Da automutilação que ainda não venci. Da família fazendo piadas. Do namorado comentando meu corpo. Dos ex-cunhados fazendo piadas após dez anos de separação para o meu filho. Das comparações com a atual do Ex sobre meu caráter relacionado ao peso. Do meu chefe falando disso pro cliente na minha frente. De perder trabalho. E de tantas outras coisas....

E pensando que o mundo taca na nossa cara o tempo inteiro que somos doentes, loucas, más, preguiçosas, feitas, até menos inteligentes por sermos 48 ou 54.

E se pá, a gente acredita que o problema é a mina do lado. A mina de tamanho menor. Nunca os FDP da indústria meritocrática do corpo.

Eu já devo ter achado que o problema é a mina tamanho 42. E ficado puta com ela. Ou a atual ex-modelo do Ex. Ou a mina da revista.

Cara, corpo não é mérito. Corpo é o invólucro do ser. Apenas. O que você tem e é está contido nele. Não o contrário. Não dá pra esperar merecer uma vida, um destino, uma felicidade ou uma voz quando houver um corpo x que a mereça.

Seu corpo é o resultado de um milhão de fatores. Como seu modo de pensar. Sua personalidade. Seus sentimentos. Suas emoções. E suas marcas o são.

Eu não posso querer parecer uma garota de 16 anos. Não posso ser mãe de manequim 38, *anymore*. E tá ok. Minha história é outra. Aceitar isso não é comodismo. E quem tentar me provar o contrário é que é maluco.

Recusar o auto ódio é prova de inteligência. De sabedoria. E de auto trabalho. Não de covardia ou preguiça. Não se deixe levar pela ideia de que se você não gastar 20% do seu dinheiro e tempo para parecer com o que os outros gostariam, você não gosta de você. Se você precisa gastar mais tempo se modificando do que se conhecendo para se gostar, talvez o problema não seja você. Avalie. Conheça seu corpo e sua saúde. E só aja sobre sua aparência e peso, se for necessário. Não imposto.

E ame suas migas que tão na mesma luta. Isso aí é sororário. Beijos de luz.

Autora

Sueli Feliziani, kilos e kilos de massa cinzenta envoltos em uma pele negra macia e tatuada com cachos e sarcasmo pra dar charme... Publicado originalmente em seu [perfil do Facebook no dia 09/06/2017](#).

[Blogueiras Feministas](#)

Sobre o limbo entre a invisibilidade e o ridículo

[27/12/2016](#)

Categorias [Saúde e Corpoautocuidado](#), [autoestima](#), [beleza](#), [corpo](#), [gordofobia](#), [identidade](#), [mulher gorda](#), [mulher negra](#), [preconceito](#)

Texto de Gabriela de Jesus.

“Capoeira que é bom sabe cair.”

Há uns anos atrás frequentei um projeto de capoeira em Guarulhos e a princípio entrei no grupo para aprender a tocar os instrumentos, mas a professora e o mestre primavam que todos tinham que saber fazer tudo, então comecei a treinar. Logo no primeiro treino, levei um golpe e cai, óbvio. FOI HORRÍVEL!

Nossa, não queria nunca mais entrar na roda, não queria ter que passar por aquilo de novo e constatei uma coisa muito interessante: EU TENHO PAVOR DE CAIR. Ninguém é afeito a cair infinitamente, mas enquanto os outros caíam e riam de si, se animavam em continuar, eu ficava eternamente envergonhada, sem saber como lidar e passei a refletir sobre essa diferença. Percebi que por ser gorda, cair é quase que um pavor constante por ser justamente a hora que as pessoas mais usam para nos ridicularizar.

Quer ver um exemplo? Quando uma pessoa magra entra num bar/ restaurante/sala de aula ela olha a cadeira e analisa se vai aguentá-la ou não? Toda vez, toda vez? Pois bem, se um magro sentar na cadeira e ela quebrar é porque a cadeira estava quebrada, agora se uma pessoa gorda sentar na cadeira e cair ela deixa de ser um “corpo invisível” para o “corpo ridículo”: *Também olha o tamanho dela, não se enxerga. Come feito um boi, quer o quê?* (Mesmo que nem tenha ideia do quanto a pessoa coma e isso realmente não tem a ver com ela). *Também pra essa pessoa a cadeira tem que ser de ferro!!!* RISOS RISOS RISOS INFINITOS RISOS nunca a alternativa da cadeira estava quebrada aparece.

Tenho refletido muito sobre como ser gorda desde sempre afetou a construção da minha subjetividade e como tenho como situações desagradáveis algo que para as pessoas é comum e até banal.

Durante o ano 2000, estudei num colégio que era tipo magistério e me lembro que nesse ano eu USEI MOLETOM/BLUSA DE FRIO O ANO INTEIRO. Fazia sol, fazia chuva estava de moletom. Mas não era pra ostentar meu curso e nunca me lembrava da razão disso, até eu perceber que tenho a impressão de que como era nova na escola, tive que comprar uma camiseta de uniforme nova. Provavelmente ela ficou apertada (nem vou comentar sobre roupas G padrão) e devo ter ficado envergonhada e por isso um ano inteiro, meus 15 anos passei desse jeitinho aí, me escondendo. Ah, regata? nunca, jamais, morria de vergonha do meu braço. Nas aulas de educação física no ensino médio inteiro que me lembre, me pesava escondido e meu pesadelo por tempos foi imaginar as pessoas da minha turma saberem quantos quilos eu pesava.

Receber elogio é outra cena, não sei receber elogio. Sempre acho que a pessoa está mentindo, tentando fazer média ou querendo me ridicularizar. Não sei como reagir, normalmente sorriso amarelo e mudança de assunto. Mas suave, adianta nada a pessoa me chamar de “maravilhosa” e só ter afeto por gente magra, muito sensata minha desconfiança.

Usar roupas que marquem a barriga ou muito coloridas, muito curtas, maquiagens, adereços, enfim, esse desafio tenho me feito desde ano passado (em partes) usando coisas mais coloridas, mais vestidos, roupas mais curtas, mas sempre que alguém passa rindo perto de mim penso ser eu o motivo do riso. Toda vez. Quase insano.

E começar um novo relacionamento e a insegurança de se despir na frente da pessoa, de pensar se algo “sensual” pode ser lido como “UAU” ou como ridículo. Sempre um questão.

Tenho a impressão de que a gordofobia foi tão ardilosa em interferir no meu jeito de lidar com os outros e comigo que chega a ser bizarro. Para os outros, pralém da força da mulher negra ainda gorda EPA: *forte pakas, não precisa de ajuda pra nada, não chora nada e ajuda todo mundo. Adoro ela...Zzzz.*

Sobre me olhar, percebi que negligenciei meu corpo, como diziam que era feio, incapaz, inadequado, não deixava de fazer coisas ou frequentar lugares na maior parte das vezes, mas não me olhava, não olhava minha barriga, minhas coxas, meus braços. Acordava, colocava roupa, ia pra labuta. Quando alguém falava: “*Olha, isso é celulite*”, daí que ia reparar que tinha celulite, que tinha estria, que a barriga é assim ou assado. Perverso você desconhecer seu corpo, ignorá-lo totalmente para não pirar mais ainda.

Confesso que desde que me entendo por gente sou gorda, olho com mais cuidado e respeito para o espelho, nem sempre me sinto feliz com meu corpo, pois na verdade acho que de tanto lutar contra a gordofobia eu ando cansada. Cansada de ver que a pessoa gorda é inteligente e esforçada, mas e linda, bonita? Falaí aquela sua amiga gorda, quando foi a última vez que você se lembra que ela esteve em destaque?

Pois bem, ando cansada de ter que lutar contra um monte de coisa e, ainda assim, se falo das minhas sensações acabo sendo tirada de vitimista. Não sei se é meu olhar que está contaminado (e pode estar), mas só ando vendo pessoas de destaque/sucesso magras. Pode ser viagem, pode ser *bad*, mas pode não ser e acredito que tem muito o que ralar pra mudar esses placentes, para entendermos que a diversidade é em si bela.

Dedico essa postagem à todas minas gordas do meu *Face*, pelos olhares que temos que suportar todos os dias, pelos desaforos e preterimentos, por toda força e beleza que enfrentam(os) nas lutas. Não está fácil, mas nunca foi. Acesso e exponho algumas experiências negativas para ver se encarando-as assim de frente e de forma coletiva eles possam doer menos (em nós) e o caminhar seguir menos doloroso.

Tamo juntas, por que sabe né? Pra nos invisibilizar é um, dois.

Texto originalmente publicado em seu [perfil do Facebook no dia 21/12/2016](#).

Autora

Gabriela de Jesus é mulher negra da periferia de Carapicuíba/Grande São Paulo. Militante feminista, antirracista e anti gordofobia em cada célula do corpo!

Créditos da Imagem: Outdoor no metrô. A foto é da atriz [Gabourey Sidibe](#), que participa da [Campanha #ThisBody](#) da marca Lane Bryant.

[Blogueiras Feministas](#)

Gordinhas e o sexo

[18/08/2014](#)

Categorias [Saúde e Corpobeleza](#), [corpo](#), [estética](#), [gordofobia](#), [mídia](#), [revista](#), [Vanessa Rodrigues](#)

Texto de Vanessa Rodrigues.

Antes, eu tinha lido esse texto da Polly no Lugar de Mulher: [“Como é ser gorda”](#). Um par de horas depois, estava num chat online com uma amiga quando começamos a falar das revistas femininas clássicas e de suas influências nefastas em nossas vidas. E, juntando as duas coisas, acabei me lembrando de um artigo que li num exemplar da revista Nova de minha mãe, há uns 30 anos.

Era alguma coisa sobre: “Gordinhas podem fazer sexo?” ou “Como gordinhas podem fazer sexo?”. Para ilustrar, havia a foto de uma modelo de rosto redondo, com uma expressão insegura, sem olhar direito para câmera. O texto recomendava transas à meia luz (ou com luz apagada), posições nas quais nossas dobrinhas ou gordurinhas não ficassem tão evidentes, jeitos de se desvencilhar da mão do bofe caso ele quisesse acariciar nosso abdômen, entre outras dicas.

Ou seja, o artigo era o próprio manifesto gordofóbico, cheio de condescendência e mau gosto. Reparem que o li criança e nunca me esqueci. Até porque, o *grand finale* era realmente uma pérola: uma espécie de receita de como transformar o lençol num “charmoso e sexy” sarongue, caso desse vontade de ir ao banheiro fazer xixi! Porque, obviamente, ao acender a luz para ir ao banheiro, era preciso esconder o corpo.



Foto de [Liora K e Jes Baker](#). Parte do projeto fotográfico [“EXPOSE: SHEDDING LIGHT ON COLLECTIVE BEAUTY”](#), que busca mostrar a beleza de mulheres comuns e reais.

Li aquilo e, do alto dos meus 9, 10 anos de idade, eu só pensava que jamais iria trepar na vida, já que desajeitada como sou nunca que eu ia conseguir fazer de um lençol um sarongue! Quando muito, uma toga. E togas não são sexy. Na verdade, eu não conseguia nem visualizar a operação. Como não consigo até hoje.

Para a revista, uma mulher gorda precisava ser não apenas uma ginasta na cama, com aquelas posições mirabolantes que passam longe do kama sutra, mas também uma estilista-malabarista-meio-origamer. Tipo aquelas pessoas que fazem bichinhos de balões nas festinhas

de aniversário. E, ainda precisa prender o xixi e ficar sem respirar (que é pro boy não acordar antes de finalizar a manobra), porque, né? Por mais ágil que uma pessoa seja, leva um tempo até o sarongue ficar pronto! Até lá, haja autocontrole na bexiga.

Quanta neura opressiva essas revistas nos inculciam, não é mesmo? Aliás, ainda inculcem, com suas capas em busca da barriga negativa e da última novidade milagrosa emagrecedora. O mais triste é pensar que, talvez, o estilo até tenha mudado, mas a gordofobia continua igual. Não me surpreenderia nada em esbarrar com um artigo desse quilate numa revista qualquer hoje em dia. Mesmo com o termo “*plus size*” virando moda e, como toda moda, excluindo alguns e ditando como os corpos devem ser.

Quanto a mim, vieram os anos e, embora eu não tenha passado incólume pelas manifestações gordofóbicas e pressões que sofri (e ainda sofro) ao longo da vida, aprendi que a delícia do sexo é desfrutar e ser desfrutada (e isso requer bem menos complicação e muito mais prazer do que possamos imaginar). E que na transa a única coisa que me apetece fazer com um lençol é brincar de cabaninha.

Autora

Vanessa Rodrigues é jornalista, co-fundadora da [Casa de Lua](#) e gostosa. Atualmente escreve no [Brasil Post](#) e pode ser encontrada também no [Facebook](#) e [Twitter](#).

Esse texto foi originalmente publicado em sua [página do Facebook no dia 15/08/2014](#).

[Blogueiras Feministas](#)

Autoestima, Feminismo e contradições de cada dia

[03/10/2013](#)

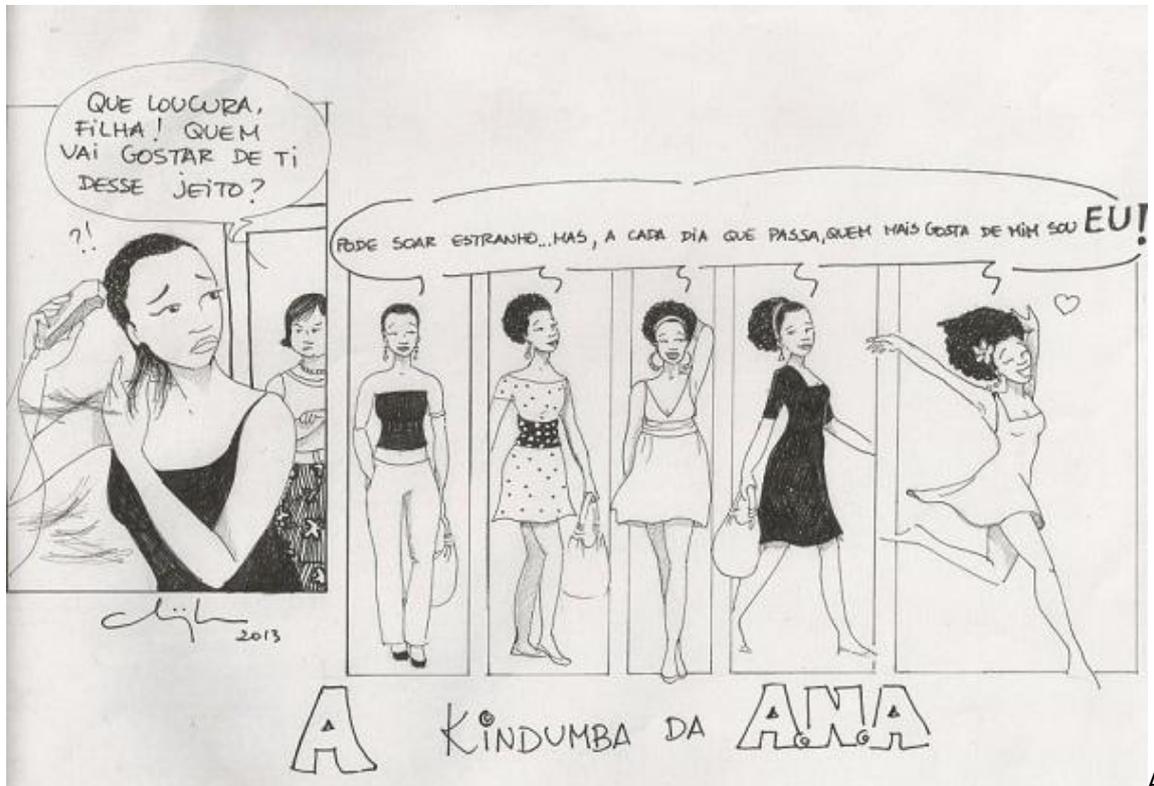
Categorias [Saúde e Corpoautoestima](#), [beleza](#), [corpo](#), [estética](#), [estereótipo](#), [gordofobia](#), [Isabela Casalotti](#), [opressão](#), [padrão](#)

Texto de Isabela Casalotti.

Sabe os padrões de beleza? Aqueles que já conhecemos e tanto criticamos. Isso, as capas de revistas, a [gordofobia](#), o [racismo](#), o [sexismo](#), a [cis-hetero-normatividade](#), o [capacitismo](#)... Esses estão na ponta da língua de nossas críticas. Nós, feministas, olhamos com admiração as mulheres empoderadas com seus corpos. Depois de um acolhimento, sabemos o que dizer para aquela amiga que diz estar descontente com sua aparência física.

Até que você, feminista, louca de vontade de tirar a roupa e ir a praia, olha no espelho e se desespera. Simplesmente se acha feia porque está fora dos padrões. Isso, aqueles lá: falta aqui, sobra ali, celulite, estria, varizes, pelos, cravos, “defeitos”. Cada detalhe ali, que no discurso é “*parte de você, da sua história*”, a seus olhos é a autoestima descendo ladeira abaixo.

A julgar pelas postagens cotidianas que vejo nas redes sociais, arrisco dizer que não sou feminista solitária nesse barco. E compartilho meu desabafo de como é encontrar-se nessa contradição. Olho para a amiga gorda e acho linda. Por que, então, me encolho quando uma mão carinhosa se aproxima da minha barriga?



Kindumba da A.N.A, por [Chiquinha no Facebook](#).

Dia desses, no meio de uma crise de baixa autoestima, com muitos ataques e críticas pesadas a mim mesma, uma pessoa querida disse: “*se você se acha feia por ter engordado é porque, de alguma forma, considera que ser gorda é feio*”. Eis que a contradição se revelou óbvia. Oras, se esperneio porque meu cabelo está crespo, é porque acho, em algum nível, que cabelos crespos não são bonitos. Isso vale para qualquer parte do corpo.

E a contradição dói. Porque racional e conscientemente acho todas as mulheres bonitas. Para olhar além disso, tem que ter um pouco de coragem para entender o que e por que está sendo reproduzido. Reproduzir os padrões é reproduzir as opressões mais estruturais e isso é feito o tempo todo. Por onde andamos encontramos receitas infalíveis para enquadrar.

Você conta que engordou dez quilos nos últimos seis meses. É o pão, é a cerveja, é emocional, é falta de academia. Você tem usado drogas? É o anticoncepcional, melhor parar. Não pare de tomar anticoncepcional, vai ficar cheia de espinha. Não coma batata, não beba suco de laranja, é calórico, sabia? Use quinoa, linhaça, chá, *shake*, chia. Foi o que eu ouvi. E fico pensando no que as pessoas obesas ouvem por aí.



Negahamburger por [Evelyn no Facebook](#).

Essas pressões podem dialogar diretamente com as opressões estruturais e com questões individuais. Existir corpos que são considerados desajustados somado com alguma necessidade de aceitação, aprovação, ou outras tantas questões subjetivas, pode ser o casamento perfeito da baixa autoestima, e vai na contramão do empoderamento.

Voltar a me achar uma mulher linda virou mais do que uma necessidade pessoal: é necessidade política. Amar a mim mesma é amar todos os corpos, todas as pessoas e talvez uma das maiores conquistas feministas. É por mim e por todas as mulheres e corpos não enquadrados. É por liberdade.

Convido tod@s a fazerem esse exercício, o de olhar para seu corpo como a todos, como uma bandeira feminista. E deixo de sugestão alguns textos e trabalhos altamente empoderadores:

- [Doses Homeopáticas de Aceitação Pessoal por Jéssica Ipólito](#).
- [Large Labia Project](#).
- [Projeto Tetas](#).
- [Full Beauty Project](#).
- [Pelos Pelos](#).

Além disso, você pode ajudar o: [Projeto Beleza Real por Negahamburger](#). Essa campanha pretende materializar o sonho de fazer um livro de ilustrações baseado em relatos de mulheres

reais que buscam a liberdade de ser, de viver sua própria beleza, livre de padrões e preconceitos.

[Blogueiras Feministas](#)

Doses homeopáticas de aceitação pessoal

[08/05/2013](#)

Categorias [Gênero e Diversidade](#), [Saúde e Corpoautoestima](#), [estética](#), [estereótipo](#), [Jéssica Ipólito](#), [mulher gorda](#)

Texto de Jéssica Ipólito.

No meu quarto tem um espelho gigante, que pega quase a parede inteira. Ele fica de frente para minha cama. Nos dias que o mau humor me ataca, eu fico desejando internamente, que por um descuido das forças negativas-cósmicas do universo, ele se quebre sozinho. *Olha só, puxa vida! Quebrou! Que peninha....* Mas nunca acontece. Ele continua lá. Todo dia quando acordo vejo minha imagem refletida. Meu cabelo bagunçado, minhas olheiras, a cara amassada pelo travesseiro.... essa cara de quem queria continuar dormindo, mas tem que trabalhar.

Quando me mudei para esse quarto, comentei com a Lilly (minha amiga) que esse espelho me perturbava. E ela me respondeu: *“Que delícia! Aproveita! Se olha de todos os ângulos, aproveita super!”* Não era bem isso que eu queria ter ouvido na hora, mas depois entendi. A verdade é que tenho olhado e refletido mais sobre a minha imagem. Eu não me sinto linda todos os dias, mas eu me sinto bem com meu corpo. Acho isso importante: **me olhar e não sentir repulsa; não me sentir culpada pela minha forma; me olhar no espelho e me entender fisicamente, não evitar a minha imagem.**

Nem sempre foi assim. Passei minha adolescência inteira evitando espelhos grandes, fotos que me pegassem de corpo inteiro; falar do meu peso, subir em balanças perto de pessoas (des)conhecidas NEM PENSAR; ir comprar roupas com as minhas amigas, então... Não acontecia. Era bem complicado porque eu não tive ninguém para falar que *“tudo bem, você é gorda e é linda assim, relaxa aí”*.



Foto de Substantia Jones, parte do projeto fotográfico: [‘The Adipositivity Project’](#), que busca promover a aceitação corporal, buscando expandir as definições de beleza física.

Eu só tinha uma mãe que se preocupava com a minha saúde de forma maquiada. Ela não fazia por mal, mas a vida toda sempre se preocupou com o que as outras pessoas pensariam de mim, dela, da nossa família. (*Imagina a loucura dessa senhora com uma filha sapatão?! Pois é...*). O fato dela me querer magra nunca foi exclusivamente pela minha saúde, acreditem. Minha mãe é do tipo que prioriza a imagem refletida para os outros... Tudo, absolutamente tudo precisa estar de acordo com o que é dito como *socialmente aceito*. Mesmo assim, eu não a condeno porque sei de todo processo que ela sofreu pra pensar dessa maneira... e entendo o quão difícil é para ela desconstruir isso tudo (*acabei adotando outras estratégias para conseguir ficar bem, uma delas foi entender meu corpo*).

Quem me conhecia pela internet, lá pras bandas do *Orkut & Fotolog*, só conhecia meu rosto, que: era alterado pelo *Photoshop*. Não é à toa que fui muito boa nesse programinha; eu conseguia tirar e colocar tudo que eu quisesse, e de quebra, ainda fazia uns retoques quando minhas amigas pediam nas fotos. Era super legal, **só que não**.

Por trás dessa alteração facial, escondia um descontentamento com a minha aparência. Escondia meu rosto com muita maquiagem (exageradamente) e *Photoshop*, porque ao natural, eu não seria aceita. E eu queria essa aceitação, poxa vida. Mas, naquela época, pra me conhecer mesmo, tinha que ser só pessoalmente. E ainda era complicado... Eu me modificava tanto ao ponto das pessoas não me reconhecerem à primeira vista. E eu acreditava que ninguém reparava nesses detalhes.... *olha que ingênua*.

No entanto, minha aceitação pessoal foi acontecendo aos poucos. Já contei que tenho 21 anos? Saí da bolha maciça recentemente. **Me descobri lésbica & negra, me aceitei gorda tudo de uma vez só...** Foi uma avalanche! Minha ex-companheira teve uma parcela de culpa boa muito grande nisso tudo. Porque ela conseguia me ver bonita enquanto gorda, mas eu não... aí tive umas crises estranhas até entender o que se passava comigo:

1º Porque: eu não achava que ela ficaria muito tempo comigo por motivos de: **SOU GORDA. OMG! ELA NÃO PERCEBEU! TEM 3 MESES E ELA NÃO PERCEBEU!?? LOGO VAI CAIR A FICHA E ELA VAI TERMINAR CMG, HELPPPP**”. Conclusão: Ela passou dois anos do meu lado. Transando e me amando, ok.

2º Porque: eu achava que por ser gorda, absolutamente ninguém na face dessa bendita Terra, iria querer ficar comigo (afeitva & sexualmente falando). E bom, não foi isso que aconteceu. Eu só precisei prestar atenção no que acontecia ao meu redor. Eu não percebia quando mulheres me paqueravam, porque né... sou gorda, logo não atraio ninguém. Pura balela, acredite. Foi tudo uma questão de me atentar, e eu continuo fazendo isso... Mas é porque me acostumei tanto com essa de ‘ninguém me olha’ que tenho que me policiar e prestar atenção. Se você não olhar ao seu redor, realmente... Fica complicado de perceber as coisas.

Um adendo: Já tem mais ou menos uns 2 anos que não manipulo meu rosto nas fotos e não uso o exagero de maquiagem que usava antes. E tem também quase 2 anos **que eu acredito quando as pessoas comentam: Que linda!** Porque sou eu de verdade, crua. Nenhuma alteração. O que as pessoas enxergam sou eu mesma e ponto final. Isso faz dá uma upgrade na autoestima.



Foto de Substantia Jones, parte do projeto fotográfico: [‘The Adipositivity Project’](#), que busca promover a aceitação corporal, buscando expandir as definições de beleza física.

Ainda tenho problemas com a minha mãe, que não gosta de mim assim “*tão gorda*”. Vive falando de dietas xis, de médicos milagrosos. Já falou comigo sobre a cirurgia bariátrica, até me levou numa especialista que fazia essa intervenção cirúrgica. Mas aí, quando a médica disse o valor (**17 mil reais, na época**), minha mãe desistiu e não tocou mais no assunto. Era um preço exorbitante pelo meu estômago, gente! Não quero vender pra ninguém... Nasceu inteiro comigo e vou morrer com ele assim. Ele tá no lugar que deveria estar, bonitinho.

Logo, passei a achar lojas que vendiam roupas legais, sem aquela de blusas de *estampa-estranha* e calças *folgadas-horríveis*, que eu nunca fui fã, sabe? Lojas com roupas bacanas. Aí fui me sentindo melhor. Eu tinha roupas legais! Tinha a fonte delas, aliás. Foi muito importante isso, uma vez que eu sempre encanava por não ter roupas descoladas e tal... Essa era uma questão que me deixava presa em casa por muitas vezes. Mas, atualmente, facilita muito saber onde comprar as roupas.

O mais interessante disso tudo é que todos os dias, eu tenho que lembrar a mim mesma o porque não optei por alguma medida mais drástica para diminuir meu peso. Por todos os lados me vem mensagens de emagrecimento. Me parece algo automático que é reproduzido em todo canto por onde eu passo, insistentemente:

– **Seja no ônibus** que eu pego pra ir no trabalho, onde a catraca é minúscula e eu tenho pavor de ficar entalada naquilo (*alguém já passou por isso? É tenso*); aí desenvolvi métodos para não ter problema nesse momento. Hoje eu sei que com calça jeans, rodar naquilo é mais complicadinho, já com calças de malha ou algodão (*não-jeans, no geral*) eu escorrego numa boa. Me ajudou muito e hoje em dia eu fico menos receosa. Menos porque, a cada ônibus diferente, parece que a catraca diminui. E isso me deixa irritada. Eu já sei a cor dos ônibus aqui em SP que tem as catracas ótimas, e procuro sempre pegar os mesmos. E não, eu não me sinto escrava disso... Eu precisei achar medidas que me contemplasse, já que todo o resto não faria isso por mim, né?!

– **No cursinho** pré-vestibular onde eu estudei, a cadeira era horrível para umx gordx. Gente, que desconforto, viu! Ficava metade da minha bunda pra fora e o apoio de caderno fica justo ao meu corpo. É um porre isso. Não se preocupam se o seu tamanho for diferente, quem tem que se esforçar e caber naquele espaço é você. *Se vira!*

– **No boteco da esquina**, que tem aquelas cadeiras de plástico onde não me cabe confortavelmente, espreme minha bunda e me deixa insegura só contando os minutos até a queda fatídica (*se o chão for liso então, vishi! Eu nem sento que é pra evitar fadiga*).



Foto de Substantia Jones, parte do projeto fotográfico: [‘The Adipositivity Project’](#), que busca promover a aceitação corporal, buscando expandir as definições de beleza física.

Essas coisas, no dia a dia, me dão um baita desânimo.... Mas aí eu lembro o porque continuo gorda:

Eu gosto do meu corpo. Sou toda gostosa de apertar, *mew!* Pra me abraçar você tem que usar seu corpo todo, e isso é tão bom (*adoro abraços*). E meus seios são ótimos pra encostar a cabeça (*sério!*). E eu não vou mudar por conta desses obstáculos pra ficar como a sociedade quer. *Mas vem cá, e o que eu quero? Foda-se, eu não tenho querer?* Que isso, **não e não**, definitivamente. Eu compreendo muito bem as questões de saúde, mas aqui e agora, não se trata de saúde. Porque doença eu não tenho, porque preciso realmente viver infeliz por conta do meu peso? Porque eu preciso viver buscando me enquadrar numa norma física que é imposta e nem se quer se preocupa com a minha satisfação íntima? Todxs nós, gordxs ou não, precisamos nos preocupar com a saúde, fazer exames e se cuidar. Mas acreditem, dá pra ser assim... dá pra cuidar da saúde sem caber numa calça 36. Dá pra se sentir bem, ter a saúde ótima, mas não pesar 48kg. Dá perfeitamente para **começar uma revolução e parar de odiar o seu corpo**.

É lógico que é difícil passar por tudo isso, ninguém nunca me disse que seria fácil e eu não vou dizer isso a você, que se manteve firme até o final desse texto.

Não é fácil não, mas não é impossível, tá? E a sua vontade, o seu bem estar, a sua satisfação, a sua autoestima precisam **PERMANECER** em primeiro lugar, no *top list* de prioridades na sua vida. E se ainda houver vestígios de insegurança, lembre-se todos os dias dos seus porquês, que são só seus e muito íntimos. E não interessa ninguém. Só você. Sua felicidade e prazer.

[Jéssica Ipólito](#) é gorda e sapatão. Militante da Fuzarca Feminista (MMM) de São Paulo/SP. Escreve no blog: [Gorda e Sapatão](#) – lesbianidade, sexualidade, feminismo, bodypositve.

LADO M:



Por Nathália Paciência

Eu, Gorda?



[Graciela Paciência](#)

[Sep 26, 2018](#) · 4 min read

Eu era uma criança feliz e normal. Até que, acho que aos 9 ou 10 anos, eu soube que era gorda. Sim, eu *soube*, porque eu sinceramente não via nada de errado quando olhava no espelho. Ao saber que era gorda, eu soube também que isso era uma coisa ruim.

A gordofobia está presente nos detalhes, como os olhares que reprovam a roupa curta de quem está fora dos padrões estéticos. Mas quem desaprova pessoas gordas não faz a menor questão de disfarçar. É como se fosse um preconceito que todo mundo “pode” ter porque diz que é preocupação com a saúde do próximo.

Não, eu não sofri *bullying* na escola, a notícia veio de familiares próximos. Aos 9 anos, eu era cobrada para entrar numa dieta, quando eu nem sabia *como* fazer uma. Na minha casa, sempre teve fritura nas refeições, refrigerante, salgadinhos, biscoitos recheados e sucos artificiais.

Considerando que eu era filha única (o que me isentava de ter que dividir as besteiras com alguém) e que não tinha absolutamente nenhum incentivo para praticar atividades físicas, como será que as pessoas esperavam que eu deixasse de engordar?

Mas eu sempre gostei de dança e tive a oportunidade de fazer aulas de jazz. Por 8 meses. E eu volto a perguntar: como eu deixaria de engordar?

Cada palavra negativa direcionada à forma física de alguém pode afetar a autoestima de quem recebe os comentários, e isso vai muito além da imagem. Os argumentos usados para tentar me convencer a querer emagrecer eram mais deprimentes do que a “acusação”.

Eu ouvi, desde os 9 anos de idade, que se eu continuasse gorda, eu jamais ia namorar. Bom, eu dei um jeito nisso quando apresentei um namorado à família quando tinha 14 anos.

Esse “problema” nunca foi uma realidade pra mim. Eu tive conflitos sentimentais porque todos nós pensamos de maneiras diferentes e porque há muitos babacas nesse mundo, mas nunca por ser gorda.

Quando você se enxerga gorda, por mais que relute, acaba se privando de uma infinidade de coisas. Eu, por exemplo, deixei de ir à praia quando tinha 12 anos. Roupas são compradas com um cuidado imenso, pois barriga de gorda não pode aparecer. Isso é autorizado somente para quem segue à risca a cartilha das blogueiras *fitness* e entra numa calça tamanho 36. Postar *selfie* na frente do espelho, pra quê? Pra todo mundo ver a minha forma saliente? Alguns aborrecimentos são desnecessários.

Porém, há alguns anos, em uma daquelas ocasiões em que a gente faz uma faxina completa no guarda-roupa, eu encontrei uma saia comprada quando eu tinha 19 ou 20 anos. A surpresa veio quando eu olhei o tamanho da peça. Era tamanho P.

Uma confusão se formou na minha cabeça naquele momento, afinal como uma pessoa de 1,64m, de 19 anos, vestindo tamanho P era considerada gorda? Isso não fazia o menor sentido. Aí, eu vi fotos da minha adolescência e até mesmo dos meus vinte e poucos anos, e senti uma imensa tristeza pela jovem retratada ali. Por que ela permitiu que outras pessoas lhe dissessem como ela devia se sentir? E mais: por que a sociedade é cruel ao ponto de achar normal cobrar de meninas de 9 anos um corpo padrão?

Hoje, aos 32 anos, eu estou, sim, acima do peso. Mas eu não sei dizer quando exatamente isso aconteceu, porque na minha cabeça eu nunca fui magra.

A autoaceitação tem que ser trabalhada diariamente, mas ela mostra seus obstáculos a todo momento. É difícil tentar manter o pensamento de que não tem nada errado contigo, mas não conseguir comprar uma meia-calça legal porque as mais personalizadas são fabricadas somente nos tamanhos P, M e G. Também não é fácil quando você quer comprar uma roupa e percebe que a seção plus size da maioria das lojas oferece somente roupas para a terceira idade. Também não é fácil porque em uma feira de moda praia plus size, você gasta facilmente R\$ 350 em 2 biquínis.

Repare também que em qualquer ação de marketing que diz usar “mulheres reais” para ilustrar as ações dos produtos, mostra mulheres que vestem tamanho 50 ou 52, talvez, mas

sem os detalhes que acompanham o sobrepeso, como celulite e estrias. A busca pela perfeição é tão presente no nosso mundo que os inconvenientes são eliminados constantemente.

O mundo cobra, sempre, pela “rebeldia” de se permitir ter um corpo mais avantajado. Por mais que hoje haja todo um discurso politicamente correto de que devemos nos aceitar como somos, nos pequenos detalhes, quem veste um número maior do que 44 é marginalizado na maioria das empresas de moda.

E quando, exatamente, isso começa? É difícil saber, mas eu posso dizer que cobrando o “corpo ideal” de uma garota de 9 anos não ajuda em nada. Não confundam com incentivar a obesidade, pois as coisas não funcionam assim, preto no branco. Mas, ao invés de criticar as crianças, tente incentivá-las a correr, brincar, se exercitar. Repare na alimentação que você oferece à elas e, principalmente, pense na saúde dela a longo prazo. Isso não significa que sendo magra ela estará livre de doenças, afinal a bulimia está aí para provar que magreza não significa saúde.

O mais importante de tudo isso é que, apesar dos percalços da vida, depois de 16 anos, eu voltei a frequentar a praia. Melhor do que isso, há poucos meses voltei a fazer aulas de dança. Isso tudo é importante somente para mim, porque quando eu encontro alguém na rua, a primeira coisa a qual prestam atenção é na minha forma física, depois vem a pergunta sobre filhos. Aí, podemos perceber que ninguém pergunta se o próximo está feliz, é tudo uma questão de se enquadrar a um comportamento ultrapassado. Mas isso é tema para outra conversa.

[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

- [Comportamento Lado M](#)
- [Brasil](#)
- [Gordofobia](#)
- [Autoestima](#)
- [Amor Proprio](#)



Written by

[Graciela Paciência](#)

Gosto de indicar filmes, séries, livros e música. ♡ Autora de "Confissões de uma Adolescente Grávida". Twitter: @gratona_

Anorexia nervosa: a relação abusiva com a qual terei que lidar pra sempre



[Nathalia Marques](#)

[Feb 14, 2017](#) · 4 min read



Aos 10 anos, brincando com uma amiga, me vi de frente para um espelho. Olhei para ele, levantei minha blusa e disse: “Nossa, como minha barriga está grande”. Ela respondeu enfática: “Você está louca? Não tem nada aí. Sua barriga é reta”. Fiquei tão confusa com a resposta dela que aquele momento me marcou. Mas, só alguns anos depois, especificamente aos 13, descobri que tinha uma distorção visual do meu corpo, uma característica da anorexia nervosa.

“Eu não sei quando foi a primeira vez que me senti feia

O dia que escolhi não comer

O que eu sei é que mudei a minha vida para sempre”.

(Tradução da música “Courage”, da banda Superchick)

A anorexia nervosa faz com que eu me veja de um jeito diferente do que as outras pessoas me veem. Não importa se de frente para um espelho, ou em uma foto: sempre vou achar que estou mais gorda do que sou realmente. Aos 13 anos, isso para mim era horrível. Eu queria ser magra a qualquer custo e fiz o que qualquer menina anoréxica faz: parar de comer.

Quando parei de comer conscientemente eu queria emagrecer, mas inconscientemente eu estava indo de encontro com a morte. Meus dias não eram mais como os de uma garota de 13 anos comum: passei a ter um diário de tudo o que comia, contava calorias, passei a usar laxantes, fazia abdominal no meio da madrugada.

Por conta de tudo isso, me afastei das minhas colegas e não conseguia mais ir ao colégio. Não tinha mais vontade de fazer nada, a não ser alcançar o peso ideal (que vivia abaixando quando eu chegava na meta estabelecida).

A “Ana”, como é conhecida por pessoas que possuem o transtorno, passou a ser minha única amiga. E, sinceramente, às vezes eu achava que só existia ela na minha mente, pois eu mesma já tinha desaparecido. Só existia ela dizendo o que eu deveria fazer para ficar cada vez mais magra.

Por conta de todas as vontades da anorexia nervosa, havia dias em que, ao escurecer, eu já quase não enxergava mais. Na época, meus dentes quebravam, meus cabelos caíam muito e, quando não resistia à tentação de comer algo, me punia.

Não sei quantas vezes dei entrada em hospitais desacordada ou sangrando. Talvez meus familiares saibam. Afinal, eles também participaram dessa corrida para a morte que eu travei e sofreram tanto quanto eu.

Quando minha mãe me disse que eu precisava ir ao médico e eu decidi que queria isso, entrei em uma batalha comigo mesmo. Por anos fiz tratamento no [Programa de Atenção aos Transtornos Alimentares \(Proata\)](#), em São Paulo, e quase todos os dias precisava ir lá.

Minha vida se resumia a ir ao médico. No Proata, encontrei garotas em estados bem piores que eu: em cadeiras de rodas, quase sem cabelos, internadas e sendo obrigadas a comer por sonda.

Por algum motivo, eu decidi que queria sair dessa. Fiz o tratamento correto e consegui me estabilizar. Tive alta no Proata, recuperei meu peso, entrei na faculdade.

Continuei fazendo tratamento com médicos especializados, como faço até hoje, só que o que eu não imaginava — nem a Nathalia que decidiu sair dessa — é que eu jamais me curaria. O fato, minhas amigas, é que, anos após muito tratamento contra a anorexia nervosa, entendi que a Ana era uma espécie de relacionamento abusivo do qual eu jamais poderia me libertar realmente.

A Ana jamais vai me deixar porque ela é esperta. Ela é um transtorno que se esconde no meu inconsciente, me engana e, quando vejo, trabalhei demais e esqueci de comer, fiquei nervosa com algo e não senti fome. Acordo às três da manhã e tenho uma pressão na cabeça, perco a visão por segundos e isso me lembra de que eu ESQUECI de comer e só tomei café por dias.

É assim: a anorexia nervosa vai me seguir, vir à tona quando não estiver bem, me fazer sentir culpada por ter comido demais. Só fui descobrir da malandragem da Ana há pouco tempo — e, para ser sincera, foi bem duro ouvir “anorexia nervosa não tem cura”, mas acho que, no fundo, eu já sabia. Afinal, eu vivo há anos tentando mantê-la longe de mim e ela sempre aparece.

“Eu sei eu devia ser melhor

Há dias em que estou bem

E por um momento

Por um momento eu sinto esperança

Mas há dias que não estou bem”.

(Tradução da música “Courage”, da banda Superchich)

Mas o fato de ela jamais desaparecer não me impede de continuar lutando contra ela. Eu luto e quero muito que todas as mulheres que possuem esse transtorno continuem lutando. Quando consegui estabelecer meu caso clínico, decidi tatuar uma frase no meu pulso e ela diz “Quando nutre me traz vida”. Essa tatuagem me faz lembrar que a Ana pode ser forte e me derrubar as vezes, mas minha vontade de viver sempre vai ser maior.

Originally published at www.siteladom.com.br on February 14, 2017.

Lado M

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

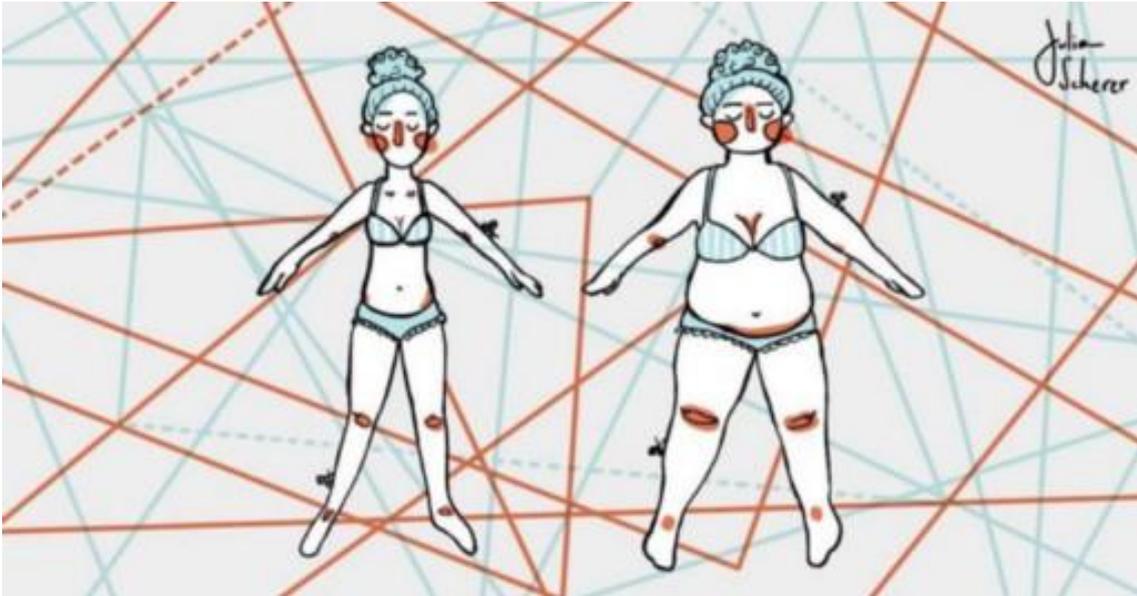
- [Anorexia](#)
- [Transtorno Alimentar](#)
- [Saúde Lado M](#)
- [Transtornos Psicologicos](#)
- [Brasil](#)



Written by

[Nathalia Marques](#)

Jornalista que viaja, literalmente e metaforicamente, e escreve sobre as coisas



Relatos de um transtorno alimentar: cansei de vomitar!



[Cris Chaim](#)

[May 4, 2016](#) · 3 min read

Esse texto é um vômito. Ele sai forçado com o dedo bem lá no fundo da garganta para não sobrar nada. Mas, pela primeira vez em 12 anos é um vômito figurado e não um real. Eu não quero mais ser gorda, me achar gorda, procurar e encontrar gorduras pelo meu corpo. Sinto que ele é um grande traidor: estou há exatos dois meses seguindo toda dieta que uma nutricionista super bem indicada passou, e acabo de me pesar e não perdi uma única grama. A vontade inicial foi correr para a privada e colocar aqueles 100 ml de leite puro sem lactose para fora, mas decidi transformar em palavras.

Tento lembrar quando tudo começou: aos 8 anos alguma colega me chamou de gorda na escola e comeci a observar que eu realmente era enorme e minha barriga gigantesca. No dia seguinte levei iogurte desnatado com adoçante na lancheira. Mas tudo piorou aos 14 anos, quando me mudei para um país novo. A menina mais popular da escola quis ser minha amiga e me convidou para sua festa de aniversário na piscina. Eu fiquei enlouquecida para emagrecer 10 quilos em uma semana, afinal ela era Miss Teen America com direito a programa na MTV (literalmente) e eu a recém-chegada. Além disso, toda a “realeza” da escola estaria lá. Pedi ajuda para minha mãe e a receita foi muita água, muita salada e cenourinhas na hora do aperto.

Obviamente que foi uma semana extremamente mal-humorada, quase virei um coelho e por pouco não perdi as novas amigas. Afinal, quem quer conviver com alguém que mal fala a língua e ainda anda com cara de doente e um saco de cenouras? A festa aconteceu, eu fiquei na frente de todo mundo de biquini e me diverti muito apesar de não ter perdido um grama.

Na segunda-feira lá estava eu de novo com uma dieta mais branda, mas ainda regulando a alimentação. Fiz outros amigos, entrei em um dos times da escola, mas o fantasma do peso continuava bem do meu lado. Comecei a anotar calorias e quando comia muito, vomitava. Primeiro vinha a ânsia natural: longos períodos de alimentação restrita com momentos de orgias culinárias e logo depois o dedo na garganta.

Durante anos foi difícil encontrar roupas. Nenhuma escondia propriamente as banhas e odiava as peças da sessão plus size. Comprar qualquer coisa era horrível, mas o pior era ouvir a vendedora da loja falando que não tinha ficado tão ruim assim e ao chegar em casa escutar que estavam péssimas, que não me serviam direito.

Pulando 12 anos. Hoje, aos 26 anos, uma vida ativa de exercícios (4 treinos semanais intercalados entre boxe e pilates/fisioterapia postural), um namorado e amigos e amigas que adoram meu corpo e sempre me elogiam, ainda me olho no espelho, encontro banhas enormes e fico horas as apalpando, rezando para que tivesse uma barriga lisa sem todas aquelas dobras. No último final de semana achei que tivesse comido demais e vomitei. Mas hoje em um ímpeto de sobriedade resolvi que os números na balança não importam mais, aquelas gordurinhas também não.

Seu exercício mental diário (quase horário) será olhar para seu corpo e se gostar, apreciar o que vê. Afinal, se os outros adoram o que vêem, por que não consegue?

Eu tenho 1.60 m, 60 quilos, uso manequim 40 e nunca passei do 44. E, quando chegava em casa e me diziam que as roupas estavam péssimas e não serviam direito não me avisaram que, na verdade, elas estavam enormes, e que meu tamanho real não era extra-grande, que um médio bastaria.

Originally published at www.siteladom.com.br on May 4, 2016.

[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

- [Saúde Lado M](#)
- [Brasil](#)
- [Saúde](#)
- [Transtornos Alimentares](#)
- [Corpo](#)



Written by

[Cris Chaim](#)

Empoderamento feminino, aceitação corporal, drinks e livros

Sobre a dificuldade de se ver bonita



[Lado M](#)

[Mar 28, 2016](#) · 2 min read

Eu sou gorda. Normalmente, minha vida segue absolutamente normal sendo assim. Às vezes, rolam umas crises, mas são poucas.



Esses dias meu namorado me perguntou se eu gostaria de emagrecer e eu

demorei demais pra responder. Acredito que, no fundo, lá no fundo mesmo, eu simplesmente não tenho o desejo de me ver magra, de ter outro corpo.

Gostaria de ter uma cintura mais fina e braços menores? Gostaria, mas, na boa, mesmo sem perder essas camadas de pele, eu continuo fazendo as coisas normais da vida, seja não me esconder em roupas largas ou deixar de curtir o sol e a água refrescante de um dia ensolarado por conta do meu grande peso.

E, igualmente esses dias, estava no sacolão com o namorado e duas garotas comentavam que “é importante a pessoa se sentir bem com ela mesma, mas não tem cabimento ter 1,5 metro e pesar oitenta quilos”. OK, eu tenho 1,55m e 80 quilos. Meu feminismo teve uma pequena vontade de voltar lá e dizer que tudo bem ter tais proporções, que não é por ter esse tamanho que eu deveria automaticamente ter problemas no joelho, diabetes ou falta de ar andando.

Afinal de contas, o achismo que envolve a gordofobia normalmente vem acompanhado de argumentos sobre a saúde da pessoa gorda.

Só que, ao invés de ter ficado chateada ou realmente incomodada, não senti nada. Minha vida, meu corpo, MINHA GORDURA, minhas regras. Encarei tal sentimento de plenitude, apesar de comentários externos, como sendo plenitude. Só que, apesar de eu me sentir uma pessoa completamente normal com todas as minhas dobras e quilos, tenho dificuldades em me sentir bonita.

Admito.

Meu namorado diz que sou linda, eu gosto do conjunto formado pelo meu cabelo cacheado, nariz batatado e muitas dobras. Esta sou eu. Mas ver fotos é um problema, ver garotas com as quais me identifico fisicamente é um problema. Tenho dificuldade em achá-las bonitas, assim como tenho dificuldade em me enxergar, de fato, bonita. Será que é possível — ou permitido — se sentir bela tendo 80kg e 1,55m de altura? Será que eu teria o direito de me achar A tal com meus braços enormes? Sim, sim e sim. Nada disso realmente é um problema.

Mas tenho dificuldades em acreditar nessas premissas. Eu posso me sentir bem e bonita, mas isso muda ao ver fotografias sozinha ou com outras pessoas proporcionalmente menores do que eu. Mas não sou obrigada a me sentir mal só por ser eu mesma. Se eu descobrir como podemos nos sentir mais bonitas, conto para vocês.

E você, querida leitora, tem dificuldades em se sentir bela?

Originally published at www.siteladom.com.br on March 28, 2016.

[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

- [Comportamento Lado M](#)
- [Brasil](#)
- [Beleza](#)
- [Autoestima](#)
- [Mulher](#)



Written by

[Lado M](#)

Empoderamento e protagonismo feminino



[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

Eu e a anorexia: um namoro longe de ser saudável



[Lado M](#)

[Oct 1, 2015](#) · 6 min read





Não tinha quinze anos sequer, no final do verão daquele ano, quando me agarrei à ideia de que perderia peso. Em verdade, para além da pouca adolescência, não muito me sobrava: nem justa causa, nem lucidez, nem madureza de corpo. Com o biquíni ainda pregado às carnes, era nada, senão, uma criança — assustadoramente devota à condição de gênero que me fora entregue na soleira da vida. A devoção, eu soube, aquela eu enfiara pra dentro a goles lentos, é mesmo a primeira cena dos obstinados. Meu registro, afinal, é o tempo. Ou a pressa. Ou o princípio. O princípio dos obstinados é a inconsequência. E disso, fui prova incontestável. Eu, encampando uma guerra contra a comida na frente de meu abdômen, fui prova incontestável.

Dali, eu mal vi aprumar o outono. Minha referência primeira era a manhã. Dormia muito cedo, para não sentir fome, e mais cedo ainda levantava. Meu insumo era sempre um copo de café, ligeiramente adoçado, que eu tomava devagar, como se para nunca terminá-lo. O gosto pelo caldo preto, que ainda é hábito malcriado do tempo, eu pude resgatar. Mas o que não restauro é a misericórdia do estômago. É resistir a ela, quando, por um bom pedaço de tempo, engoli apenas uma maçã verde no almoço. Deixo grafado: nos miolos sumarentos daquele mau fruto, noventa calorias se acumulavam — além da pilha de vidas femininas lastradas pela anorexia.

Quanto é muito, afinal? Vinte por cento dói. Vinte por cento das mulheres que desenvolvem esse distúrbio alimentar morrem. Mas não me atropelo; porque com cinco quilos a menos, o patriarcado ainda me saudava. E a fronteira do estorvo... É que isto não bastaria mais. O fato, então, era que eu já não acreditava perseguir o desejo dum outro qualquer. Com a opressão inoculada, tinha por certo que era dona de mim — proprietária o quanto bastasse para, diante do espelho, destroçar meu reflexo. Se o cometesse agora, veria, então, uma coluna de mulheres por detrás de minha própria coluna; molestadas, todos os dias, pelas mesmas chibatas que me açoitaram. Paradoxalmente, eu nunca antes me tocara tanto. Nunca antes me penetrara tanto. Se tempo tivesse, pararia por horas estudando cada regaço de meu corpo. Na peleja da imagem, eu vencia se conseguisse aprofundar o abismo em minhas costelas; se conseguisse caçar, na superfície da carne, os movimentos dentro de mim. A verdade sobre

meu corpo é que o machismo não me ensinou só a odiá-lo; mas a destruí-lo, e a marchar, infatigavelmente, à procura dum outro.

Dez quilos foram abaixo. Não indague a uma anoréxica o porquê de suas razões. Há uma firmeza intrépida, mas insana, em sua teimosia. Repare: não há força, nem coragem, nem vigor. É apenas obstinação. A essa altura, já sou presa emboscada, à procura duma fresta de escape. A consciência deformada dum perigo que só existia em mim mesma — mas que eu deslocara para o outro — me tornou arredia. Eu fugia ao olho dentro do olho, ao gesto, às formas sensíveis. Um afago mais apertado podia bem me desvelar. E, não por acaso, quiseram saber de minha frieza súbita. Minha mãe morava longe, nesse tempo, e estranhou meu afastamento. De lá, não poderia ver a ida de minha procissão. Daqui, eu sentia algum alívio — um desafio adoentado — na ausência de suas retinas sobre mim. O reencontro, porém, a afundava de espanto. Eu corria à porta, como quem tinha saudade, mas sempre me faltou coragem para enxergar a mim, e dar conta do que assumiam minhas roupas, cada vez mais frouxas ao corpo. No fim das contas, elas confessavam por demais. Então, mamãe trepidava... E não conseguia esconder seu aterramento. O rosto empalidecia, e os olhos em órbita, morriam devagar.

Na sequência, chorava.

Pela dor do outro — pelo que me restava de alteridade — me habituei a mentir. Menti pela anorexia. Prometi que me cuidaria pela anorexia. Fiz juras aos meus amores para ser fiel a minha amante; minha dona, minha menina.

Então, viriam os olhares. A verdade é que sempre vêm. Na ciranda do patriarcado, o olhar come pelas beiradas, arrasta sentidos endiabrados para a mulher, e é o acúmulo simbólico duma realidade de opressão estrutural muito mais profunda. Entre nós e o outro, um abismo — de gênero e de juízo social. Eis, então, outra vez, o espelho defronte o qual eu refletia aquilo que não podia ser; que não queria ser, mas que era oprimida para sê-lo. A operação do feminismo, ao nível do sujeito, consistiria em desconstruir este espectro. Mas, àquela hora, eu não poderia fazê-lo. A espreita vinha ter comigo como um gatilho — e se descarregava para esfacelar meu forte, outrora construído para esconder uma verdade já esgarçada no chão.

Com quinze quilos a menos, o mundo se torna um cochicho. *“O que houve com ela?”*; *“Como está esquelética! Isso é normal?”*. *“por deus, interne-a...”*. De longe, à surdina, posso escutá-los, mas não posso dizer palavra. Não posso questionar o que eles me têm destinado. Também já não podia mentir, pois meu corpo me punha à mostra. Todo par de olhos, em terem comigo, sempre me arregaçavam de cima a baixo. E, então, eu sentia traindo minha devoção. Não podia mais defendê-la — ou guardá-la da guerra que lhe haviam declarado. O ponto aqui é que todas as ditaduras engendram, por natureza, seus próprios nódulos de resistência. O feminismo resiste ao patriarcado; meu corpo, junto às forças sociais que me cercavam, tentava doidamente resistir à anorexia.

As tentativas de outrem falharam. Mas as minhas próprias, ao se rebelarem, empurravam-me a consumir, compulsivamente, o que um adulto faminto não teria firmeza de enfiar para dentro em um dia inteiro. Eis aí minha ilha de penitência. A metáfora será sempre ingrata, mas, ainda assim, precisarei dela: a culpa em que meu corpo se esmorecia, ao perder o controle, é a mesmíssima que encalça a nós, mulheres, todos os dias, em duras rédeas estéticas, sociais, sexuais e culturais. Não por acaso, ambas podem nos sufocar. Até a morte.

Pois que com vinte quilos a menos, sinto medo de morrer. Até o espelho me fadiga. Pudessem eu materializar a vida, e diria ser ela um fiapo, prestes a desatar. De perto, assisti chorar quem nunca antes vira derramar uma lágrima. O pedaço de minha história que não consigo regurgitar é como pude me levantar. Em revisité-la, agora, preciso operar um recorte de gênero. Só assim perdoaria a mim. A anorexia é, afinal, com uma cicatriz de guerra — ou uma tatuagem sem cor. Não poderei esquecê-la nunca; tampouco vou me livrar de suas nódoas indeléveis. Em verdade, aprendi a suportá-la; forçosamente, a respeitá-la e, então, a ressignificá-la. Agora, já posso botar meus olhos dentro dos seus, expropriar seus traços, chapados a ferro, e fazer fogo. Ainda, antes de parecer intrépida, será justo dizer que talvez eu já me tenha flagrado recaído; e que, por vezes, ainda possa sentir seu hálito morno bufando em meu pescoço. Mas se apanho uma mulher dizendo que precisa perder peso, sinto um arripio me correndo de cima abaixo, e me faço dismantelar a ideia. Teria instinto de dissuadi-la, agora. Segurá-la pelo ombro e dizer-lhe que não. Mas não poderia. Não conheço a vida que ela suporta nos ombros.

Então, no que me torno, ao interceder? Toda ação, no feminismo, precisa ser coletiva. Isto não é sobre alguém. Estamos juntas, no meio do olho do furacão. Sente aqui. Eu não vou lhe contar uma história sobre anorexia. Eu vou lhe contar uma história sobre machismo. Você vem?

Esse relato foi escrito pela Liz Dórea. Ela tem 18 anos e é estudante de jornalismo em São Paulo.

Originally published at www.siteladom.com.br on October 1, 2015.

[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

- [Saúde Lado M](#)
- [Transtornos Alimentares](#)
- [Anorexia](#)
- [Bulimia](#)
- [Brasil](#)



Written by

[Lado M](#)

Empoderamento e protagonismo feminino



[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

Cada uma sabe a dor e a delícia de ter o próprio corpo



[Lado M](#)

[Apr 8, 2014](#) · 4 min read



São cerca de 80kg distribuídos em apenas 1,55m de altura. São peles, cicatrizes, celulites e estrias que balançam a cada movimento, até nos mais delicados. Não é preciso fazer o clássico movimento de “tchau” para que meu braço se movimente inteiro e denuncie que há mais gordura do que músculo envolta nos ossos.

Eu me privo dos movimentos desde que me conheço. É o medo de denunciar a minha gordura, a minha vergonha. Quantos passos de dança, tchau ou corridas eu não deixei de executar por medo? Sabe, essa é uma privação terrível, não para o consciente (que está claramente se escondendo), mas para o inconsciente... para esse lado que anseia por ter de volta a liberdade da criança, que anseia a espontaneidade.

Cansada de tanta repressão, decidi abraçar a minha natureza selvagem. Selvagem? Sim. Selvagem por querer ser livre da pressão social de um corpo firme; selvagem por querer agir como uma criança buscando seus prazeres mais inocentes. Selvagem por querer sorrir sem uma razão e olhar para o céu e sentir o calor do sol no rosto em plena Avenida Paulista. Cansada de me privar desses pequenos grandes prazeres, decidi me movimentar e descobrir do que meu corpo é capaz.

Dotada de 2 braços, 2 pernas e uma coluna “consertada”, encarei a dança do ventre. Me dei de cara pro espelho observando meu corpo inteiro se mexendo. Olhei as celulites aparecendo e desaparecendo, a barriga indo de um lado pro outro e o peito acompanhando. Dei de cara com o fato de ser a aluna mais gorda da turma e nem por isso a indigna. Ali eu percebi que o corpo feminino é dotado de movimentos próprios, de uma ondulação que não podemos expressar fora de casa. E percebi que, antes de ser gorda, sou mulher. Ali eu me senti viva por descobrir uma válvula de escape pro inconsciente. E, finalmente, ali eu não encontrei a culpa que me persegue na rua ou na academia.

Descobri que a liberdade do meu corpo acompanha a liberdade mental que eu tanto busco. Ter a liberdade do próprio corpo, a meu ver, só é possível se for acompanhada de uma liberdade interna, mental. Claro que é fácil se aprisionar naquilo que não gostamos e não nos colocarmos em situações “de risco” para evitar a exposição. É muito mais fácil andar devagar usando tênis, moletom e um coque, mas é muito chato! O legal mesmo é a auto-permissão de sair correndo pela Rua Augusta com o cabelo todo bagunçado por conta da pressa e com o vestido subindo e descendo e não ligar para o que os outros possam pensar. Não só isso: não tem nada mais chato do que se anular pelos outros ou pelo que eles possam pensar. É fácil se fingir de invisível para que a sociedade não veja seu corpo “imperfeito” passando por ai sem se culpar por não ter tomado um shake cheio de substâncias emagrecedoras como café da manhã.

Comecei a me tocar de que a liberdade do corpo só surge quando nos permitimos ter “movimentos” mentais diferentes. Novas formas de pensar, de agir. De nos dar ao direito de jogar aquele presente feio que nunca foi usado e que ficava ocupando o espaço porque dá dó de jogar fora algo que uma pessoa querida nos deu. De nos dar ao direito de ouvir as músicas que queremos, usar a cor de batom que desejamos ou ter hobbies que o mundo todinho considera chatos. Ok, ok, não sejamos hipócritas: esse movimento de libertação corporal não surge de um dia pro outro. Eu, por exemplo, pelo menos no momento, não pretendo usar um biquíni jamais. Mas, agora, pelo menos já me dou ao direito de fazer muitas outras coisas.

Nessa história, me dei conta de que o corpo pertence a cada um de nós e ninguém tem nada a ver com isso. E que a nossa mente deve ser o mais livre de todos os territórios e não o mais aprisionado. Cada um se priva de um jeito, e até hoje eu me privei dos meus próprios movimentos para não expor a minha gordura. Mas quer saber? Não estou matando ou roubando alguém se meus peitos sobem e descem caso eu ande a passos largos. Meu cabelo bagunçado não agride ninguém no meio da rua e minhas músicas não ofendem nenhuma senhorinha na rua. Então, qual é o problema? E você leitor, sofre de qual privação?

Originally published at www.siteladom.com.br on April 8, 2014.

[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

- [Comportamento Lado M](#)
- [Brasil](#)
- [Comportamento](#)
- [Corpo](#)
- [Autoestima](#)



Written by

[Lado M](#)

Empoderamento e protagonismo feminino



[Lado M](#)

Portal sobre empoderamento e protagonismo feminino. Através de reportagens e conteúdos autorais, nós criamos um ambiente de aprendizado, reflexão e debate sobre tabus e questões femininas da atualidade.

ANEXO II – CATEGORIZAÇÃO DA ANÁLISE

Categorias	Frases
Sororidade/ luta coletiva	<p>“Tava conversando com a Michele Machado, aquela deusa, agorinha, e pensando... cara como parece que conseguem fazer até as gorda se odiarem, né...Eu lembro quando eu li um texto que me tirou umas lágrimas assim do nada, que falava que gordas tamanho 46 eram um problema pra luta antigordofobia, porque invisibilizavam mulheres maiores. E, quando eu ouvi de uma pessoa que eu respeitava e curti muito do movimento negro que eu não era gorda e que era bonita demais pra falar sobre exclusão gorda...” SF</p> <p>“E se pá, a gente acredita que o problema é a mina do lado. A mina de tamanho menor. Nunca os FDP da indústria meritocrática do corpo.Eu já devo ter achado que o problema é a mina tamanho 42. E ficado puta com ela. Ou a atual ex-modelo do Ex. Ou a mina da revista.”SF</p> <p>“Dedico essa postagem à todas minas gordas do meu <i>Face</i>, pelos olhares que temos que suportar todos os dias, pelos desaforos e preterimentos, por toda força e beleza que enfrentam(os) nas lutas. Não está fácil, mas nunca foi. Acesso e exponho algumas experiências negativas para ver se encarando-as assim de frente e de forma coletiva eles possam doer menos (em nós) e o caminhar seguir menos doloroso.Tamo juntas, por que sabe né? Pra nos invisibilizar é um, dois.” GJ</p> <p>“Mas o fato de ela jamais desaparecer não me impede de continuar lutando contra ela. Eu luto e quero muito que todas as mulheres que possuem esse transtorno continuem lutando. Quando consegui estabelecer meu caso clínico, decidi tatuar uma frase no meu pulso e ela diz “Quando nutre me traz vida”. Essa tatuagem me faz lembrar que a Ana pode ser forte e me derrubar as vezes, mas minha vontade de viver sempre vai ser maior.”NM</p>
Corpo e subjetividade	<p>“Cara, corpo não é mérito. Corpo é o invólucro do ser. Apenas. O que você tem e é está contido nele. Não o contrário. Não dá pra esperar merecer uma vida, um destino, uma felicidade ou uma voz quando houver um corpo x que a mereça. Seu corpo é o resultado de um milhão de fatores. Como seu modo de pensar. Sua personalidade. Seus sentimentos. Suas emoções. E suas marcas o são.” SF</p> <p>“Tenho refletido muito sobre como ser gorda desde sempre afetou a construção da minha subjetividade e como tenho como situações desagradáveis algo que para as pessoas é comum e até banal.” GJ</p> <p>“Quando você se enxerga gorda, por mais que relute, acaba se privando de uma infinidade de coisas. Eu, por exemplo, deixei de ir à praia quando tinha 12 anos. Roupas são compradas com um cuidado imenso, pois barriga de gorda não pode aparecer. Isso é autorizado somente para quem segue à</p>

	<p>risca a cartilha das blogueiras <i>fitness</i> e entra numa calça tamanho 36. Postar <i>selfie</i> na frente do espelho, pra quê? Pra todo mundo ver a minha forma saliente? Alguns aborrecimentos são desnecessários. Porém, há alguns anos, em uma daquelas ocasiões em que a gente faz uma faxina completa no guarda-roupa, eu encontrei uma saia comprada quando eu tinha 19 ou 20 anos. A surpresa veio quando eu olhei o tamanho da peça. Era tamanho P.” GP</p>
Autoaceitação	<p>“Eu não posso querer parecer uma garota de 16 anos. Não posso ser mãe de manequim 38, <i>anymore</i>. E tá ok. Minha história é outra. Aceitar isso não é comodismo. E quem tentar me provar o contrário é que é maluco. Recusar o auto ódio é prova de inteligência. De sabedoria. E de auto trabalho. Não de covardia ou preguiça. Não se deixe levar pela ideia de que se você não gastar 20% do seu dinheiro e tempo para parecer com o que os outros gostariam, você não gosta de você. Se você precisa gastar mais tempo se modificando do que se conhecendo para se gostar, talvez o problema não seja você. Avalie. Conheça seu corpo e sua saúde. E só aja sobre sua aparência e peso, se for necessário. Não imposto.” SF</p> <p>“Usar roupas que marquem a barriga ou muito coloridas, muito curtas, maquiagens, adereços, enfim, esse desafio tenho me feito desde ano passado (em partes) usando coisas mais coloridas, mais vestidos, roupas mais curtas, mas sempre que alguém passa rindo perto de mim penso ser eu o motivo do riso. Toda vez. Quase insano.” GJ</p> <p>“Quanto a mim, vieram os anos e, embora eu não tenha passado incólume pelas manifestações gordóforicas e pressões que sofri (e ainda sofro) ao longo da vida, aprendi que a delícia do sexo é desfrutar e ser desfrutada (e isso requer bem menos complicação e muito mais prazer do que possamos imaginar). E que na transa a única coisa que me apetece fazer com um lençol é brincar de cabaninha.” VR</p> <p>“Até que você, feminista, louca de vontade de tirar a roupa e ir a praia, olha no espelho e se desespera. Simplesmente se acha feia porque está fora dos padrões. Isso, aqueles lá: falta aqui, sobra ali, celulite, estria, varizes, pelos, cravos, “defeitos”. Cada detalhe ali, que no discurso é “<i>parte de você, da sua história</i>”, a seus olhos é a autoestima descendo ladeira abaixo.” IC</p> <p>“Dia desses, no meio de uma crise de baixa autoestima, com muitos ataques e críticas pesadas a mim mesma, uma pessoa querida disse: “<i>se você se acha feia por ter engordado é porque, de alguma forma, considera que ser gorda é feio</i>”. Eis que a contradição se revelou óbvia. Oras, se esperneio porque meu cabelo está crespo, é porque acho, em algum nível, que cabelos crespos não são bonitos. Isso vale para qualquer parte do corpo. E a contradição dói. Porque racional e conscientemente acho todas as mulheres bonitas. Para olhar além disso, tem que ter um pouco de coragem para entender o que e por que está sendo reproduzido. Reproduzir os padrões é reproduzir as opressões mais estruturais e isso é feito o tempo</p>

	<p>todo. Por onde andamos encontramos receitas infalíveis para enquadrar.”IC</p> <p>“Cada palavra negativa direcionada à forma física de alguém pode afetar a autoestima de quem recebe os comentários, e isso vai muito além da imagem. Os argumentos usados para tentar me convencer a querer emagrecer eram mais deprimentes do que a “acusação”. <i>Eu ouvi, desde os 9 anos de idade, que se eu continuasse gorda, eu jamais ia namorar.”GP</i></p> <p>“A autoaceitação tem que ser trabalhada diariamente, mas ela mostra seus obstáculos a todo momento. É difícil tentar manter o pensamento de que não tem nada errado contigo, mas não conseguir comprar uma meia-calça legal porque as mais personalizadas são fabricadas somente nos tamanhos P, M e G. Também não é fácil quando você quer comprar uma roupa e percebe que a seção plus size da maioria das lojas oferece somente roupas para a terceira idade. Também não é fácil porque em uma feira de moda praia plus size, você gasta facilmente R\$ 350 em 2 biquínis. Repare também que em qualquer ação de marketing que diz usar “mulheres reais” para ilustrar as ações dos produtos, mostra mulheres que vestem tamanho 50 ou 52, talvez, mas sem os detalhes que acompanham o sobrepeso, como celulite e estrias. A busca pela perfeição é tão presente no nosso mundo que os inconvenientes são eliminados constantemente.” GP</p> <p>“Eu sou gorda. Normalmente, minha vida segue absolutamente normal sendo assim. Às vezes, rolam umas crises, mas são poucas. Acredito que, no fundo, lá no fundo mesmo, eu simplesmente não tenho o desejo de me ver magra, de ter outro corpo. Gostaria de ter uma cintura mais fina e braços menores? Gostaria, mas, na boa, mesmo sem perder essas camadas de pele, eu continuo fazendo as coisas normais da vida, seja não me esconder em roupas largas ou deixar de curtir o sol e a água refrescante de um dia ensolarado por conta do meu grande peso.”MC</p>
Memória e testemunho	<p>“Eu lembrei das cadeiras quebradas em festa infantil. Meu ginecologista me mandando arrumar homem e tomar pílula porque tava gorda por causa de SOP (Síndrome do Ovário Policístico) sem saber nada do meu histórico de saúde. Do ortopedista que não viu meu encaminhamento do reumatologista e falou que meu problema eram 15 quilos e não fibromialgia. Dos mais de vinte e tantos quilos ganhos com lítio e ainda por ganhar com medicação. Sem esperança de perda. Dos antes e depois jogados na cara. Das várias vezes que me fiz vomitar. Dos diuréticos, dos laxantes. Da automutilação que ainda não venci. Da família fazendo piadas. Do namorado comentando meu corpo. Dos ex-cunhados fazendo piadas após dez anos de separação para o meu filho. Das comparações com a atual do Ex sobre meu caráter relacionado ao peso. Do meu chefe falando disso pro cliente na minha frente. De perder trabalho. E de tantas outras coisas...E pensando que o mundo taca na nossa cara o tempo inteiro que somos doentes, loucas, más, preguiçosas, feitas, até menos inteligentes por sermos 48 ou 54.” SF</p> <p>“EU TENHO PAVOR DE CAIR. Ninguém é afeito a cair infinitamente, mas</p>

enquanto os outros caíam e riam de si, se animavam em continuar, eu ficava eternamente envergonhada, sem saber como lidar e passei a refletir sobre essa diferença. Percebi que por ser gorda, cair é quase que um pavor constante por ser justamente a hora que as pessoas mais usam para nos ridicularizar. Quer ver um exemplo? Quando uma pessoa magra entra num bar/ restaurante/sala de aula ela olha a cadeira e analisa se vai aguentá-la ou não? Toda vez, toda vez? Pois bem, se um magro sentar na cadeira e ela quebrar é porque a cadeira estava quebrada, agora se uma pessoa gorda sentar na cadeira e cair ela deixa de ser um “corpo invisível” para o “corpo ridículo”: *Também olha o tamanho dela, não se enxerga. Come feito um boi, quer o quê?* (Mesmo que nem tenha ideia do quanto a pessoa coma e isso realmente não tem a ver com ela). *Também pra essa pessoa a cadeira tem que ser de ferro!!! RISOS RISOS RISOS INFINITOS RISOS nunca a alternativa da cadeira estava quebrada aparece.”* GJ

“Tenho refletido muito sobre como ser gorda desde sempre afetou a construção da minha subjetividade e como tenho como situações desagradáveis algo que para as pessoas é comum e até banal.” GJ

“Sobre me olhar, percebi que negligenciei meu corpo, como diziam que era feio, incapaz, inadequado, não deixava de fazer coisas ou frequentar lugares na maior parte das vezes, mas não me olhava, não olhava minha barriga, minhas coxas, meus braços. Acordava, colocava roupa, ia pra labuta. Quando alguém falava: *“Olha, isso é celulite”*, daí que ia reparar que tinha celulite, que tinha estria, que a barriga é assim ou assado. Perverso você desconhecer seu corpo, ignorá-lo totalmente para não pirar mais ainda.” GJ

“Quanta neura opressiva essas revistas nos incutiam, não é mesmo? Aliás, ainda incutem, com suas capas em busca da barriga negativa e da última novidade milagrosa emagrecedora. O mais triste é pensar que, talvez, o estilo até tenha mudado, mas a gordofobia continua igual. Não me surpreenderia nada em esbarrar com um artigo desse quilate numa revista qualquer hoje em dia. Mesmo com o termo *“plus size”* virando moda e, como toda moda, excluindo alguns e ditando como os corpos devem ser.

Quanto a mim, vieram os anos e, embora eu não tenha passado incólume pelas manifestações gordofóbicas e pressões que sofri (e ainda sofro) ao longo da vida, aprendi que a delícia do sexo é desfrutar e ser desfrutada (e isso requer bem menos complicação e muito mais prazer do que possamos imaginar). E que na transa a única coisa que me apetece fazer com um lençol é brincar de cabaninha.” VR

“A anorexia nervosa faz com que eu me veja de um jeito diferente do que as outras pessoas me veem. Não importa se de frente para um espelho, ou em uma foto: sempre vou achar que estou mais gorda do que sou realmente. Aos 13 anos, isso para mim era horrível. Eu queria ser magra a qualquer custo e fiz o que qualquer menina anoréxica faz: parar de comer. Quando

	<p>parei de comer conscientemente eu queria emagrecer, mas inconscientemente eu estava indo de encontro com a morte. Meus dias não eram mais como os de uma garota de 13 anos comum: passei a ter um diário de tudo o que comia, contava calorias, passei a usar laxantes, fazia abdominal no meio da madrugada.”NM</p> <p>“Durante anos foi difícil encontrar roupas. Nenhuma escondia propriamente as banhas e odiava as peças da sessão plus size. Comprar qualquer coisa era horrível, mas o pior era ouvir a vendedora da loja falando que não tinha ficado tão ruim assim e ao chegar em casa escutar que estavam péssimas, que não me serviam direito.”CC</p> <p>“Eu tenho 1.60 m, 60 quilos, uso manequim 40 e nunca passei do 44. E, quando chegava em casa e me diziam que as roupas estavam péssimas e não serviam direito não me avisaram que, na verdade, elas estavam enormes, e que meu tamanho real não era extra-grande, que um médio bastaria.”CC</p> <p>“Vinte por cento das mulheres que desenvolvem esse distúrbio alimentar morrem. Mas não me atropelo; porque com cinco quilos a menos, o patriarcado ainda me saudava. E a fronteira do estorvo... É que isto não bastaria mais. O fato, então, era que eu já não acreditava perseguir o desejo dum outro qualquer. Com a opressão inoculada, tinha por certo que era dona de mim — proprietária o quanto bastasse para, diante do espelho, destroçar meu reflexo. Se o cometesse agora, veria, então, uma coluna de mulheres por detrás de minha própria coluna; molestadas, todos os dias, pelas mesmas chibatadas que me açoitaram.” LD</p> <p>“A anorexia é, afinal, com uma cicatriz de guerra — ou uma tatuagem sem cor. Não poderei esquecê-la nunca; tampouco vou me livrar de suas nódoas indeléveis. Em verdade, aprendi a suportá-la; forçosamente, a respeitá-la e, então, a ressignificá-la. Agora, já posso botar meus olhos dentro dos seus, expropriar seus traços, chapados a ferro, e fazer fogo.”LD</p>
Interseccionalidade	<p>“ E, quando eu ouvi de uma pessoa que eu respeitava e curtiava muito do movimento negro que eu não era gorda e que era bonita demais pra falar sobre exclusão gorda...”SF</p> <p>“Tenho a impressão de que a gordofobia foi tão ardilosa em interferir no meu jeito de lidar com os outros e comigo que chega a ser bizarro. Para os outros, pralém da força da mulher negra ainda gorda EPA: <i>forte pakas, não precisa de ajuda pra nada, não chora nada e ajuda todo mundo. Adoro ela...Zzzz.</i>”GJ</p>
Corpo anormal	<p>“Percebi que por ser gorda, cair é quase que um pavor constante por ser justamente a hora que as pessoas mais usam para nos ridicularizar. Quer ver um exemplo? Quando uma pessoa magra entra num bar/ restaurante/sala de aula ela olha a cadeira e analisa se vai aguentá-la ou não? Toda vez, toda vez? Pois bem, se um magro sentar na cadeira e ela quebrar é porque a cadeira estava quebrada, agora se uma pessoa gorda</p>

sentar na cadeira e cair ela deixa de ser um “corpo invisível” para o “corpo ridículo”: *Também olha o tamanho dela, não se enxerga. Come feito um boi, quer o quê?* (Mesmo que nem tenha ideia do quanto a pessoa coma e isso realmente não tem a ver com ela). *Também pra essa pessoa a cadeira tem que ser de ferro!!! RISOS RISOS RISOS INFINITOS RISOS* nunca a alternativa da cadeira estava quebrada aparece.” GJ

“Sobre me olhar, percebi que negligenciei meu corpo, como diziam que era feio, incapaz, inadequado, não deixava de fazer coisas ou frequentar lugares na maior parte das vezes, mas não me olhava, não olhava minha barriga, minhas coxas, meus braços. Acordava, colocava roupa, ia pra labuta. Quando alguém falava: “*Olha, isso é celulite*”, daí que ia reparar que tinha celulite, que tinha estria, que a barriga é assim ou assado. Perverso você desconhecer seu corpo, ignorá-lo totalmente para não pirar mais ainda.” GJ

“Durante o ano 2000, estudei num colégio que era tipo magistério e me lembro que nesse ano eu USEI MOLETOM/BLUSA DE FRIO O ANO INTEIRO. Fazia sol, fazia chuva estava de moletom. Mas não era pra ostentar meu curso e nunca me lembrava da razão disso, até eu perceber que tenho a impressão de que como era nova na escola, tive que comprar uma camiseta de uniforme nova. Provavelmente ela ficou apertada (nem vou comentar sobre roupas G padrão) e devo ter ficado envergonhada e por isso um ano inteiro, meus 15 anos passei desse jeitinho aí, me escondendo. Ah, regata? nunca, jamais, morria de vergonha do meu braço. Nas aulas de educação física no ensino médio inteiro que me lembre, me pesava escondido e meu pesadelo por tempos foi imaginar as pessoas da minha turma saberem quantos quilos eu pesava.” GJ

“Era alguma coisa sobre: “Gordinhas podem fazer sexo?” ou “Como gordinhas podem fazer sexo?”. Para ilustrar, havia a foto de uma modelo de rosto redondo, com uma expressão insegura, sem olhar direito para câmera.” VR

“Li aquilo e, do alto dos meus 9, 10 anos de idade, eu só pensava que jamais iria trepar na vida, já que desajeitada como sou nunca que eu ia conseguir fazer de um lençol um sarongue!” VR

“Até que, acho que aos 9 ou 10 anos, eu soube que era gorda. Sim, eu *soube*, porque eu sinceramente não via nada de errado quando olhava no espelho. Ao saber que era gorda, eu soube também que isso era uma coisa ruim. A gordofobia está presente nos detalhes, como os olhares que reprovam a roupa curta de quem está fora dos padrões estéticos. Mas quem desaprova pessoas gordas não faz a menor questão de disfarçar. É como se fosse um preconceito que todo mundo “pode” ter porque diz que é preocupação com a saúde do próximo.” GP

“Aos 10 anos, brincando com uma amiga, me vi de frente para um espelho.

	<p>Olhei para ele, levantei minha blusa e disse: “Nossa, como minha barriga está grande”. Ela respondeu enfática: “Você está louca? Não tem nada aí. Sua barriga é reta”. Fiquei tão confusa com a resposta dela que aquele momento me marcou. Mas, só alguns anos depois, especificamente aos 13, descobri que tinha uma distorção visual do meu corpo, uma característica da anorexia nervosa.” NM</p> <p>“Tento lembrar quando tudo começou: aos 8 anos alguma colega me chamou de gorda na escola e comecei a observar que eu realmente era enorme e minha barriga gigantesca. No dia seguinte levei iogurte desnatado com adoçante na lancheira.” CC</p> <p>“Eu tenho 1.60 m, 60 quilos, uso manequim 40 e nunca passei do 44. E, quando chegava em casa e me diziam que as roupas estavam péssimas e não serviam direito não me avisaram que, na verdade, elas estavam enormes, e que meu tamanho real não era extra-grande, que um médio bastaria.”CC</p> <p>“E, igualmente esses dias, estava no sacolão com o namorado e duas garotas comentavam que “é importante a pessoa se sentir bem com ela mesma, mas não tem cabimento ter 1,5 metro e pesar oitenta quilos”. OK, eu tenho 1,55m e 80 quilos. Meu feminismo teve uma pequena vontade de voltar lá e dizer que tudo bem ter tais proporções, que não é por ter esse tamanho que eu deveria automaticamente ter problemas no joelho, diabetes ou falta de ar andando. Afinal de contas, o achismo que envolve a gordofobia normalmente vem acompanhado de argumentos sobre a saúde da pessoa gorda.”MC</p> <p>“Meu namorado diz que sou linda, eu gosto do conjunto formado pelo meu cabelo cabelo cacheado, nariz batatado e muitas dobras. Esta sou eu. Mas ver fotos é um problema, ver garotas com as quais me identifico fisicamente é um problema. Tenho dificuldade em achá-las bonitas, assim como tenho dificuldade em me enxergar, de fato, bonita. Será que é possível — ou permitido — se sentir bela tendo 80kg e 1,55m de altura? Será que eu teria o direito de me achar A tal com meus braços enormes? Sim, sim e sim. Nada disso realmente é um problema.Mas tenho dificuldades em acreditar nessas premissas. Eu posso me sentir bem e bonita, mas isso muda ao ver fotografias sozinha ou com outras pessoas proporcionalmente menores do que eu. Mas não sou obrigada a me sentir mal só por ser eu mesma.”MC</p> <p>“Não tinha quinze anos sequer, no final do verão daquele ano, quando me agarrei à ideia de que perderia peso.” LD</p>
O lugar da vítima	<p>“Pois bem, ando cansada de ter que lutar contra um monte de coisa e, ainda assim, se falo das minhas sensações acabo sendo tirada de vitimista.”GJ</p>

	<p>“Não tinha quinze anos sequer, no final do verão daquele ano, quando me agarrei à ideia de que perderia peso. Em verdade, para além da pouca adolescência, não muito me sobrava: nem justa causa, nem lucidez, nem madureza de corpo. Com o biquíni ainda pregado às carnes, era nada, senão, uma criança — assustadoramente devota à condição de gênero que me fora entregue na soleira da vida.” LD</p> <p>“ Eu, encampando uma guerra contra a comida na frente de meu abdômen, fui prova incontestável.”LD</p> <p>““Então, viriam os olhares. A verdade é que sempre vêm. Na ciranda do patriarcado, o olhar come pelas beiradas, arrasta sentidos endiabrados para a mulher, e é o acúmulo simbólico duma realidade de opressão estrutural muito mais profunda. Entre nós e o outro, um abismo — de gênero e de juízo social. Eis, então, outra vez, o espelho defronte o qual eu refletia aquilo que não podia ser; que não queria ser, mas que era oprimida para sê-lo. “LD</p>
Corpo anormal	<p>“Li aquilo e, do alto dos meus 9, 10 anos de idade, eu só pensava que jamais iria trepar na vida, já que desajeitada como sou nunca que eu ia conseguir fazer de um lençol um sarongue!” VR</p> <p>“Para a revista, uma mulher gorda precisava ser não apenas uma ginasta na cama, com aquelas posições mirabolantes que passam longe do kama sutra, mas também uma estilista-malabarista-meio-origamer.” VR</p>
Empoderamento	<p>“Dia desses, no meio de uma crise de baixa autoestima, com muitos ataques e críticas pesadas a mim mesma, uma pessoa querida disse: “<i>se você se acha feia por ter engordado é porque, de alguma forma, considera que ser gorda é feio</i>”. Eis que a contradição se revelou óbvia. Oras, se esperneio porque meu cabelo está crespo, é porque acho, em algum nível, que cabelos crespos não são bonitos. Isso vale para qualquer parte do corpo. E a contradição dói. Porque racional e conscientemente acho todas as mulheres bonitas. Para olhar além disso, tem que ter um pouco de coragem para entender o que e por que está sendo reproduzido. Reproduzir os padrões é reproduzir as opressões mais estruturais e isso é feito o tempo todo. Por onde andamos encontramos receitas infalíveis para enquadrar.”IC</p> <p>“Essas pressões podem dialogar diretamente com as opressões estruturais e com questões individuais. Existir corpos que são considerados desajustados somado com alguma necessidade de aceitação, aprovação, ou outras tantas questões subjetivas, pode ser o casamento perfeito da baixa autoestima, e vai na contramão do empoderamento. Voltar a me achar uma mulher linda virou mais do que uma necessidade pessoal: é necessidade política. Amar a mim mesma é amar todos os corpos, todas as pessoas e talvez uma das maiores conquistas feministas. É por mim e por todas as mulheres e corpos não enquadrados. É por liberdade.” IC</p> <p>“O mundo cobra, sempre, pela “rebeldia” de se permitir ter um corpo mais</p>

avantajado. Por mais que hoje haja todo um discurso politicamente correto de que devemos nos aceitar como somos, nos pequenos detalhes, quem veste um número maior do que 44 é marginalizado na maioria das empresas de moda.” GP

“Por algum motivo, eu decidi que queria sair dessa. Fiz o tratamento correto e consegui me estabilizar. Tive alta no Proata, recuperei meu peso, entrei na faculdade. Continuei fazendo tratamento com médicos especializados, como faço até hoje, só que o que eu não imaginava — nem a Nathalia que decidiu sair dessa — é que eu jamais me curaria. O fato, minhas amigas, é que, anos após muito tratamento contra a anorexia nervosa, entendi que a Ana era uma espécie de relacionamento abusivo do qual eu jamais poderia me libertar realmente.”NM

“Mas o fato de ela jamais desaparecer não me impede de continuar lutando contra ela. Eu luto e quero muito que todas as mulheres que possuem esse transtorno continuem lutando. Quando consegui estabelecer meu caso clínico, decidi tatuar uma frase no meu pulso e ela diz “Quando nutre me traz vida”. Essa tatuagem me faz lembrar que a Ana pode ser forte e me derrubar as vezes, mas minha vontade de viver sempre vai ser maior.”NM

“Hoje, aos 26 anos, uma vida ativa de exercícios (4 treinos semanais intercalados entre boxe e pilates/fisioterapia postural), um namorado e amigos e amigas que adoram meu corpo e sempre me elogiam, ainda me olho no espelho, encontro banhas enormes e fico horas as apalpando, rezando para que tivesse uma barriga lisa sem todas aquelas dobras. No último final de semana achei que tivesse comido demais e vomitei. Mas hoje em um ímpeto de sobriedade resolvi que os números na balança não importam mais, aquelas gordurinhas também não. Seu exercício mental diário (quase horário) será olhar para seu corpo e se gostar, apreciar o que vê. Afinal, se os outros adoram o que vêem, por que não consegue?” CC

“Eu sou gorda. Normalmente, minha vida segue absolutamente normal sendo assim. Às vezes, rolam umas crises, mas são poucas.”MC

“E, igualmente esses dias, estava no sacolão com o namorado e duas garotas comentavam que “é importante a pessoa se sentir bem com ela mesma, mas não tem cabimento ter 1,5 metro e pesar oitenta quilos”. OK, eu tenho 1,55m e 80 quilos. Meu feminismo teve uma pequena vontade de voltar lá e dizer que tudo bem ter tais proporções, que não é por ter esse tamanho que eu deveria automaticamente ter problemas no joelho, diabetes ou falta de ar andando. Afinal de contas, o achismo que envolve a gordofobia normalmente vem acompanhado de argumentos sobre a saúde da pessoa gorda. Só que, ao invés de ter ficado chateada ou realmente incomodada, não senti nada. Minha vida, meu corpo, MINHA GORDURA, minhas regras. Encarei tal sentimento de plenitude, apesar de comentários externos, como sendo plenitude. Só que, apesar de eu me sentir uma

	<p>peessoa completamente normal com todas as minhas dobras e quilos, tenho dificuldades em me sentir bonita.” MC</p>
<p>Feminismos</p>	<p>“E, igualmente esses dias, estava no sacolão com o namorado e duas garotas comentavam que “é importante a pessoa se sentir bem com ela mesma, mas não tem cabimento ter 1,5 metro e pesar oitenta quilos”. OK, eu tenho 1,55m e 80 quilos. Meu feminismo teve uma pequena vontade de voltar lá e dizer que tudo bem ter tais proporções, que não é por ter esse tamanho que eu deveria automaticamente ter problemas no joelho, diabetes ou falta de ar andando. Afinal de contas, o achismo que envolve a gordofobia normalmente vem acompanhado de argumentos sobre a saúde da pessoa gorda. Só que, ao invés de ter ficado chateada ou realmente incomodada, não senti nada. Minha vida, meu corpo, MINHA GORDURA, minhas regras. Encarei tal sentimento de plenitude, apesar de comentários externos, como sendo plenitude. Só que, apesar de eu me sentir uma pessoa completamente normal com todas as minhas dobras e quilos, tenho dificuldades em me sentir bonita.” MC</p> <p>“Vinte por cento das mulheres que desenvolvem esse distúrbio alimentar morrem. Mas não me atropelo; porque com cinco quilos a menos, o patriarcado ainda me saudava. E a fronteira do estorvo... É que isto não bastaria mais. O fato, então, era que eu já não acreditava perseguir o desejo dum outro qualquer. Com a opressão inoculada, tinha por certo que era dona de mim — proprietária o quanto bastasse para, diante do espelho, destroçar meu reflexo. Se o cometesse agora, veria, então, uma coluna de mulheres por detrás de minha própria coluna; molestadas, todos os dias, pelas mesmas chibatadas que me açoitaram. Paradoxalmente, eu nunca antes me tocara tanto. Nunca antes me penetrara tanto. Se tempo tivesse, pararia por horas estudando cada regaço de meu corpo. Na peleja da imagem, eu vencia se conseguisse aprofundar o abismo em minhas costelas; se conseguisse caçar, na superfície da carne, os movimentos dentro de mim. A verdade sobre meu corpo é que o machismo não me ensinou só a odiá-lo; mas a destruí-lo, e a marchar, infatigavelmente, à procura dum outro.” LD</p> <p>“Então, viriam os olhares. A verdade é que sempre vêm. Na ciranda do patriarcado, o olhar come pelas beiradas, arrasta sentidos endiabrados para a mulher, e é o acúmulo simbólico duma realidade de opressão estrutural muito mais profunda. Entre nós e o outro, um abismo — de gênero e de juízo social. Eis, então, outra vez, o espelho defronte o qual eu refletia aquilo que não podia ser; que não queria ser, mas que era oprimida para sê-lo. A operação do feminismo, ao nível do sujeito, consistiria em desconstruir este espectro. Mas, àquela hora, eu não poderia fazê-lo. A espreita vinha ter comigo como um gatilho — e se descarregava para esfacelar meu forte, outrora construído para esconder uma verdade já esgarçada no chão.” LD</p> <p>“Todo par de olhos, em terem comigo, sempre me arregaçavam de cima a baixo. E, então, eu sentia traindo minha devoção. Não podia mais defendê-la — ou guardá-la da guerra que lhe haviam declarado. O ponto aqui é que</p>

todas as ditaduras engendram, por natureza, seus próprios nódulos de resistência. O feminismo resiste ao patriarcado; meu corpo, junto às forças sociais que me cercavam, tentava doidamente resistir à anorexia. As tentativas de outrem falharam. Mas as minhas próprias, ao se rebelarem, empurravam-me a consumir, compulsivamente, o que um adulto faminto não teria firmeza de enfiar para dentro em um dia inteiro. Eis aí minha ilha de penitência. A metáfora será sempre ingrata, mas, ainda assim, precisarei dela: a culpa em que meu corpo se esmorecia, ao perder o controle, é a mesmíssima que encalça a nós, mulheres, todos os dias, em duras rédeas estéticas, sociais, sexuais e culturais. Não por acaso, ambas podem nos sufocar. Até a morte.” LD

“Mas se apanho uma mulher dizendo que precisa perder peso, sinto um arrepio me correndo de cima abaixo, e me faço dismantelar a ideia. Teria instinto de dissuadi-la, agora. Segurá-la pelo ombro e dizer-lhe que não. Mas não poderia. Não conheço a vida que ela suporta nos ombros. Então, no que me torno, ao interceder? Toda ação, no feminismo, precisa ser coletiva. Isto não é sobre alguém. Estamos juntas, no meio do olho do furacão. Sente aqui. Eu não vou lhe contar uma história sobre anorexia. Eu vou lhe contar uma história sobre machismo. Você vem?”LD